



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ- UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA- CCN II
CURSO ARQUEOLOGIA E CONSERVAÇÃO DE ARTE RUPESTRE**

ADRIELE RODRIGUES DE SOUSA

**A (Re)Existência de Arqueólogas Negras: as Dores e as Delícias do Ser Mulheres
Racializadas na Arqueologia Brasileira.**

Teresina
2024

ADRIELE RODRIGUES DE SOUSA

A (Re)Existência de Arqueólogas Negras: as Dores e as Delícias do Ser Mulheres Racializadas na Arqueologia Brasileira.

Trabalho de Conclusão do Curso requisito final para a obtenção de Bacharelado em Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre pela Universidade Federal do Piauí.

Orientador: Dr. Vinícius Melquíades dos Santos

Teresina
2024

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Sistema de Bibliotecas UFPI - SIBi/UFPI
Biblioteca Setorial do CCN

S725r Sousa, Adriele Rodrigues de.
A (Re) existência de arqueólogas negras: as dores e as delícias do ser mulheres racializadas na arqueologia brasileira / Adriele Rodrigues de Sousa. -- 2024.
80 f. : il. color

Monografia (Graduação) - Universidade Federal do Piauí. Centro de Ciências da Natureza. Programa de Graduação em Arqueologia, Teresina, 2024.
“Orientador: Prof. Dr. Vinicius Melquiades dos Santos”

1. Arqueologia social. 2. Arqueologia de mulheres. 3. Mulheres negras. I. Santos, Vinicius Melquiades dos. II. Título.

CDD 930.1

ADRIELE RODRIGUES DE SOUSA

A (RE)EXISTÊNCIA DE ARQUEÓLOGAS NEGRAS: AS DORES E AS DELÍCIAS DO SER MULHERES RACIALIZADAS NA ARQUEOLOGIA BRASILEIRA.

Trabalho de Conclusão do Curso requisito final para a obtenção de Bacharelado em Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre pela Universidade Federal do Piauí.

Orientador: Dr. Vinicius Melquíades dos Santos

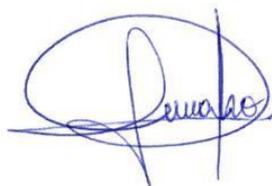
Teresina, 14 de agosto de 2024

BANCA EXAMINADORA

Vinicius Melquíades dos Santos
Orientador

Documento assinado digitalmente
gov.br JOINA FREITAS BORGES
Data: 09/09/2024 16:53:35-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Joina Freitas Borges
Examinadora Interna



Patrícia Marinho de Carvalho
Examinadora Externa

Documento assinado digitalmente
gov.br LARA DE PAULA PASSOS
Data: 18/09/2024 12:11:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Lara de Paula Passos
Examinadora Externa

À meu amado irmão Anderson Sousa *in memoriam*, que sempre me apoiou nos meus sonhos e projetos. Cuja partida deixou tempestades em minha mente, mas também a constante esperança de ver o sol brilhar novamente e recomeçar. Sua presença é sentida em cada página deste trabalho, pois sua força e amor continuam a me guiar mesmo na sua ausência física. Para sempre em minha mente e em meu coração. É nois! rs.

AGRADECIMENTOS

É com o coração transbordando de gratidão e emoção que me dirijo a vocês neste momento tão especial. São tantas as coisas pelas quais sou grata que me frustro por não saber de que forma expressar toda essa gratidão. Em primeiro lugar, agradeço a Deus, cuja presença e guia foram fundamentais em cada passo desta jornada desafiadora.

À minha família. Dedico essa etapa concluída com êxito às dedicações no seio familiar de minha mãe Adriana e minha irmã Andreia. Sou grata por tanto que contribuíram para minha formação.

A minha panelinha ao longo da graduação, meu quarteto espetacular, Larissa Andrade, Dara Horana e Beatriz Alves (samambikssss), que estiveram comigo desde o primeiro dia de aula até os momentos mais desafiadores. Obrigada por serem essenciais nessa longa jornada, com apoio, cumplicidade, surtos e companheirismo. Este TCC é tanto de vocês quanto é meu!

Aos meus amigos, é difícil nomear todos os meus amigos, mas citarei alguns que foram aconchego nos momentos difíceis, Elane Lima, Andressa Moreira, Edson Nunes, Sara Vieira, Cassia Emanuele e Benedita Rodrigues. Gratidão por serem a família que eu escolhi, a cada um dou salve e agradeço pelas partilhas.

À minha namorada Maria Lívia, agradeço o apoio e incentivo constantes, por compartilhar os inúmeros momentos de ansiedade, estresse e surtos. Obrigada pela paciência, companheirismo e compreensão.

Ao orientador Vinícius Melquíades, minha profunda gratidão pelo conhecimento compartilhado, pelas experiências divididas e pelos momentos de aprendizagem proporcionados. Suas broncas, insistências e, principalmente, incentivo foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

Aos professores que contribuíram para a minha formação, meu reconhecimento por sua dedicação e ensinamentos valiosos.

Aos colegas de curso, com quem convivi intensamente nos últimos anos, agradeço pelo companheirismo e pela rica troca de experiências durante esta jornada.

Um agradecimento especial a Lara Passos, Patrícia Marinho, Géssika Macêdo e Sharon Sarah por todas as trocas, conversas e ensinamentos que enriqueceram ainda mais este percurso.

Meu último agradecimento vai a todas as mulheres negras que vieram antes de mim, que traçaram caminhos e fizeram com que eu chegasse até aqui. Suas histórias são minha inspiração.

Que este seja apenas o começo de uma trajetória repleta de realizações. Obrigada a todos por fazerem parte desta conquista.

RESUMO

Esta monografia parte de uma crítica histórica que posiciona a arqueologia como um campo científico profundamente influenciado pelo colonialismo europeu. Em contraste, o estudo evidencia a presença e as percepções de arqueólogas negras, destacando suas contribuições e os desafios enfrentados nos últimos anos. Entre as figuras simbólicas e metodológicas, destaca-se a presença de Esperança Garcia, considerada a primeira advogada negra no Brasil, surge como marco de resistência e inspiração. O objetivo desta investigação é compreender como as vivências individuais e coletivas de mulheres negras influenciam a produção de conhecimento na arqueologia brasileira. Para isso, foi realizada uma revisão da literatura especializada, seguida por entrevistas com quatro voluntárias atuantes como estudantes ou profissionais na arqueologia. Os resultados indicam a necessidade de um novo olhar para a arqueologia, não mais como uma ciência colonizadora e externa às comunidades subalternizadas, mas como um campo fértil e legítimo para a sistematização de saberes e a manutenção de histórias e vivências, especialmente aquelas produzidas por arqueólogas negras

Palavras-Chave: Produção de conhecimento; Arqueologia Negra; Arqueologia Feminista; Mulheres negras.

ABSTRACT

This monograph starts from a historical critique that positions archeology as a scientific field deeply influenced by European colonialism. In contrast, the study highlights the presence and perceptions of black archaeologists, highlighting their contributions and the challenges faced in recent years. Among the symbolic and methodological figures, the presence of Esperança Garcia, considered the first black lawyer in Brazil, stands out as a landmark of resistance and inspiration. The objective of this investigation is to understand how the individual and collective experiences of black women influence the production of knowledge in Brazilian archeology. To this end, a review of specialized literature was carried out, followed by interviews with four volunteers working as students or professionals in archeology. The results indicate the need for a new look at archeology, no longer as a colonizing science and external to subordinate communities, but as a fertile and legitimate field for the systematization of knowledge and the maintenance of stories and experiences, especially those produced by archaeologists black

Keywords: Knowledge production; Black Archeology; Feminist Archeology; Black women.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1 A arqueologia como campo do saber: Um breve histórico desta ciência	11
2.2 Do Colonialismo aos Movimentos de Insurgências na Arqueologia	13
2.3 Qual é a Nova Cara da Arqueologia: Mulheres Negras Não Estão Sozinhas.	14
3. METODOLOGIA.....	16
3.1 Fluxo da pesquisa.....	16
3.2 A Etapa da Literatura	16
3.3 A Etapa das Entrevistas.....	17
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	18
4.1 A esperança reside no Piauí: um olhar a partir de uma negra insurgente a possibilidade de uma nova arqueologia	18
4.2 (Re)existir na arqueologia: as dificuldades de negras para tornar-se arqueólogas.....	32
4.3 “A gente combinamos de não morrer”: vivências de arqueólogas e perspectivas futuras ao campo	38
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS.....	49
APÊNDICE.....	54

1. INTRODUÇÃO

Nas diversas ciências têm-se notado a emergência de novas vozes que ecoam (re)existência. Esta monografia no campo da arqueologia pretende contar a história que a História não conta, conforme Foucault (2008), que entende História e Arqueologia como um único campo do saber humano, dedicado à compreensão de monumentos do passado que configuram o sentido atribuído aos fatos da vida cotidiana.

Em contraste com o campo da arqueologia tradicional, dominado por perspectivas eurocêntricas e masculinas, esta investigação busca observar as emergências de outras contribuições, impulsionadas pela inclusão de corporificações racializadas e novas abordagens técnicas e metodológicas à arqueologia. Destacou-se, sobretudo, a presença de mulheres negras arqueólogas que narram as repressões e resistências que enfrentam e ainda assim contribuem para o campo da arqueologia contemporânea.

Assim, esta pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso mapeou a presença de mulheres negras na produção arqueológica. A narrativa foi baseada na escuta das experiências de vida das próprias sujeitas através de entrevistas, alinhando-se ao conceito de escrevivência de Conceição Evaristo (Duarte *et al.*, 2020) a escuta de múltiplos timbres de mulher que se identificavam como negra e trabalham na arqueologia produzida uma arqueóloga negra feminista em fase de formação.

Nesse sentido, o problema que suscitou a pesquisa foi “De que maneira as vivências de mulheres negras na arqueologia podem influenciar o campo contribuindo na construção de um "nova" arqueologia?”. Para alcançar o propósito supracitado examinou-se depoimentos de quatro profissionais voluntárias que trataram das suas formações e atividades laborais, bem como as barreiras que enfrentaram e superaram as quais as possibilitou elaborar gramáticas e metodologias decorrentes da (re)existência na arqueologia.

O objetivo deste estudo reside no reconhecimento das contribuições de mulheres negras na arqueologia brasileira, abrangendo não apenas questões de gênero e raça, mas também as dimensões profissionais e as contribuições para o conhecimento na arqueologia contemporânea. A partir da escuta de "vozes outras", o estudo visa descrever as construções e contribuições dessas profissionais a uma nova arqueologia no Brasil.

Nesse sentido, esta é uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo resultado de duas abordagens investigativas. A primeira abordagem foi uma Revisão Integrativa da Literatura especializada, conforme descrito por Marconi e Lakatos (2010) e Souza *et al.* (2010). A segunda técnica empregada foi o exercício da escuta ativa de profissionais negras atuantes na

arqueologia, bem como de uma estudante de arqueologia, por meio de entrevistas semi-estruturadas, seguindo as orientações de Severino (2007). Posteriormente, os conteúdos coletados, tanto em texto quanto em áudio, foram analisados com base nas instruções de Bardin (2001).

Para cumprir com o propósito de desvelar a contribuição de mulheres negras na arqueologia brasileira, esta investigação seguirá em seu relatório a estrutura de três capítulos, além desta introdução e das considerações finais. São eles: Capítulo 2 em que se concentra o referencial teórico subdividido em três subseções a primeira “2.1 A arqueologia como campo do saber: Um breve histórico desta ciência” segunda por “2.2 Do Colonialismo aos Movimentos de Insurgências na Arqueologia” e por fim a “2.3 Qual é a Nova Cara da Arqueologia: Mulheres Negras Não Estão Sozinhas”; Capítulo 3 no qual estão detalhadas as técnicas e procedimentos de pesquisa subdividido também em três subseções, a primeira “3.1 Fluxo da pesquisa” e seguida por “3.2 A Etapa da Literatura” e por fim “3.3 A Etapa das Entrevistas” e o Capítulo 4 em que estão os resultados e discussões da pesquisa que também está subdividida em três subseções, a primeira “4.1 A esperança reside no Piauí: um olhar a partir de uma negra insurgente a possibilidade de uma nova arqueologia” seguida por “4.2 (Re)existir na arqueologia: as dificuldade de negras para tornar-se arqueólogas” e por fim “4.3 “A gente combinamos de não morrer”: vivências de arqueólogas e perspectivas futuras ao campo”.

Em síntese, este estudo cumpriu o propósito de examinar criticamente a estrutura científica da arqueologia, utilizando o diálogo estabelecido entre a literatura especializada e as experiências das voluntárias que contribuem para a produção de conhecimento na arqueologia brasileira contemporânea. A análise dos discursos revelou tanto as contribuições quanto às dores e delícias de ser mulher negra arqueóloga em terras Pindorâmicas¹.

¹ Pindorama é uma palavra que significa na língua Tupi “Terra das palmeiras” é o nome dado, segundo a literatura, ao que hoje conhecemos por território brasileiro. Brasil antes dos portugueses eram “Grã-Pindorama”. Conforme explica Lopes (2017) no livro 1499 O Brasil antes de Cabral.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A arqueologia como campo do saber: Um breve histórico desta ciência

O conhecimento é condicionado por relações de poder, como afirma Michel Foucault (2008; 2014). Assim, compreender o arranjo da arqueologia enquanto campo do saber requer a sistematização dos contextos político-ideológicos que moldam a construção da ciência como relações, assim, contaremos aqui a linha do tempo da arqueologia como disciplina.

A sistematização da arqueologia como disciplina seguirá os marcos estabelecidos por três obras, são elas: "A History of Archaeological Thought" (Trigger, 1989), "História del Estudio del Género en Arqueología" (Díaz-Andreu, 2014), e "História Social da Arqueologia" (Funari, 1994). Utilizando as noções foucaultianas, propomos entender o conhecimento arqueológico como algo produzido e legitimado por estruturas sociopolíticas

Dessa forma, a arqueologia, como campo científico dedicado a compreender o passado humano, pode ser vista em diferentes fases históricas. A linha do tempo a seguir sistematiza os principais marcos da arqueologia no Brasil, confira:

Figura 1: Linha do tempo da arqueologia brasileira



Fonte: elaborado pela autora

No século XIX, a arqueologia brasileira começou a ser documentada cientificamente. Em 1818, o naturalista alemão Hermann von Ihering fez as primeiras descrições científicas sobre a pré-história do Brasil. Posteriormente, em 1876, foi fundado o Museu Nacional no Rio de Janeiro, que se tornou um importante centro para o estudo e preservação de artefatos arqueológicos.

No Brasil, a arqueologia nasceu no final do século XIX, e suas práticas classificatórias estiveram confinada a museus praticamente até meados do século seguinte, sem uso político ou social, os primeiros centros acadêmicos de arqueologia no Brasil este viveram ligados, portanto, não a projetos intelectuais ou interesses ideológicos, mas à garantia da pesquisa científica de

um patrimônio em destruição (Barreto, 1999).

Em sequência, a partir do início do século XX, época de consolidação da arqueologia no ambiente acadêmico tem início como disciplinas eletivas ou obrigatórias em cursos das humanidades tais como: Ciências Sociais; Geografia e História. Como consequência da maior produção acadêmica da arqueologia no Brasil mais estudos e escavações passaram a ser realizados, destaca-se a contribuição do dinamarquês Peter Wilhelm Lund em 1911, em Minas Gerais, onde descobriu fósseis humanos e animais.

Em 1930, foi criado o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), que mais tarde se transformou no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), com o objetivo de proteger o patrimônio cultural, incluindo sítios arqueológicos. Durante as décadas de 1950 e 1960, a arqueologia brasileira continuou a se desenvolver. Em 1950, os arqueólogos americanos Betty Meggers e Clifford Evans realizaram escavações na Amazônia e propuseram a teoria de que a região tinha uma capacidade limitada para sustentar grandes populações humanas no passado. Em 1961, foi criado o Centro de Arqueologia do Museu Paulista da Universidade de São Paulo (USP), um marco importante para a institucionalização da arqueologia no Brasil.

Nas décadas de 1970 e 1980, a arqueologia brasileira viu avanços significativos como campo do saber autônomo, assim, em 1973 ocorreu a primeira conferência brasileira de arqueologia em São Paulo, promovendo o desenvolvimento da comunidade arqueológica nacional. Em 1987, foi fundada a Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), com o objetivo de promover o estudo e a divulgação da arqueologia no Brasil.

Entre as décadas de 1990 e 2000, a arqueologia no Brasil seguiu a estruturação de ciência de fato. Em 1990, Paulo Duarte publicou o "Manual de Arqueologia Brasileira", considerado um marco na literatura arqueológica do país. Em 1996, o IPHAN lançou o Programa Nacional de Arqueologia, reforçando a importância da pesquisa arqueológica para a preservação do patrimônio histórico brasileiro. No ano 2000, a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) criou um curso de graduação em Arqueologia, um dos primeiros no país.

Nos anos de 2010 a 2020, houve um aumento significativo no número de cursos de graduação e pós-graduação em arqueologia no Brasil, refletindo um crescente interesse e investimento na área. Em 2018, um incêndio no Museu Nacional do Rio de Janeiro resultou na perda de grande parte do acervo arqueológico, destacando a necessidade de maiores investimentos na preservação do patrimônio cultural.

Atualmente, a arqueologia no Brasil continua a expandir as fronteiras como campo de produção do conhecimento científico e sociopolítico. A Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008,

que torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira na educação básica, evidencia lacunas na formação da população e demanda da produção no campo arqueológico componentes ainda mais elaborados, sendo importante no avanço da arqueologia e da descolonização nacional.

Abordagens, técnicas e metodologias inovadoras, como a arqueologia subaquática, a arqueologia da paisagem e a arqueologia pública, vêm surgindo e contribuindo para o avanço da área. Em 2023, houve um crescimento das iniciativas de arqueologia comunitária e participativa, que envolvem comunidades locais na gestão e interpretação de seus próprios patrimônios arqueológicos.

2.2 Do Colonialismo aos Movimentos de Insurgências na Arqueologia

A arqueologia foi legitimada como ciência no ceio da produção de saber colonial e apropriação de artefatos e espaços subjulgado por nações europeias (Trigger, 1984, p. 361). Assim, a prática arqueológica em sua genese servia como instrumento para a imposição de desapropriação e exploração de saberes e corpos nativos, que nas relações socioeconômicas impostas. Esta vocação colonialista é evidenciada pela presença marcante de arqueólogos europeus em escavações ao redor do mundo, bem como pela apropriação de artefatos culturais, muitas vezes exibidos em museus fora de seus contextos originais.

Nos parques arqueológicos, a presença de pessoas racializadas não é exceção; no entanto, via de regra, são homens brancos que comandam as equipes. Recentemente, tem-se observado nativos liderando equipes nos campos de escavação. Mulheres racializadas na arqueologia, contudo, ainda são um fenômeno recente e continuam enfrentando resistências e invisibilização como propositoras.

Assim, destaca-se o entendimento de Díaz-Andreu (2014) que as contribuições das mulheres na arqueologia não são fenômenos recentes. Nesse sentido, esta pesquisa ao enfatizar a presença de mulheres nativas arqueólogas, mais especificamente mulheres negras e indígenas na arqueologia nos propomos compreender o tensionamento na construção da arqueologia como campo de produção de conhecimento.

Essa abordagem investigativa que propõe ver e ouvir mulheres na arqueologia lança luzes à diversidade das culturas investigadas, recompondo a história da arqueologia de maneira mais inclusiva e abrangente. Destacam-se, entre as pioneiras na arqueologia brasileira, Annette Laming-Emperaire e Niède Guidon, cujas contribuições foram fundamentais para o avanço do conhecimento sócio-histórico através de suas descobertas arqueológicas. Suas trajetórias

ilustram a importância de reconhecer e valorizar as vozes femininas na construção e desenvolvimento da arqueologia.

A arqueologia contemporânea está cada vez mais comprometida com a inclusão e valorização de “vozes” diversas e com o revisionismo crítico das bases sócio-históricas coloniais, conforme explica Funari (2003). Assim, está no horizonte a construção de uma "outra/nova" arqueologia, que busca descolonizar a história ao incluir, como propositores de interpretações do mundo, sujeitos e culturas exploradas e espoliadas. Este movimento de insurgência na arqueologia brasileira reflete uma maior sociodiversidade, resultante da valorização das cosmovisões indígenas e afrodescendentes, o que tende a melhorar as inferências científicas produzidas na arqueologia.

2.3 Qual é a Nova Cara da Arqueologia: Mulheres Negras Não Estão Sozinhas

As identidades vêm se tornando eixo discursivo relevante em todas as áreas de produção do conhecimento, especialmente nas ciências humanas. Saber quem realiza e como se realiza um estudo é fundamental. Nesta perspectiva, destacamos as identidades na produção arqueológica - sejam elas étnicas, sociais, culturais, nacionais ou de gênero - que influenciam as perspectivas dos profissionais que constroem o saber.

A construção de uma nova arqueologia, que busca descolonizar o campo e valorizar as vozes subalternizadas, é essencial para promover uma ciência mais equitativa e representativa. A inclusão de "nativos" e "nativas" nas práticas arqueológicas enriquece as pesquisas e desafia as estruturas de poder estabelecidas, promovendo maior justiça social e epistêmica na arqueologia.

A interseção de etnia e gênero na produção arqueológica feita por mulheres negras é o foco desta investigação (Akotirene, 2018; Collins e Bilge 2016). Vale destacar que existem diferenças entre a arqueologia de gênero e a arqueologia feminista dos anos 1970 e início dos anos 1980. Enquanto a segunda se centrava nas mulheres, a primeira trata, em teoria, de todos os gêneros. A arqueologia feminista não aceitava que cada categoria de gênero fosse universal, embora essa suposição fosse comum nos estudos sobre mulheres na época. O significado de "mulher" era considerado estável ao longo da história, o que resultou na falta de críticas e levou a cometer erros semelhantes aos que se queria evitar.

Atualmente, entretanto, essas abordagens têm passado por uma revisão crítica significativa. A arqueologia de gênero e a arqueologia feminista contemporâneas não são mais vistas da mesma forma que eram em suas origens. Hoje, elas incorporam uma análise mais

complexa e interseccional, reconhecendo que as categorias de gênero são instáveis e culturalmente situadas, e que essas categorias devem ser examinadas em conjunto com outras formas de opressão e identidade, como a raça e a classe. Essas novas perspectivas buscam evitar os erros do passado, propondo uma abordagem mais inclusiva e crítica que reconhece a diversidade de experiências e identidades na produção do conhecimento arqueológico.

A arqueologia pós-processual adverte que a forma como uma sociedade compreende as atividades de seus membros depende das negociações entre seus componentes, e a correspondência feita pela arqueologia feminista nem sempre é verdadeira. É necessário considerar a existência de muitos discursos paralelos - dos homens, das mulheres, das crianças, dos jovens, dos adultos e dos idosos - que podem subjetivar uma situação de formas muito diferentes (Hodder, 1986; Shanks; Tilley, 1987).

A arqueologia de gênero tende a desafiar as normas que sustentam desigualdades opressivas, especialmente no contexto dos sistemas de sexo/gênero (Gero; Conkey, 1991; Wylie, 2007). Vale conceituar que gênero é um conceito que diz respeito aos papéis sociais e comportamentos que foram culturalmente associados ao sexo biológico das pessoas. Voltando a pauta, podemos frisar que existem divergências profundas entre os pesquisadores, numa ampla gama de áreas, sobre se fazer pesquisa enquanto feminista requer que se concentre, num tipo particular de questão ou de objeto, e se a pesquisa deve estar, de alguma maneira, alinhada com o ativismo feminista (Harding, 1995).

Nesse sentido, a utilidade da história das mulheres vai além de servir apenas à história em geral. A ausência de uma narrativa não é dada pela falta das suas ações mas de ações suprimidas e subordinadas ao sistema patriarcal. Portanto, reconhecer e recuperar a ciência e o estado como colonialista e machista é essencial para reconstruir a nossa memória e reconhecer as contribuições das mulheres da produção do conhecimento (Lerner, 1990).

A arqueologia é intrinsecamente ligada ao presente, especialmente quando consideramos as demandas por justiça social da população afro-latino-americana. Em contextos afro-latino-americanos, a arqueologia assume uma dimensão contemporânea, focada na criação de narrativas que impulsionam políticas de reparação afrocentradas. Esta abordagem pode contribuir significativamente para desnaturalizar o racismo e combater a desigualdade social, como discutido por Andrews (2018). Ao explorarmos essas questões, estabelecemos paralelos e aproximações com outros países e regiões, destacando a importância do jogo de escalas e uma perspectiva global na arqueologia.

3. METODOLOGIA

3.1 Fluxo da pesquisa

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) surge a partir da investigação central que procura compreender a presença de mulheres negras na arqueologia contemporânea. Essa é uma pesquisa qualitativa de característica descritiva que empreendeu o exercício da escuta ativa de 03 (três) profissionais negras atuantes na arqueologia e 01 (uma) estudante de arqueologia por meio de entrevistas. Conforme Marconi e Lakatos (2003, p.174) “toda ciência utiliza inúmeras técnicas para obtenção dos seus propósitos”, assim, essa monografia se apoiou no conjunto de processos técnicos e metodológicos inicialmente da revisão da literatura especializada com a técnica de Revisão Integrativa e posteriormente da com entrevista semi-estruturadas e técnica de análise de conteúdo (Reis, 2008; Severino, 2007; Bardin, 2001).

3.2 A Etapa da Literatura

A busca por um referencial teórico para o tratamento das questões relacionadas ao ofício de mulheres negras na arqueologia levou à revisão e sistematização de elementos de três linhas teóricas principais: a formação acadêmica da arqueóloga e do arqueólogo no Brasil, que é abordada por Ferreira (2018) em "A Formação de Arqueólogos no Brasil", Souza (2021) em "A Expansão dos Cursos de Arqueologia no Brasil", Funari (1996) em "Arqueologia Brasileira" e Lima (2001) em "Arqueologia Brasileira Contemporânea: Reflexões Teóricas e Metodológicas"; o atravessamento dos marcadores de gênero e raça na intelectualidade brasileira, discutido por Ribeiro (2016) em "O que é Lugar de Fala?", Costa (2012) em "A carta de Esperança Garcia e os usos da memória da escravidão para a construção da identidade negra piauiense", Conkey e Spector (1984) em "Archaeology and the study of gender" e Gonzalez (1984) em "Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira"; e estudos relacionados à contra-colonialidade na arqueologia contemporânea, analisados por Boozer (2015) em "Archaeologies of Empire: Local Participants and Imperial Trajectories", McClintock (1995) em "Imperial Leather: Race, Gender, and Sexuality in the Colonial Contest", Haraway (1991) em "Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature" e Wylie (2002) em "Doing Archaeology as a Feminist: Moving from Theory to Practice".

3.3 A Etapa das Entrevistas

O procedimento da entrevista em profundidade é fundamental no processo de coleta de informações empíricas nas ciências sociais (Alves-Mazzotti et al, 2000), foi utilizada essa técnica na presente pesquisa para compreender as interpretações e influências de mulheres negras na arqueologia. Desta forma, utilizamos a técnica de entrevista semiestruturada (Severino, 2007) a condução da conversa com as três arqueólogas e uma estudante de arqueologia que se voluntariaram a compor este estudo. As conversas ocorreram entre janeiro de 2024, por meio de encontros remotos na plataforma Google Meet, com duração entre oito minutos e 1 hora e 27 minutos gravadas. As transcrição das entrevistas cedidas pelas voluntárias foram produzidas com o auxílio do aplicativo Celeste de transcrição, a análise de conteúdo que foi elaborada com o auxílio teórico de Bardin (2011). Confira na tabela abaixo a organização das entrevistas executadas e as respectivas transcrições estão no apêndice.

Quadro 1: Entrevistas realizadas com as quatro arqueólogas voluntárias

Características das entrevistadas			Status da entrevista		
n°	Nome da entrevistada	Cargo/Ocupação	Dia da entrevista	Tempo da entrevista	Páginas transcritas
1°	Lara de Paula Passos	Arqueóloga	11/01/2024	01:27:27	11
2°	Sharon Sarah Costa Silva	Estudante	13/01/2024	00:08:00	02
3°	Géssika Sousa Macêdo	Arqueóloga	19/01/2024	00:41:34	07
4°	Patricia Marinho de Carvalho	Arqueóloga	19/01/2024	00:38:56	06

Fonte: Elaborada pela autora

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 A esperança reside no Piauí: um olhar a partir de uma negra insurgente a possibilidade de uma nova arqueologia

Esperança Garcia, figura emblemática da resistência negra no Piauí, representa um marco significativo na construção de uma nova arqueologia que se alinha com as demandas e perspectivas das comunidades afro-brasileiras. Garcia, uma escravizada que em 1770 escreveu uma carta ao governador do Piauí denunciando os maus-tratos sofridos, simboliza a luta pela justiça e dignidade dos povos afrodescendentes (Costa, 2012). A partir de sua história, propõe-se uma arqueologia insurgente que não apenas reconstrói o passado, mas também empodera as comunidades locais e promove uma narrativa inclusiva e plural (Funari, 2013). Este olhar insurgente desafia as práticas arqueológicas tradicionais, ao questionar a hegemonia eurocêntrica e ao incorporar os saberes e as vivências das populações negras como elementos centrais na interpretação arqueológica (Santos, 2019). A relevância de Esperança Garcia na arqueologia contemporânea reflete-se na necessidade de práticas mais equitativas e representativas, que valorizem a diversidade cultural e a agência das comunidades historicamente marginalizadas (Lima, 2008).

“Esperança Garcia faz uma fotografia real da experiência humana de homens e mulheres negras que desceram aos infernos da escravidão” (Souza, 2020). A experiência de violência que uma mulher negra sofreu e a ação de enfrentá-la chegou até a atualidade e surge como um ato de grande prestígio na representação simbólica de resistência contra um sistema opressor derivado da escravidão, que produz segregação, preconceitos e discriminação de gênero, raça e classe social (Souza, 2020).

Esperança Garcia nasceu em uma sociedade dominada pela escravidão. No entanto, dentro de suas condições, recusou as limitações que lhe eram impostas. Conforme explica Costa (2012, p.4) “É comum entre os piauienses afrodescendentes a afirmação da importância histórica do ato de Esperança Garcia utilizado para a construção de uma identidade negra, especialmente uma identidade das mulheres negras piauienses” .

Através do ato de denunciar seu algoz, demonstrou sua coragem e marcou sua resistência contra as condições escravocratas da sua época. O reconhecimento desse ato expõe a compreensão atual deste posicionamento como um importante componente simbólico na luta contra a falta de liberdade, contra os preconceitos de raça e de gênero. Sua ação foi muito importante para as atuais gerações afrodescendentes que vêm firmando posições de pertencimento racial, bem como às mulheres diante da valorização das lutas e políticas de

gênero.

Conforme Santos (2020, p. 37), “[...] a categoria mulher negra é construída pela intersecção de conceitos que, manipulados em seus contextos locais e temporais, foram/são utilizados como mecanismo de dominação e, assim, determinaram/determinam lugares sociais para mulheres negras”. Busca-se, dessa forma, a contraposição na atualidade aos instrumentos históricos de subordinação nestas relações sociais que normatizam raça, gênero, classe social, condições jurídicas e sexuais. Exige-se, agora, novos parâmetros na construção de identidades, tal como acontece com as mulheres negras.

Ana Beatriz da Silva (2018, p. 30) chama a atenção para a seguinte assertiva:

Estudos que conjugam análises de gênero e raça têm evidenciado a condição singular das mulheres negras e revelam a complexidade dos efeitos provocados pelo entrecruzamento entre discriminação racial, sexual, classe e de gênero tanto na sociedade brasileira, como em outras regiões da diáspora africana. Em outro espaço de proposição, seria fundamental dar ênfase aos aspectos pouco explorados para análises acerca da presença das mulheres negras nos movimentos sociais, como um todo.

Santos (2020) faz uma análise sobre a negação da violência de raça e gênero através de documentos que demonstram um tratamento diferenciado para homens e mulheres que vivenciaram a escravidão, onde as relações e os tratamentos entre os gêneros jamais foram iguais. Segundo a autora, as mulheres negras sofreram, para além da escravidão, as “consequências do ser mulher” (Santos, 2020, p. 42). Dessa forma, os estudos no campo feminista que priorizam a mulher a partir das relações entre raça, gênero, classe e as múltiplas facetas enlaçadas nestas relações “preenchem lacunas” sobre as relações sociais que ocorrem no espaço e no tempo envolvendo o racismo e outros mecanismos que eram usados como “forma de dominação” (Santos, 2020, p. 34).

Analisando o histórico do conceito de raça, Oliveira (2019, p. 66) faz a seguinte declaração:

No decorrer do tempo, o significado do conceito de Raça foi sendo extrapolado para além de se fixar diferenças de coletividades com conotações físicas somente. O que houve foi a construção de um discurso hierarquizado para além da cor da pele ou traços morfológicos. Buscou associar, ainda, aspectos morais, qualidades psicológicas, intelectuais e culturais.

Os grupos de mulheres negras surgem justamente com o intuito de romper a lógica da violência, distinção que desumaniza por um excessivo período. Nessa perspectiva, a influência simbólica e o protagonismo de Esperança Garcia sobre a organização e ação das mulheres negras piauienses em busca de sua participação nos espaços públicos e a garantia de seus direitos, os quais foram violados ao longo do tempo, é primordial. Seguimos, assim, Rayssa

Carvalho e Solange Rocha (2016, p. 74), para quem o feminismo negro é entendido como a “[...] ação política de mulheres com o objetivo de transformar as hierarquias e relações de poder desiguais, privilegiando a perspectiva de gênero, a qual é utilizada nas suas interfaces com as questões de raça, classe e orientação sexual”.

A imagem de uma ancestral no processo da afirmação do pertencimento étnico-racial referência assim Esperança Garcia como a personagem ideal na construção da identidade da mulher afro piauiense.

Segundo Liliane Azevedo (2018, p. 7), as diversas imposições eurocêntricas foram negativamente “a origem dos negros” e “sua aparência”, tal como a cor, os cabelos, as roupas, em razão de que tais estereótipos eram sempre associados a rótulos pejorativos. Trazer a beleza negra como forma de desmistificar o que a cultura, a mídia e a sociedade mostram em contrariedade às tonalidades da pele negra busca dar uma dimensão de protagonismo a esses sujeitos para perceber a existência de suas belezas. Isso proporciona uma “imagem positiva” na construção do processo subjetivo da identidade de crianças e jovens negros (Malafaia, 2018, p. 13). “Na nova identidade negra, nos símbolos reafirmados pelos movimentos negros, o corpo foi um dos alvos da política dessa identidade, por ser a forma por excelência de identificação da pertença étnica do negro(a) como sujeito da história” (Monteiro, 2008, p. 82).

Já para Vanessa Rodrigues da Silva (2018, p. 4):

Os ativismos dessas mulheres na contemporaneidade, forjados no interior dos movimentos sociais, têm demonstrado que os movimentos sociais negro e de mulheres negras têm conseguido expandir a política da raça e da identidade negra, e aqui acrescento a questão racial de gênero, para locais em que elas antes não eram consideradas ou eram invisibilizadas.

Os movimentos sociais negros na atualidade utilizam de suas atuações políticas para ampliar seu campo de atuação, o que inclui aqui os movimentos feministas afrodescendentes, (em nosso caso de estudo, da mulher piauiense), que manifestam os tipos de opressões a que foram submetidas na sociedade, por relações de dominação que as inferiorizaram através de mecanismos de violência estruturadas sobre raça, gênero e classe social.

Superar estas violências que se entrelaçam sobre as mulheres negras é algo que transforma as estruturas históricas as quais estão submetidas, e estas transformações apresentam-se como o caminho para a garantia de direitos e equidade social como um todo (Santos, 2020, p. 35). Assim, chegaríamos ao objetivo de tais movimentos, qual seja: “[...] a superação das discrepâncias que existe na construção das identidades raciais e desconstrução das intolerâncias, capazes de permitir a integração social de todas as pessoas (mulheres negras)

do tecido social” (Oliveira, 2019, p. 189).

Nesse sentido, Santos (2020, p. 34) assevera que, embora não exista uma homogeneidade na origem do movimento de mulheres negras,

[...] seus objetivos e motivos de desenvolvimento são os mesmos – construir um movimento social que representasse as demandas da realidade das mulheres negras que por compartilharem com os homens negros a vivência da opressão de raça e classe não os excluam de seu projeto de emancipação.

Sobre esse ponto de vista Silva (2018, p. 32) sustenta que:

Como contribuição dessas ações do movimento negro, podemos apontar a ressignificação de símbolos negros e releituras históricas culturais, estéticas e religiosas com destaque às ações políticas em prol da educação, as quais têm conseguido provocar mudanças na esfera do Estado brasileiro.

Nessa mesma direção, Malafaia (2018, p. 15) afirma:

Assim percebemos que, apesar do processo de construção da identidade do sujeito negro poder ser complexa, há esperança para a ressignificação da construção de uma conscientização e valorização da cultura e estética do negro. É evidente a reconstrução do “ser negro” que atravessa a estruturação política e a sua identidade sociocultural, através de um processo de conscientização e valorização da negritude.

O processo de aceitação da identidade negra é desafiador, porque historicamente o negro foi ensinado “a negar a sua raça” (Malafaia, 2018, p. 11).

Esse comportamento pode ser claramente vinculado ao processo de fragmentação identitária sofrido pela personagem, assim como pode, também, representar a situação do negro submetido ao processo de desumanização praticado pelo sistema de escravização, voltado que era para a desestabilização do sujeito social e cultural. Alguns negros terminam por ceder ao sistema de aculturação, não mais se reconhecendo como negros e acabam ocultando suas raízes culturais. (Carmo; Carmo Filho, 2017, p. 146).

Considerando que a figura de Esperança Garcia tem sido instrumento essencial na formação da identidade e na afirmação do pertencimento étnico-racial, ela se tornou “[...] uma idealização para (os afrodescendentes, principalmente as mulheres negras), dando sentido político à criação de novas identidades” (Monteiro, 2008, p. 76).

Essas organizações buscam a implantação de projetos que valorizem a identidade negra e a inclusão social através de políticas públicas que promovam “políticas reparatórias” a esses segmentos que, no passado, tiveram suas culturas “inferiorizadas e estigmatizadas” visando à valorização e autoafirmação desses grupos, de acordo com Monteiro (2008, p. 21).

Tomemos como exemplo o Coletivo de Mulheres Negras Esperança Garcia, localizado

na cidade de Teresina. Essa instituição “não possui fins lucrativos”, trabalhando na afirmação da cultura afro e no empoderamento de mulheres negras, principalmente jovens e adolescentes (Monteiro, 2008, p. 41). Monteiro (2008, p. 42) também coloca que:

Trata-se de uma entidade de intervenção social a partir de uma perspectiva de melhoria das condições de vida da população feminina negra, de ampliação da democracia e de desenvolvimento de caráter sustentável para mulheres negras, bem como a sua preparação para o enfrentamento do racismo e do sexismo vigentes na sociedade piauiense e brasileira.

Tanto o Coletivo Esperança Garcia como as demais entidades têm um papel importante no movimento negro; afinal, através delas, os(as) afrodescendentes buscam seu reconhecimento por meio dos atos políticos que assegurem o fim da discriminação. Assim, segundo Monteiro (2008, p. 64) essas entidades trabalham com “projetos de oficinas para a juventude da periferia” com o intuito de elevar a autoestima e fortalecer a cultura afro dos jovens, distanciando-os da marginalidade e tornando-os mais empoderados. “Esse discurso permeia as narrativas construídas pelos movimentos negros, até mesmo como justificativa da inserção dos(as) negros(as) de diferentes camadas sociais no poder público” (Monteiro, 2008, p. 65).

Reportamos que, acerca da reflexão sobre os investimentos nas políticas públicas reparatórias para as populações negras, apesar de muitas lutas e conquistas dos movimentos sociais negros, ainda há muito a ser feito. Uma análise dos dados sobre a população negra piauiense citada por Sousa e Silva (2017, p. 9), do Censo Demográfico de 2010, permite-nos perceber que, dos indivíduos que estão na faixa etária de 15 a 24 anos, 44,86% dos pretos e 42,73% dos pardos são considerados “sem instrução ou com fundamental incompleto”.

No entanto, se tomarmos os mesmos grupos etários e étnicos e deslocarmos nosso olhar para o grau de instrução “superior completo”, os índices serão de 1,03% para os pretos e 1,20% para os pardos. A título de comparação, se tomarmos como referência a população branca na casa de 15 a 25 anos, teremos 33,48% como “sem instrução ou com fundamental incompleto” e 3,08% como “superior completo”.

E, se tomarmos como referência a categoria “25 anos ou mais”, o índice de “sem instrução ou com fundamental incompleto” será de 70,88% para a população preta, 66,35% para a população parda e 55,32% para a população branca. Já os percentuais, dentro da mesma categoria, apresentados como “superior completo”, são de 4,33% para a população negra, 5,82% para a população parda e 12,37% para a população branca. Os números são reveladores do “pouco acesso de negros e negras aos sistemas de educação” (SOUSA; SILVA, 2017, p. 9).

Santos (2020, p. 35) chama a atenção para o seguinte argumento:

Entretanto, as políticas públicas implementadas na última década e meia, o investimento em educação de nível superior e, também, no que diz respeito ao campo historiográfico, as discussões e produções advindas das problematizações impulsionadas pelo centenário da abolição, no final da década de 1980, possibilitaram a tomada de uma outra perspectiva em relação à escravidão, assim como o desenvolvimento do campo de estudos do pós-abolição e emancipações, alterando o cenário social e intelectual brasileiro em relação as questões raciais.

Seguindo outra linha de raciocínio, a professora Eunice Prudente (2020) destaca que “a mulher negra sofre uma tripla forma de discriminação, porque é mulher, negra e pobre”. Embora seja o Brasil um estado democrático de direito, tem um elevado nível de discriminação racial. Isso é demonstrado através dos dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), de 2016, evidenciando a disparidade salarial entre mulheres brancas que ganham 70% a mais que as mulheres negras.

Prudente (2020) levanta um posicionamento sobre a mulher negra, e faz a seguinte recomendação:

É preciso estudos e pesquisas inter-relacionadas entre gênero, etnia e classe social, tendo em vista os índices da pobreza, como relatam os órgãos do governo, que mostrem a situação socioeconômica, a desigualdade social e a família negra. A mulher negra, na base dessa pirâmide, sofre uma tripla discriminação.

Assumindo a seguinte análise, é dever do estado assegurar o acesso e o fomento a direitos básicos para todos, em especial às mulheres negras, em qualquer situação. É importante “reconsiderar a urgência de políticas de equidade para garantir os direitos das mulheres” (Miranda; Silva, 2019, p. 94) – em especial as negras.

A discussão em torno da desigualdade de gênero e da luta antirracista conduz à reelaboração do ser mulher negra e nos leva a visitar a história de Esperança Garcia, que foi definida pela estratégia de contestar a violação da sua vida. “Realizou feito de impacto para a coletividade e resistiu a processos violentos – tanto psíquicos como físicos” (MIRANDA; SILVA, 2019, p. 94).

Trazer para o centro dessa discussão a figura de Esperança Garcia nos mostra a importância de sua personagem na construção da identidade do afrodescendente, principalmente as mulheres negras piauienses e em seu processo de empoderamento.

No Piauí, diversos prédios arquitetônicos e espaços de sociabilidade foram nomeados em homenagem a Esperança Garcia, ressaltando a importância de preservar a memória pública. A Maternidade Esperança Garcia, situada em Nazaré do Piauí, região onde Esperança viveu, é

um exemplo significativo. Em Teresina, o Memorial Zumbi dos Palmares, dedicado à cultura negra em Teresina, foi renomeado para Memorial Esperança Garcia. Na Central de Artesanato Mestre Dezinho, no centro de Teresina, encontra-se uma escultura de barro em tamanho real de Esperança Garcia. Além disso, uma réplica do quadro de Esperança Garcia, pintada por Dora Parentes, está exposta no Museu do Piauí, também localizado no centro de Teresina.

No território de memória de Esperança Garcia, faltava ainda uma materialidade que permitisse sua presença nos espaços públicos: um corpo, um rosto, uma prova de existência. Essa demanda foi atendida em 2000 com a instalação de uma escultura de barro em tamanho real, criada pelo artista Charles do Delta, na Central de Artesanato Mestre Dezinho, um local turístico amplamente visitado em Teresina.

O Centro de Artesanato Mestre Dezinho é um espaço dedicado à produção e comercialização da arte piauiense, construído por volta de 1911. Originalmente, o prédio serviu como sede do Quartel Militar, e em 1981, sob a gestão do governador Lucídio Portela, foi transformado em um local para venda de peças de artesanato produzidas por artesãos locais. Atualmente, o centro integra o Complexo Cultural, que também abrange a Praça Pedro II, o Theatro 4 de Setembro e o Centro Cultural Clube dos Diários.

O Centro de Artesanato Mestre Dezinho oferece uma variedade de atrações e serviços, incluindo: Auditório Mestre Expedito; lojas para comercialização de produtos artesanais; pátio interno para estacionamento; palco para shows artísticos e culturais; restaurante de comidas típicas; espaço Buriti (oficina aberta); monumento em ferro da Árvore da Macrofauna; monumento em homenagem ao vaqueiro piauiense; jardim da História; escada das lendas; monumento da imagem de Nossa Senhora da Vitória, Padroeira do Piauí; 45 painéis retratando a história do Piauí desde a colonização; escola de Dança do Piauí; escola de Música; agência do Empreendedor.

O Centro homenageia diversos artistas locais, incluindo Mestre Dezinho, pioneiro da arte santeira no Piauí. Suas obras, junto com esculturas em ferro, madeira e argila de outros artesãos, retratam a rica história do estado. Entre os destaques está a Árvore da Macrofauna, um monumento de metal que simboliza o homem e a fauna do Parque Nacional Serra da Capivara.

No Jardim da História, situado no Centro de Artesanato Mestre Dezinho, destacam-se esculturas de barro retratando figuras proeminentes do Piauí, incluindo Esperança Garcia. Essas notáveis obras foram habilmente criadas pelo artesão Charles do Delta e capturam a essência de personalidades históricas como Torquato Neto e Da Costa e Silva.

A estátua representa uma mulher de estatura mediana, cerca de 1,60m de altura, sentada,

com os pés descalços e acorrentados, mas com as mãos livres, escrevendo uma carta, o texto da carta não é possível para leitura devido esta deteriorada, presumivelmente devido à degradação da estátua ao longo do tempo. Suas características são marcantes: pés descalços e acorrentados, ressaltando sua condição de escravizada. Notavelmente, o banco onde repousa apresenta uma peculiaridade: esculpida em sua base está a imagem de um rosto, conhecida como "imagem de cabeça de cuia". Segundo relatos do artesão Carlos Oliveira, proprietário do box em frente à estátua, esse tipo de ornamentação era comum nos bancos das praças de Teresina em tempos antigos. Além disso, é possível notar a presença de ferrugem na estátua, assim como a sugestão de um possível buraco próximo aos seus pés, talvez local de uma placa de identificação ou o texto da carta estivesse anteriormente fixada.

Figura 2: Estátua Esperança Garcia



Fonte: Vinícius Melquíades (2024).

A criação da escultura seguiu sugestões do historiador Luiz Mott, que descobriu a carta. Ele sugeriu que, sendo Esperança uma crioula nascida no Brasil e de religião católica, ela não deveria usar turbante ou cabelo trançado e sua vestimenta provavelmente seria um vestido ou blusa de algodão, sem largos decotes ou seios à mostra. Podia ter cabelos curtos ou usar um lenço na cabeça e, por ter filhos pequenos, era jovem, com cerca de vinte e poucos anos. Mott também sugeriu uma expressão altiva e sofrida para o olhar dela (Costa 2012). A estátua de Esperança Garcia, assim, integra o rol de homenagens que dão materialidade à

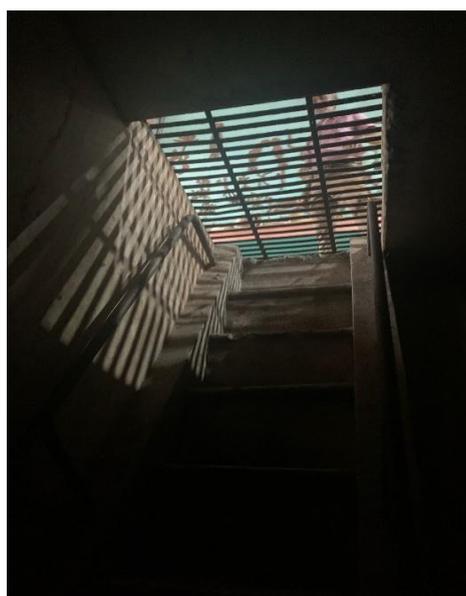
resistência de Esperança, aproximando-a das gerações presentes, criando empatia e comprometendo as pessoas com a luta contra o racismo.

Uma observação importante durante a visita foi a localização da estátua de Esperança Garcia em frente ao Box 43, chamado Arte Artista, que anteriormente funcionava como porão de tortura durante a ditadura militar. Este box, atualmente mantido pelo artesão Carlos Oliveira, ainda preserva elementos históricos daquele período, como a escada estreita e a sala sem janelas que foram usadas para tortura.

Figura 3: Porão de tortura durante a ditadura militar



Fonte: Foto tirada pela autora (2024)



Fonte: Foto tirada pela autora (2024)

Essa proximidade entre a estátua de Esperança Garcia e o antigo porão de tortura suscita algumas perguntas reflexivas: Existe uma conexão intencional entre a localização da estátua e o histórico do box 43? A escolha deste local para a estátua de Esperança Garcia poderia simbolizar a luta contra a opressão e a busca por justiça? Como a presença da estátua de uma figura que denunciou maus-tratos e lutou por direitos pode influenciar a percepção dos visitantes sobre o local de tortura? Que mensagem os curadores do Centro de Artesanato quiseram transmitir ao posicionar a estátua de Esperança Garcia precisamente nesse ponto?.

Desde a década de 1970, o Dia da Consciência Negra, comemorado em 20 de novembro em homenagem a Zumbi dos Palmares, tornou-se oficial no Brasil pela Lei nº 12.519 em 2011. Rompendo esse consenso, a lei do Estado do Maranhão escolheu a data da carta de Esperança (6 de setembro) como o Dia da Consciência Negra. Em 2017, o Memorial Zumbi dos Palmares em Teresina foi renomeado como Memorial Esperança Garcia. Essa mudança de

nome ocorreu após a publicação da pesquisa "Dossiê Esperança Garcia: Símbolo de Resistência na Luta pelo Direito" (Souza; Silva 2017), realizada pela Comissão da Verdade da Escravidão Negra da OAB-PI. Este trabalho utilizou a história de Esperança para destacar as resistências negra e indígena às injustiças (ibid.: 10).

O Memorial Zumbi dos Palmares, situado em Teresina, ocupa um imóvel urbano pertencente ao patrimônio imobiliário estadual e opera na antiga Unidade Escolar Domingos Jorge Velho. Este memorial foi criado como um reconhecimento da significativa contribuição da raça negra no processo histórico brasileiro e está vinculado à Secretaria Estadual de Cultura (SECULT). A escolha deste prédio se deu pela ausência de referências à raça negra na denominação de edifícios e logradouros públicos.

A antiga escola, que fazia referência explícita ao bandeirante paulista Domingos Jorge Velho, conhecido como exterminador de nativos e negros no vale do Rio Poti e chefe do massacre do Quilombo dos Palmares, foi transformada graças aos esforços dos movimentos afro-culturais piauienses. Eles lutaram pela mudança de nome e pela criação de um espaço dedicado à cultura negra, resultando no Memorial Zumbi dos Palmares.

O Memorial Zumbi dos Palmares foi instituído pela Lei n. 5.311 de 2003, com o objetivo de oferecer à sociedade piauiense a oportunidade de revisar os critérios históricos e sociais que definem as manifestações culturais da raça negra ao longo da história do Piauí e do Brasil. Em 2017, o espaço foi reaberto ao público com o nome de Memorial Esperança Garcia, em homenagem à primeira mulher negra e escravizada piauiense que, denunciou a violência contra a mulher e solicitou o direito de permanecer perto da família, simbolizando a resistência e a luta por liberdade dos negros. Apesar da renomeação, Zumbi dos Palmares continua a ser homenageado no espaço, com o local destinado às apresentações culturais recebendo seu nome. Esta justa homenagem reconhece a contribuição de Zumbi para o reconhecimento dos direitos dos negros na sociedade brasileira.

Figura 4: Arte na entrada do Memorial Esperança Garcia



Fonte: Foto tirada pela autora (2024)

O Memorial Esperança Garcia oferece cursos, oficinas e atividades afro-culturais abertas à comunidade, fundamentadas nos pilares da educação: "aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver e aprender a ser". A formação para a cidadania e a intervenção consciente na sociedade são objetivos centrais do espaço. Entre suas finalidades, o Memorial visa pesquisar e estudar ações voltadas para o conhecimento da história e das manifestações culturais da raça negra em diversos setores, demonstrando a riqueza e a pluralidade da cultura afrodescendente no Piauí, no Brasil e no mundo.

O Memorial também busca identificar termos e expressões linguísticas que enriquecem o conhecimento da história dos povos africanos e afrodescendentes, promover o intercâmbio cultural entre entidades representativas da raça negra no Piauí e outras partes do Brasil, e oferecer uma variedade de cursos e seminários para a população afrodescendente.

As atividades afro-culturais oferecidas pelo Memorial incluem capoeira, cinema negro, debates afro-culturais, exposições permanentes que homenageiam figuras negras, festivais de dança afro e saraus afro-literários. Entre os cursos disponíveis estão: corte e costura, culinária afro, dança afro, estudos de gênero, informática, inglês, Libras, língua yorubá, percussão, tranças e teatro. As oficinas afro-culturais abrangem áreas como artesanato (confecção de figurinos, tecidos, bonecas afro), boneca Abayomi, cenografia, estética negra, hip hop, maquiagem, saúde das populações negras, teatro negro (humano e de bonecos), turbantes e combate à violência contra as populações negras.

Figura 5: Exposição de Lélia Gonzales

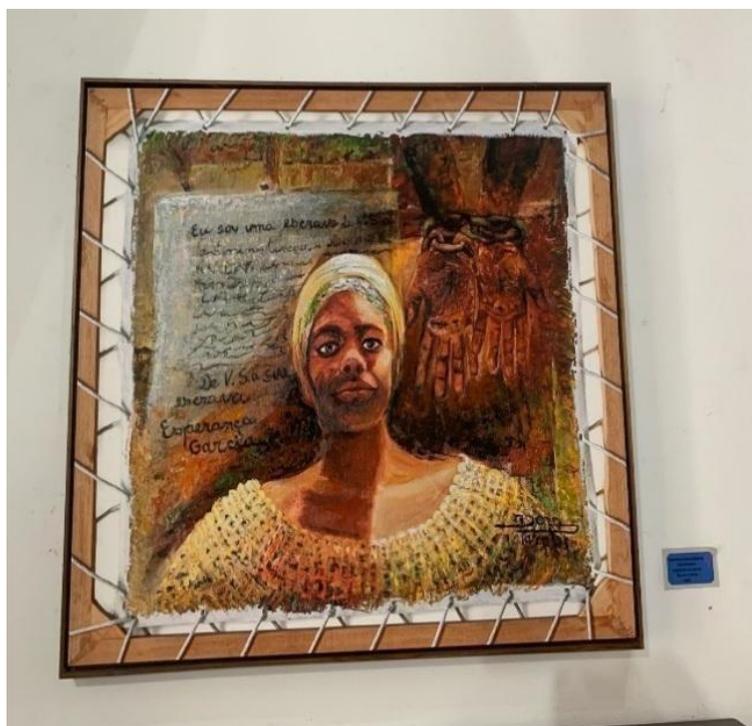


Fonte: Foto tirada pela autora (2024)

O Museu do Piauí foi criado em 1934, inicialmente como uma seção do Arquivo Público do Estado do Piauí. Em 1980, foi instalado no sobrado do antigo palácio do governo do Piauí, consolidando-se como uma importante instituição cultural do estado. Em 1999, o museu recebeu a denominação de Museu do Piauí "Odilon Nunes" em homenagem ao historiador piauiense de mesmo nome, destacando-se como um centro de preservação e difusão da história e cultura do Piauí.

No Museu do Piauí, encontra-se uma réplica do quadro de Esperança Garcia, uma obra criada pela artista plástica Dora Parentes. Esta obra destacou-se ao vencer o concurso "Um Rosto para Esperança Garcia", promovido pelo Conselho Estadual de Cultura, que reuniu obras de 13 artistas plásticos piauienses. O concurso tinha como objetivo retratar o rosto de Esperança Garcia, uma mulher escravizada que, no século XVIII, corajosamente denunciou os maus-tratos que sofria através de uma carta. A pintura de Parentes captura a essência da resistência e coragem de Esperança, eternizando sua história e luta por justiça.

Figura 6: Réplica do quadro de Esperança Garcia, uma obra criada pela artista plástica Dora Parentes ao concurso “Um Rosto para Esperança Garcia”



Fonte: Foto tirada pela autora (2024)

O concurso “Um Rosto para Esperança Garcia” foi um evento significativo, não apenas por seu valor artístico, mas também por seu impacto cultural e histórico. A missão dos artistas era criar uma representação visual de Esperança Garcia, contribuindo para a preservação de sua memória e reconhecimento de sua luta por justiça. A entrega da premiação e a apresentação dos trabalhos inscritos foram momentos de grande importância, destacando a relevância da figura de Esperança Garcia na história do Piauí.

Atualmente, o quadro vencedor do concurso encontra-se no Memorial Esperança Garcia, onde continua a desempenhar um papel crucial na educação e conscientização sobre a história de Esperança Garcia. O memorial oferece uma plataforma dedicada à preservação e celebração de seu legado, proporcionando ao público uma conexão mais profunda com sua história e suas contribuições para a luta por direitos humanos.

O Arquivo Público do Estado do Piauí, fundado em 1909, é responsável pela guarda e preservação de documentos de valor histórico, artístico e cultural produzidos no estado. Conhecido como Casa Anísio Brito, o arquivo desempenha um papel vital na preservação do patrimônio documental piauiense. De acordo com o historiador Alcebíades Costa Filho, em matéria publicada no jornal Diário do Povo do Piauí em 9 de julho de 2003, o arquivo

originalmente funcionava como museu, biblioteca e arquivo público. A partir da década de 1980, essas funções foram desmembradas, permitindo uma gestão mais eficiente de cada área.

O acervo do Arquivo Público do Piauí é diversificado, incluindo uma ampla gama de documentos e peças históricas. Entre os itens preservados, destacam-se: Documentação pública; Publicações de jornais e diários oficiais; Livros, almanaques e panfletos; Fotografias, plantas e desenhos; Partituras musicais e pinturas; Livros e obras raras.

Uma das descobertas mais importantes no Arquivo Público do Piauí foi a cópia da carta escrita por Esperança Garcia. Esta carta foi encontrada pelo historiador Luiz Mott em 1979, durante sua pesquisa de mestrado. O texto, escrito à mão em uma única página, é o documento mais antigo conhecido de reivindicação de uma pessoa escravizada a uma autoridade no Brasil. Na carta, Esperança Garcia denuncia os maus-tratos que sofria e solicita providências, evidenciando sua coragem e determinação na busca por justiça.

Infelizmente, o paradeiro da carta original de Esperança Garcia é desconhecido atualmente. Durante a década de 1990, a carta foi cedida para exposições sobre a escravidão no Piauí. Segundo a diretoria do Arquivo Público do Piauí, foi entre uma dessas exposições e o retorno ao arquivo que o paradeiro da carta se tornou incerto. Apesar dos esforços para localizá-la, a carta original permanece desaparecida.

Além da cópia da carta, outra referência significativa sobre Esperança Garcia encontrada no Arquivo Público do Piauí é o livro de Luiz Mott, intitulado "Piauí Colonial: População, Economia e Sociedade". Esta obra fornece um contexto detalhado sobre o período colonial no Piauí e destaca a vida e as contribuições de Esperança Garcia. A análise desse livro, junto com outros documentos do acervo, permitiu uma compreensão mais ampla das condições sociais e econômicas do período, bem como da resistência e resiliência de Esperança Garcia.

No contexto cultural e histórico de Teresina, a presença de Esperança Garcia transcende o tempo e o espaço, permeando os corações e mentes daqueles que reconhecem sua importância histórica e sua relevância contemporânea. Por meio da música, exposições e outras iniciativas culturais, sua memória é mantida viva, lembrando-nos da necessidade contínua de lutar por justiça e igualdade. Que sua história continue a inspirar gerações futuras a defenderem os direitos humanos e a promoverem a inclusão em todas as esferas da sociedade.

A música tem sido uma poderosa ferramenta para celebrar e disseminar a história de Esperança Garcia. A talentosa artista Jaisa Caldas, por exemplo, mergulha na coragem e na determinação de Esperança, traduzindo-as em canções que ressoam em todo o Brasil. Ao interpretar a carta de Esperança Garcia através de sua música, Jaisa não apenas homenageia a figura icônica da história brasileira, mas também amplifica sua mensagem de resistência e

empoderamento. Seus acordes e letras servem como um lembrete contínuo da importância de reconhecer e valorizar as contribuições da comunidade negra para a construção de uma sociedade mais justa.

As exposições dedicadas a Esperança Garcia oferecem um mergulho profundo na vida e no legado dessa mulher extraordinária. No Tribunal Regional do Trabalho da 22ª Região (TRT-22), por exemplo, a exposição "Esperança Garcia: uma história, um legado" destaca sua coragem e resistência diante das adversidades. Com materiais informativos e elementos visuais cuidadosamente selecionados, os visitantes são convidados a refletir sobre a luta de Esperança por justiça e liberdade, inspirando-se em sua história para promover a conscientização sobre a importância da igualdade social.

O Salão do Livro do Piauí (Salipi), evento cultural de destaque, reconhece Esperança Garcia como uma inspiração para a temática de sua edição de 2023: "Com livros há esperança, e com Esperança, liberdade". Essa escolha ressalta a crença na capacidade transformadora da literatura e do conhecimento, ecoando a coragem de Esperança ao denunciar os abusos sofridos por escravizados. O Salipi não é apenas uma feira de livros, mas sim um espaço de reflexão e esperança, onde as palavras ganham vida e significado, promovendo a diversidade, a inclusão e o respeito aos direitos humanos.

4.2 (Re)existir na arqueologia: as dificuldades de negras para tornar-se arqueólogas

A trajetória de mulheres negras na arqueologia é marcada por inúmeros desafios e barreiras estruturais. A luta para conquistar espaço nesse campo científico reflete as dificuldades históricas de acesso à educação e à formação acadêmica enfrentadas por essas mulheres (Ribeiro, 2016; Gonzalez, 1984). Segundo Ribeiro (2016), o "lugar de fala" das mulheres negras é frequentemente negado ou subestimado, o que impacta diretamente suas oportunidades de inserção e reconhecimento na academia. Além disso, a presença de marcadores de gênero e raça intensifica as discriminações vivenciadas por essas profissionais, como evidenciado por Silva (2011) e Passos (2019). Tais dificuldades são agravadas pela falta de representatividade e pela ausência de políticas públicas voltadas para a inclusão dessas mulheres em cursos de arqueologia (Funari, 2013). De acordo com Ribeiro (2017), a superação desses obstáculos exige um compromisso institucional com a diversidade e a equidade, promovendo um ambiente acadêmico que reconheça e valorize as contribuições das mulheres negras na construção do conhecimento arqueológico.

Para entender o cenário da representatividade de mulheres na arqueologia e na ciência,

no entanto, é necessário antes ir um pouco mais longe. As autoras Fabiane Silva e Paula Ribeiro (Silva; Ribeiro, 2011, p. 3) colocam a crítica feminista à ciência como catalizadora dos questionamentos dos próprios pressupostos da ciência moderna, “virando-a do avesso ao revelar que ela não é nem nunca foi neutra do ponto de vista de gênero, classe, raça/etnia”.

Instrumentada pelo conceito de gênero, a crítica feminista questiona o forte viés sexista e androcêntrico que permeia a ciência. Autoras como Donna Haraway (1991), Sandra Harding (1986), Helen Longino (1990) e Karen Barad (2007) discutem como a ciência historicamente definiu o homem branco, heterossexual, capitalista e ocidental como sujeito do conhecimento, influenciando os pressupostos epistemológicos que orientam o fazer científico e a forma como são socializados os sujeitos que buscam seguir na ciência. Elas argumentam que, assim como o gênero, a ciência é uma construção social e histórica, moldada por relações de poder.

Sabemos então que a ciência não é neutra, apenas masculinista em sua raiz, posto que, mesmo com a presença de mulheres em sua composição, condiciona-as aos cânones ditados pela hegemonia masculina branca e colonialista – onde a recusa de tais preceitos pode, inclusive, comprometer e ameaçar a permanência dessas mulheres na Academia. Assim sendo, como negar que o processo de valorização da produção se dá também de forma desigual? E no que tange às vertentes do pensamento científico que se propõem a questionar as normatividades produzidas pela ocidentalidade? A arqueologia científica surge como um reforço das estruturas disciplinárias modernas, conceituada como sendo a disciplina que “investiga a emergência, a manutenção e a transformação dos sistemas socioculturais através dos tempos por meio da cultura material por eles produzida”, de acordo com Tânia Andrade Lima (Lima, 2001:12) .

Na arqueologia, é possível atestar essa necessidade de diversificação e inclusão ao observar as grandes narrativas, que trazem consigo uma linguagem dominante, ainda que não seja percebida por aquelas e aqueles que as usam. Concomitantemente à eclosão dos primeiros movimentos feministas da primeira metade do século XIX e os estudos de gênero iniciados na década de 1960, emergem dentro da arqueologia e da antropologia novas visões voltadas para a recente demanda (pós-processual, interpretativa ou crítica) de incorporação de novos sujeitos na arqueologia. Nesse contexto, é importante ressaltar o Brasil que iniciava o período de redemocratização, um momento crucial que reforçou a necessidade de repensar e reconstruir as práticas arqueológicas de forma mais inclusiva e representativa. Dentro do campo de estudo surge então a Arqueologia de Gênero, que em seu início fazia uma distinção clara entre sexo e gênero. O Sexo, feminino ou masculino, era tido como biologicamente

determinado, e representado pelos remanescentes ósseos humanos. Já o Gênero, homem ou mulher, era visto como uma construção social, pois envolve o desempenho de papéis sociais, na maioria das vezes relacionada ao sexo dos indivíduos.

A Arqueologia Brasileira, muito além de uma reprodução fiel ou de uma falsificação copiada das teorias estrangeiras, tem se mostrado ampla em suas vocalidades e aberta para as dimensões sociais e humanistas (Lima, 2011, p. 22), tentando transcender às observações fetichistas dos objetos para uma compreensão mais inclusiva de contextos e sujeitos. Ainda assim, muito se deve e muito se atém aos clássicos de cada um desses afluentes. Mariza Côrrea (2001) aponta a articulação dessa luta a outros movimentos políticos e populares concomitantes, como a luta por direitos indígenas, os movimentos estudantis e o movimento LGBTQIA+. Na arqueologia, essa reflexão se faz presente no Brasil desde a década de 1990 a partir das críticas à arqueologia até então produzida nacionalmente, entendida como um “sistema paternalista, hierárquico e clientelista de organização do trabalho” entre pesquisadoras/es e alunas/os (RIBEIRO et al., 2017).

Ainda que haja na produção bibliográfica arqueológica a recorrente confusão já mencionada entre gênero, mulher, sexo e feminismo, essas temáticas aparecem em cerca de meia centena de textos produzidos no país desde 1990 (dados levantados a partir da pesquisa para o projeto Saia Justa da Arqueologia Brasileira: Mulheres e feminismos em apuro bibliográfico), por nomes importantes da prática arqueológica no Brasil como Tânia Andrade Lima, Irmihild Wust e Sheila Mendonça Souza. Constituída desde o princípio com a participação ativa de pesquisadoras, a arqueologia brasileira se configurou como um espaço onde há mulheres, mas não necessariamente se pesquisa sobre mulheres.

A presença de mulheres, a produção e circulação de ideias de mulheres e ideias ligadas a questões de gênero e feminismos na arqueologia brasileira nos últimos anos de uma forma mais ampla em eventos de alcance nacional, e também com a análise de um dos cursos centrais de graduação de Arqueologia e Antropologia Social. Mas, para além das práticas institucionais, é possível encontrar outras resistências à máquina normatizadora da arqueologia, que eclodem de formas pontuais em diferentes contextos, e juntas vão delineando novas possibilidades para uma mudança efetiva no campo. Faz-se necessário então colocar em prática os discursos contra hegemônicos, não apenas na própria produção acadêmica no que concerne a textos, artigos e livros. É preciso mudar também a forma de se enxergar a disciplina, como ela deve ser ensinada às gerações futuras, problematizada pelas gerações presentes e como foi construída nas gerações anteriores. As mulheres na arqueologia não só escavam, mas também lutam. Impõem suas ideias e seus anseios, suas

necessidades e demandas para que sejam ouvidas por toda a disciplina. A arqueologia como disciplina enfrenta a dificuldade de se trabalhar com lacunas e ausências em seus dados primários, resultando no fato de que a produção de seu conhecimento advém de evidências parciais, complexas e ambíguas (Boozer, 2015; Gero, 2007; Wiley, 2017).

Entretanto, isso não significa que qualquer coisa possa ser reivindicada sobre culturas pretéritas, suas dinâmicas internas e seus processos de transformação cultural. Aquilo que arqueólogas/os reconhecem como dados, e o que eles inferem ser sua significância enquanto “provas” são necessariamente estabelecidas em função de conhecimentos prévios (ou pré-concepções) (Bell, Martin, 2015).

Em uma perspectiva histórica, os vestígios materiais, denominados como arqueológicos por essa disciplina científica, compõem um processo bem mais longo, estando associados ao ato humano de colecionar, de selecionar e ressignificar aspectos materiais do mundo. Entretanto, essa relação com as materialidades, ao tornar-se ciência, assumiu uma visão colonialista das histórias e das diferenças, afetando a trajetória da arqueologia até o presente. Tal percurso, sexista, racista e nacionalista, tem resultado em silenciamentos e representações estereotipadas das sociedades do passado, bem como em agenciamentos e normatizações das sociedades do presente.

Estudos têm demonstrado como o campo científico da arqueologia brasileira tem sido marcado por autorias de homens brancos europeus e estadunidenses, que compõem a imensa maioria das referências utilizadas na formação acadêmica das/os profissionais do campo (Ribeiro et al., 2017; De Paula Passos, 2019). Esse quadro resulta na exclusão das experiências, vivências e conceitos engendrados por mulheres, pessoas negras, indígenas, periféricas e LGBTQIA+. A luta feminista reivindica o lugar da mulher como dona de si, de suas vontades e dos seus direitos na sociedade. Essa luta tem como grande marco a publicação do livro “O segundo Sexo”, da teórica social Simone de Beauvoir (1967) no qual, explicita as dificuldades para que a mulher torne-se independente e diz que “se as dificuldades são mais evidentes na mulher independente é porque ela não escolheu a resignação e sim a luta” (Beauvoir, 1967, P. 456).

A causa feminista, como supracitada, luta pelo direito da mulher na sociedade e, mesmo assim, houve a necessidade de fragmentar essa causa para abranger todas as mulheres e com isso surge, dentre tantos, o Feminismo Negro. Quando a luta feminista deixa de lado a vertente da mulher negra generalizando-as como lutadoras de uma mesma luta “acaba incorporando esse discurso e estruturando o discurso das mulheres brancas como dominante” (RIBEIRO, 2016, p. 101).

Quando falamos do Feminismo Negro, falamos de mulheres fortes que contêm historicamente a imposição. Mulher sendo posta, em um sistema patriarcal, na condição de última fala e negros na posição de servidão. As mulheres negras enquadram-se em duas realidades: a discriminação de gênero e a de raça. E estas em uma sociedade macho racista, como é o caso do Brasil, são mulheres que precisam enfrentar a discriminação de gênero e étnica simultaneamente. Isso é esclarecido por Coelho e Gomes (2015), quando dizem que mulher negra se insere na sociedade sofrendo o peso da dupla discriminação, raça e gênero. Nesse contexto é importante ressaltar que a opressão vivenciada pela mulher negra não é mais importante que a da mulher branca, porém é necessária a compreensão de que a mulher negra experimenta um conjunto de desvantagens sociais que resultam em uma posição social inferior à da mulher branca (Coelho; Gomes, 2015, p. 6). Percebe-se que dentro da dupla discriminação que a mulher negra sofre existem, ao menos, dois discursos ideológicos de classes historicamente dominantes: a classe patriarcal que enfatiza o homem como soberano; e a classe de supremacia branca que têm os negros como inferiores e dignos apenas de servidão aos brancos. Ao longo da História, mulheres negras vêm lutando para ocupar e conquistar mais espaços dentro da sociedade. Apesar de algumas mudanças já terem se concretizado, essas conquistas estão longe de serem igualitárias e menos sexistas nas esferas e práticas sociais. No campo literário não é diferente, visto que “não é com facilidade que essas mulheres conseguem se fazerem ouvir e serem lidas” (Quadros, 2017, P. 39).

As críticas feministas ao caráter androcêntrico das ciências em geral possibilitaram a revisão (ou reformulação) de diversos conceitos usados de maneiras não reflexivas, dos modos pelos quais as mulheres eram tratadas dentro das carreiras científicas, de quais as relações de poder permeavam seus meios, principalmente, abriu-se um campo para novas temáticas relacionadas ao corpo, às sexualidades e ao gênero.

A divisão da Arqueologia no Brasil em Pré-Histórica e Histórica, apesar de consolidada, nos conduz a um sentido tradicional destas noções. A Arqueologia Pré-Histórica seria a arqueologia dos grupos humanos sem escrita, enquanto a Arqueologia Histórica seria a arqueologia dos grupos humanos com escrita. Esta classificação indica uma negação da história dos grupos ágrafos, possuindo sua origem em uma antiga visão segregada do passado (Lightfoot, 1996, *Apud* Funari, 1996; Thomasi, 2010). Considerando ineficiente a divisão das “arqueologias” somente no que tange à escrita, propomos distingui-las através da formação do Mundo Moderno (Tocchetto, 2004), que se inicia com a expansão europeia e coincide com a consolidação do sistema capitalista e de uma nova ordem social

(Senatore; Zarankin, 2002). Considerando a cultura material como o principal objeto de estudo da Arqueologia, é também através dela que devemos propor uma distinção entre as “arqueologias” no Brasil. Em relação às fontes utilizadas na Arqueologia Histórica, Orser Jr. (1992) problematiza-as com maior ênfase e em maior número. Segundo este arqueólogo, na Arqueologia Histórica é comum o estudo de artefatos, estruturas, documentos escritos, mapas, pinturas, desenhos, fotos, história e testemunhos orais, além das transformações na paisagem decorrentes das ações dos grupos humanos.

Quando tratamos de Arqueologia Histórica no Brasil precisamos considerar que somente com o fim da Ditadura Militar, em 1985, se multiplicaram as pesquisas que deram ênfase à diversidade social brasileira, propiciando um salto quantitativo e qualitativo nos estudos em Arqueologia Histórica no Brasil (Lima, 2008). Como vemos, o período da Ditadura Militar (1964-1985) tirou inclusive a liberdade de se pesquisar a Arqueologia, o que pode ser considerado como um dos fatores que propiciaram certo atraso na adoção de novas linhas teórico-metodológicas por arqueólogos brasileiros. Esta afirmação pode ser corroborada se considerarmos que foi somente no início da década de 1990 que o processualismo passou a ser adotado nos trabalhos de Arqueologia no Brasil (Lima, 2002a).

Atualmente, os estudos em Arqueologia Histórica no Brasil mostram o caráter multidisciplinar da arqueologia como disciplina científica (Najjar, 2005). Este caráter multidisciplinar, associado à série de fontes de informação utilizadas em Arqueologia Histórica, como artefatos, estruturas, arquitetura, documentos escritos, informações orais, imagens e alterações na paisagem, confere à subdisciplina um extenso domínio sobre os aspectos cotidianos e a processos histórico-sociais mais amplos (Lima, 2002a).

Desde os primeiros achados e pesquisas arqueológicas no Brasil, ainda no século XIX, a Arqueologia tem se desenvolvido enquanto área de pesquisa e de trabalho, com atuação interdisciplinar de pessoas arqueólogas, sejam estrangeiras ou brasileiras. Inicialmente praticada como atividade amadora, inclusive pela família imperial e por pesquisadores ligados ao então recém-criado Museu Nacional, a Arqueologia tornou-se uma atividade acadêmica a partir da década de 1930. Fomentada por figuras como Paulo Duarte, Loureiro Fernandes e Castro Faria, a disciplina foi consolidada a partir da década de 1960, juntamente com as universidades no Brasil (Barreto, 1999; Funari, 2013; Souza, 2014; Zanettini; Wichers, 2014).

A criação de cursos de pós-graduação em Arqueologia como áreas independentes em universidades brasileiras foi um marco significativo. Segundo Silva (2020), os primeiros cursos surgiram na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 2002, seguido pelo

Museu de Arqueologia e Etnologia da USP em 2004 e pelo Museu Nacional da UFRJ em 2006. Além disso, em 2004, foi estabelecido o primeiro curso de bacharelado em Arqueologia vinculado a uma instituição pública, na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) no Piauí (Ferreira, 2018). Essas iniciativas foram cruciais para o desenvolvimento da profissão e a expansão da Arqueologia no Brasil. Atualmente, o país conta com 14 cursos de Graduação e 11 de Pós-Graduação em Arqueologia, demonstrando um crescimento significativo na área (Souza, 2021). No contexto atual, as discussões sobre as interseções entre gênero, raça, classe e orientação sexual têm ganhado destaque também dentro da Arqueologia brasileira. Segundo Santos (2019), essas discussões evidenciam como tais diferenças funcionam como eixos de subordinação que atravessam os corpos, interligados ao discurso da modernidade e colonialidade.

A expansão dos cursos de Arqueologia no Brasil nas últimas décadas trouxe mudanças significativas para a formação de profissionais e o desenvolvimento da área no país. No entanto, é importante questionar a presença e representatividade de mulheres negras nesses espaços acadêmicos. Como essas iniciativas têm contribuído para a inclusão e participação ativa de mulheres negras na Arqueologia? Em que medida as discussões sobre gênero, raça e outras questões identitárias estão sendo abordadas e refletidas nos currículos desses cursos e programas de pós-graduação em Arqueologia? Como as diferenças sociais, como gênero, raça e classe, têm impactado a prática arqueológica e a produção de conhecimento nesse contexto? Essas são questões essenciais a serem consideradas para promover uma maior diversidade e equidade nos ambientes acadêmicos e profissionais da Arqueologia no Brasil.

4.3 “A gente combinamos de não morrer”: vivências de arqueólogas e perspectivas futuras ao campo

Na célebre obra *Olhos d'Água*, a autora Conceição Evaristo traz consigo o manifesto bradado pelas comunidades negras, em uníssono, desde os períodos do tráfico transatlântico: “a gente combinamos de não morrer”. Esta frase ressoa como um grito de resistência e sobrevivência, ecoando nas trajetórias de mulheres negras que enfrentam as adversidades impostas por uma sociedade marcada pelo racismo e pelo sexismo. No contexto da arqueologia, essa resistência se manifesta nas vivências das arqueólogas negras, que persistem e resistem em um campo científico onde as desigualdades de gênero e raça ainda são prevalentes.

Ao longo da minha trajetória acadêmica, como mulher negra em processo de finalização da graduação em arqueologia, meu percurso foi marcado pela ausência de representatividade

de professoras negras no corpo docente, pois durante toda a graduação não tive a oportunidade de ser orientada ou ensinada por uma professora negra. Minha conscientização sobre o que significa ser mulher e mulher negra começou no ensino médio, onde participei ativamente de movimentos estudantis voltados para a discussão de temas como feminismo, negritude e questões LGBTQIA+. Esse envolvimento inicial despertou em mim um profundo interesse por essas questões, que continuei a explorar e aprofundar durante a minha formação acadêmica. O tema deste trabalho, que aborda o feminismo negro na arqueologia brasileira, reflete não apenas uma análise teórica e histórica, mas também uma introspecção pessoal, onde minha própria experiência se torna objeto de estudo. A intersecção de minha identidade com minha formação acadêmica ressalta a importância de trazer para o campo da arqueologia as vozes e perspectivas das mulheres negras, que ainda são pouco representadas e muitas vezes invisibilizadas nas ciências humanas.

Este capítulo explora as narrativas dessas profissionais, destacando as dificuldades que enfrentam, as estratégias de resistência que adotam e as suas visões para o futuro da arqueologia. As entrevistas revelam não apenas os desafios inerentes à carreira de arqueóloga, mas também as ricas contribuições que estas mulheres trazem para a disciplina, sublinhando a importância de uma abordagem inclusiva e diversa na construção do conhecimento arqueológico.

A trajetória de Lara Passos na área da arqueologia ilustra a complexidade e os desafios enfrentados por uma acadêmica negra em um campo tradicionalmente dominado por perspectivas hegemônicas. Lara compartilha sua experiência, oferecendo uma visão profunda sobre sua jornada acadêmica e os obstáculos que enfrentou.

Lara Passos iniciou sua jornada acadêmica em 2013, quando ingressou na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Originária de Sete Lagoas, uma cidade de cerca de 200 mil habitantes próxima à capital Belo Horizonte, Lara descreve seu ambiente educacional inicial como limitado em termos de representação racial e diversidade. Nascida em uma família de classe média emergente, com pais brancos e uma realidade familiar que exigia estabilidade financeira, Lara enfrentou desde cedo a pressão para garantir um futuro seguro por meio de uma formação acadêmica sólida.

Apesar do desejo inicial de seguir a carreira médica, Lara revelou sua verdadeira paixão pela arqueologia desde a infância. Sua decisão de escolher a UFMG, onde poderia estudar Antropologia com habilitação em Arqueologia, foi motivada pelo desejo de explorar e compreender o passado humano através dos vestígios materiais. Afirma: "Durante a graduação, eu descobri um novo entendimento sobre meu posicionamento racial e de gênero. A UFMG me ofereceu uma visão mais clara sobre essas questões, algo que eu não conseguia visualizar em

Sete Lagoas. Essa descoberta se tornou um compromisso político e acadêmico para mim. Eu queria contribuir para a arqueologia de uma maneira que refletisse uma perspectiva mais inclusiva.”

No entanto, Lara enfrentou uma realidade desafiadora dentro da academia. A falta de materiais de referência e a ausência de discussões sobre a contribuição de mulheres negras na arqueologia eram evidentes. Ela sentiu que o conhecimento produzido frequentemente negligenciava a perspectiva e a produção intelectual de pessoas negras, criando um ambiente onde a presença e a voz dessas pessoas eram minimizadas. Ela relata: "Eu percebi que havia uma grande lacuna na representação de mulheres negras na arqueologia. As discussões e os materiais acadêmicos raramente incluíam nossas perspectivas e contribuições. Isso não apenas afetava a minha percepção da área, mas também a de futuros acadêmicos que poderiam ter a mesma sensação de exclusão.”

O ponto de inflexão na carreira de Lara ocorreu quando ela se envolveu com o projeto Saia Justa, liderado por Loredana Ribeiro. Esse projeto ofereceu a Lara uma oportunidade de trabalhar com uma profissional apaixonada pela educação e pela arqueologia, o que teve um impacto profundo em sua trajetória acadêmica. O trabalho com Loredana e a colaboração com outros colegas, como Sarah Schmidt e Bruno Hanzani, foram cruciais para o desenvolvimento de Lara e sua decisão de continuar sua formação acadêmica, Lara afirma: "Trabalhar com Loredana Ribeiro no projeto Saia Justa foi transformador. Ela não apenas me orientou, mas também me inspirou a ver a arqueologia como uma ferramenta para questionar e expandir nossa compreensão do passado e do presente. A empolgação e o apoio dela foram fundamentais para eu manter minha paixão pela arqueologia e continuar meus estudos.”

Durante sua graduação e mestrado, Lara enfrentou desafios significativos, como a ausência de referências e o isolamento no campo da arqueologia. A dificuldade de encontrar colegas com experiências semelhantes e o desafio de conciliar trabalho e pesquisa foram aspectos marcantes em sua jornada. No mestrado, Lara se dedicou a uma análise bibliométrica sobre o curso de graduação, refletindo sobre a inclusão de mulheres e pessoas negras no campo da arqueologia. Seu trabalho revelou a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e representativa no currículo acadêmico.

Lara enfatiza a importância de se posicionar conscientemente na construção do conhecimento arqueológico e na educação, destacando que a presença e a contribuição de pessoas negras e mulheres devem ser reconhecidas e valorizadas. Ela acredita que o ambiente acadêmico e profissional deve se adaptar para acolher e apoiar a diversidade, permitindo que diferentes perspectivas e experiências sejam incorporadas à pesquisa e ao ensino.

Lara Passos descreve situações específicas onde enfrentou discriminação direta e indireta, como ser barrada na entrada da universidade enquanto seus colegas brancos passavam livremente. "Eu fui barrada na entrada da universidade junto com dois amigos negros. Enquanto isso, colegas brancos entravam sem qualquer problema. Esse episódio foi uma ilustração clara do racismo estrutural que ainda permeia nossas universidades. Foi um momento de clareza dolorosa sobre como o racismo ainda define quem pertence e quem não pertence àquele espaço."

Lara Passos não só traz à tona as dificuldades enfrentadas, mas também se posiciona como um modelo para outros estudantes e profissionais negros, mostrando que apesar dos obstáculos, é possível criar espaços de resistência e expressão dentro da academia. A importância de ser uma figura de resistência e representação para outros estudantes e profissionais negros. "Ao compartilhar minhas experiências, espero inspirar outros a persistirem em suas lutas. Precisamos criar e ocupar espaços de resistência e expressão dentro da academia. É possível, apesar dos obstáculos, fazer a diferença e lutar por um ambiente mais inclusivo e justo."

A arqueologia, com seu enfoque na materialidade, desempenha um papel crucial na recuperação e preservação das histórias das mulheres negras ao longo do tempo. Segundo Lara Passos, "A arqueologia tem esse suporte da materialidade que as disciplinas às vezes até negligenciam, achando que o importante é só a mente e não tanto o corpo ou a matéria. Mas a arqueologia atrai disso enquanto ferramenta, sustentando para as pessoas âncoras de pontos de memória, pontos de retorno, pontos de significado."

Essa materialidade permite que se resgatem aspectos da vida cotidiana das mulheres negras que de outra forma poderiam ser esquecidos ou subestimados. Lara ilustra isso com um exemplo prático: "Você ir ao museu e ver uma urna funerária indígena faz com que você pense: 'nossa, não é só em caixão que as pessoas são enterradas', 'nossa, não é só planta que tinha aqui antes de mil e quinhentos!'" Essas descobertas ampliam nossa compreensão do passado, demonstrando a diversidade e a riqueza das experiências humanas além do que é convencionalmente ensinado.

Além de recuperar histórias, a arqueologia contribui significativamente para a desconstrução de estereótipos sobre as mulheres negras. Lara Passos destaca como a sociedade impõe imagens limitadoras e preconceituosas sobre as pessoas negras, especialmente as mulheres: "Existir enquanto pessoa, e portanto enquanto mulher negra, tem sido cada vez mais um negócio muito condicionado pelas configurações sociais da colonialidade e hegemonia. As pessoas não acessam aquilo que elas podem ser, elas não conseguem nem imaginar coisas

diferentes do que poder ser, porque estão sempre sendo bombardeadas com imagens e materialidades daquilo que devem ser e daquilo que as pessoas esperam que elas sejam."

A presença de mulheres negras na arqueologia, segundo Lara, desafia essas expectativas: "Antes de eu abrir a boca, já causei um impacto numa sala que só tem pessoas brancas, porque o que se espera de uma mulher negra é que ou ela não seja tão inteligente quanto as pessoas brancas, ou que ela seja extremamente raivosa." Lara enfatiza a importância de criar narrativas alternativas e positivas que ajudem a construir uma imagem mais completa e empoderadora das mulheres negras.

A arqueologia não é apenas uma ciência, mas também uma forma poderosa de contar histórias que podem educar e inspirar. Lara Passos afirma: "Enquanto arqueólogos, temos muito esse aspecto de contador de histórias. A forma como a humanidade aprendeu a crescer é contando histórias, e nós conseguimos produzir educação. Educação e segurança são quase a mesma coisa, porque medo e violência estão muito atrelados à ignorância e à intolerância, que vêm com esses desconhecimentos."

Lara acredita que a arqueologia pode fornecer elementos para mudar as histórias constituintes daquilo que aprendemos desde crianças: "A arqueologia chega fornecendo para as pessoas elementos para mudar as histórias constituintes daquilo que a gente aprende desde quando a gente é criança, que a gente consiga pensar que uma história pode ser protagonizada por uma guerreira negra ou uma guerreira indígena."

A representação das mulheres negras na arqueologia é vital não apenas para a ciência, mas também para a autoestima e o senso de pertencimento dessas mulheres. Lara Passos reflete sobre a importância de ver outras mulheres negras na academia: "Se as mulheres negras fossem mais proeminentes na arqueologia, teriam sido mais evocativas para outras mulheres negras estarem na arqueologia."

Ela compartilha um exemplo pessoal, destacando o impacto positivo de sua presença na vida de uma aluna: "Para Luana, que foi minha aluna, foi tão importante ter me visto, e para mim foi tão importante ver ela. Esperei oito anos por ela, sabe? O que uma pessoa pode fazer quando é munida desde o início de todas as ferramentas que quiser usar para poder existir e pensar?" Lara acredita que ver e se inspirar em figuras semelhantes pode fortalecer a autoestima e a determinação das mulheres negras em buscar e alcançar seus objetivos.

Patrícia Marinho começou sua jornada acadêmica na Universidade de São Paulo (USP), ingressando no curso de Ciências Sociais aos 24 anos. Seu interesse pela arqueologia surgiu durante a graduação, particularmente através de disciplinas que exploravam a arte africana. Patrícia relata: "Foi a partir dessa disciplina que eu comecei a me interessar pela arqueologia,

estudar arqueologia, trabalhar com arqueologia." Sua decisão de seguir na área se consolidou com o ingresso no mestrado em 2008 e, posteriormente, no doutorado em 2014, concluído em 2018.

Patrícia destaca a relevância de sua trajetória pessoal e suas experiências como mulher negra em um campo predominantemente branco e masculino. Ela explica: "Minha trajetória acadêmica foi muito truncada, com questões de autoestima e dificuldade, especialmente por ser mãe e trabalhadora ao mesmo tempo." A experiência de Marinho na arqueologia não pode ser dissociada de sua vivência pessoal e das barreiras que enfrentou.

A interseccionalidade desempenha um papel fundamental na abordagem de Patrícia à arqueologia. Como ela mesma afirma, suas experiências pessoais e profissionais como mulher negra moldaram sua pesquisa e práticas acadêmicas. Ela observa: "Me entendendo enquanto mulher negra, tantas e tantas coisas que eu tive que fazer para me manter na academia e fazer para me manter viva." Sua vivência trouxe uma perspectiva única para suas pesquisas, especialmente na forma como ela se relaciona com comunidades quilombolas e na incorporação de sua espiritualidade afro-diaspórica.

Um dos maiores desafios que Patrícia enfrentou foi a mudança de São Paulo para o Mato Grosso para realizar uma pesquisa colaborativa com comunidades quilombolas. Ela relata: "Eu fui morar lá porque era um projeto de arqueologia colaborativa que precisava estar lá com as pessoas para entender aquela cotidianidade deles." Esse movimento foi fundamental para a criação de uma pesquisa mais simétrica e respeitosa com a comunidade local, rompendo com a visão eurocêntrica e distante da pesquisa acadêmica tradicional.

Patrícia também discute as dificuldades de ser uma mulher negra na academia, incluindo o machismo e o racismo estrutural que muitas vezes afetam suas interações e a percepção de seu trabalho. Ela destaca a necessidade de uma presença contínua e ativa de mulheres negras na arqueologia para combater esses estereótipos e criar um ambiente mais inclusivo.

A perspectiva feminista negra de Patrícia molda sua abordagem metodológica, influenciando a forma como ela conduz suas pesquisas e interage com as comunidades. Ela afirma: "Todo o meu fazer arqueológico ele é um fazer feminista partindo desse ponto de vista, porque não dá para dissociar uma coisa." Patrícia se esforça para garantir que a sua prática arqueológica respeite e integre as perspectivas feministas e afro-diaspóricas, refletindo suas convicções pessoais e acadêmicas.

Um exemplo específico de como essa perspectiva influenciou sua pesquisa é o desenvolvimento de um zine feminista colaborativo, criado com o intuito de proteger e apoiar mulheres arqueólogas no campo. Patrícia e suas colegas produziram este material como uma

resposta ao machismo que enfrentaram, demonstrando o impacto direto e positivo da perspectiva feminista na prática arqueológica.

Patrícia enfatiza a importância de incluir vozes diversas na pesquisa arqueológica. "A gente vive num país estruturalmente racista, e a gente precisa construir epistemologias negras para superar essa estrutura," afirma. Ela argumenta que a presença de mulheres negras e outras vozes diversas é crucial para a construção de um conhecimento arqueológico mais rico e representativo, desafiando e desconstruindo estereótipos e preconceitos.

Um ponto notável ao término da entrevista é a reflexão de Patrícia sobre a evolução da arqueologia e a diminuição de sua sensação de solidão na área. Ela observa que, ao contrário do passado, a crescente presença de estudantes e pesquisadores jovens engajados em epistemologias negras e afrocentradas oferece uma sensação de pertencimento e colaboração. Marinho expressa um otimismo renovado quanto ao futuro da arqueologia, onde a diversidade de vozes e perspectivas é cada vez mais valorizada. A afirmação "a solidão não tem volta atrás, nem um passo atrás é tudo nosso" simboliza um sentimento de empoderamento e um compromisso com a construção coletiva de conhecimento na arqueologia.

Géssika Macêdo, natural da região da Serra da Capivara no Piauí, é uma arqueóloga que desenvolve seu trabalho com uma forte conexão com a comunidade e uma perspectiva feminista negra. Sua trajetória profissional e acadêmica é marcada pela interação constante com a comunidade de São Braz, buscando entender e valorizar as relações dessas pessoas com os sítios arqueológicos próximos.

Géssika inicia sua reflexão sobre sua trajetória, mencionando que sua jornada acadêmica começou na graduação e se estendeu ao mestrado na UNIVASF, na Serra da Capivara. Ela destaca a relevância de seu trabalho com a comunidade de São Braz, focando na arqueologia pública e colaborativa. Como ela própria explica, "Desde a graduação, eu desenvolvo um trabalho com a comunidade, especificamente a minha, que é São Braz, e ali na linha da arqueologia pública, arqueologia colaborativa, tentando pensar na relação das pessoas com os sítios."

A influência de suas experiências pessoais como mulher negra na sua decisão de se tornar arqueóloga é evidente em suas falas. Géssika compartilha como suas vivências moldaram sua abordagem à pesquisa: "Eu trouxe essas experiências pessoais, e essas histórias acabam sendo um reflexo, do que a gente é." Ela aborda como o contato com narrativas indígenas e afrodescendentes, como a memória dos caboclos, impactou seu entendimento e interpretação dos sítios arqueológicos.

A interseccionalidade, para Géssika, é um aspecto crucial em sua jornada na

arqueologia. Ela reflete sobre as complexidades de ser uma mulher negra no campo acadêmico e menciona que “ser uma mulher já é um lugar que te coloca em um lugar diferente do que normalmente te esperam.” Isso reflete as barreiras e expectativas que ela enfrentou, ligadas tanto ao racismo quanto ao sexismo.

Géssika também compartilha desafios específicos que enfrenta como arqueóloga negra e feminista, destacando a necessidade de reafirmar constantemente suas referências: “Quando eu falo que eu quero entender uma situação social onde considera-se contribuições indígenas e negras, e aí eu estou utilizando o conceito de amefricanidade da Lélia Gonzalez ou de afropindorâmicas do Nêgo Bispo, as pessoas olham para mim e falam, ‘ah, mas você já leu Darcy Ribeiro?’” Esse ponto revela a dificuldade em legitimar e valorizar referências não-hegemônicas na academia.

Sua abordagem metodológica é fortemente influenciada pela perspectiva feminista negra. Como ela explica, “Eu vejo que ela [Lélia Gonzalez] traz um olhar que eu acredito que só uma mulher na condição dela poderia ter,” enfatizando a importância de integrar diferentes perspectivas para enriquecer a análise arqueológica.

Géssika menciona pesquisas que incorporam uma abordagem feminista negra, como as de Irislane de Morais e Gabby Hartmann, que influenciaram sua própria pesquisa. Ela destaca que essas abordagens permitem uma leitura que celebra a cultura e as estratégias de sobrevivência das comunidades estudadas, em vez de focar apenas no sofrimento.

Finalmente, a importância de incluir vozes diversas, especialmente de mulheres negras, é uma preocupação central para Géssika. Ela argumenta que “a inclusão dessas vozes é fundamental para trazer outras leituras para os contextos arqueológicos” e sublinha a necessidade de superar lacunas na representação intelectual e acadêmica.

Ao refletir sobre como a arqueologia pode contribuir para a compreensão das histórias das mulheres negras, Géssika observa que a disciplina pode ser uma ferramenta poderosa para evidenciar trajetórias e desafiar estereótipos, mencionando especificamente o papel das cerâmicas contemporâneas produzidas por mulheres negras e indígenas como um exemplo de emancipação e resistência.

A trajetória acadêmica de Sharon Sarah é uma rica demonstração dos desafios enfrentados por uma mulher negra na área da arqueologia. Sharon iniciou seus estudos com um profundo interesse em história e cultura, áreas que moldaram seu desejo de entender o passado através da arqueologia. Em suas palavras, “No ensino médio, eu gostava muito de história e filosofia. Tinha um interesse muito grande pela cultura e pela compreensão dela.” Este interesse a levou a ingressar no curso de Antropologia, mas, devido a dificuldades, não conseguiu

concluir o curso. Mais tarde, retomou seus estudos, desta vez focando em Arqueologia, orientada para uma abordagem de etno-arqueologia e uma compreensão mais inclusiva das comunidades e da materialidade.

Sharon enfrenta diversos desafios no campo da arqueologia, especialmente por sua identidade como mulher negra e nordestina. Ela destaca que, "A academia é um lugar ainda com pouca participação social, pouca participação de grupos minoritários." A falta de representatividade e de literatura que reflita uma visão diversa são evidentes em sua experiência acadêmica. Sharon ressalta: "A gente vê poucos professores, poucas professoras negras inseridas de fato nesse local."

Sua identidade racial influencia profundamente sua abordagem na arqueologia. Sharon descreve a discrepância entre sua visão e as interpretações predominantes na academia: "A minha visão é muito jovem e distinta das perspectivas predominantes, que muitas vezes são influenciadas por homens brancos e privilegiados." Ela busca uma abordagem mais pluralista e participativa, evitando a objetificação das comunidades e materialidades. Em suas palavras: "Sempre tento entender as particularidades daquela comunidade, daquela materialidade, daquela maneira de viver, daquela maneira de existir."

A experiência de Sharon na universidade tem sido marcada por insatisfação, particularmente pela falta de representação e discussão sobre questões raciais. Ela observa: "Eu sinto que falta estar falando sobre esse assunto na prática com os professores. Não há professores negros e nem mulheres na universidade, o que resulta na ausência de uma ótica diversificada." Esta lacuna se reflete na falta de eventos e seminários que abordem questões de inclusão racial e diversidade na academia.

Em termos de pesquisa, Sharon utiliza sua identidade racial para oferecer uma nova perspectiva. Ela acredita que, "Através da minha identidade racial, eu consigo ter uma nova visão e abrir novas perguntas e respostas sobre a pesquisa." Essa perspectiva enriquecida permite que ela entenda vivências e preconceitos de maneira mais profunda, comparado a uma abordagem meramente acadêmica.

Para outras estudantes negras de arqueologia, Sharon oferece conselhos valiosos. Ela sugere a importância de "estudar literatura afrocentrada e feita por mulheres," ressaltando que muitas vezes a literatura predominante não reflete a experiência negra. Sharon afirma: "Para ampliar nossa visão e compartilhar com nossos colegas, precisamos estudar e nos licenciar nos nossos conhecimentos."

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia buscou investigar a presença e as contribuições das mulheres negras na arqueologia contemporânea. Ao longo da pesquisa, procuramos compreender como as experiências pessoais e profissionais dessas arqueólogas influenciam as percepções e práticas no campo arqueológico, alinhando-nos ao conceito de escrevivência de Conceição Evaristo, que enfatiza a narrativa construída a partir das experiências de vida das próprias sujeitas.

Retomando o tema e o objetivo da investigação, a pesquisa revelou que a arqueologia no Brasil, historicamente dominada por perspectivas eurocêntricas e masculinas, tem passado por transformações significativas. Essas transformações são impulsionadas pela inclusão de novas vozes e abordagens feministas e interseccionais, destacando o crescente papel das mulheres negras. Apesar do aumento do número de mulheres atuando na arqueologia, há ainda uma escassez de trabalhos dedicados a questões de gênero e raça, evidenciando a necessidade de maior atenção a essas perspectivas.

Os principais resultados da pesquisa mostram que as mulheres negras na arqueologia enfrentam barreiras significativas, incluindo racismo e sexismo, que afetam suas trajetórias acadêmicas e profissionais. No entanto, suas contribuições são essenciais para a construção de um campo mais diversificado e crítico. Essas arqueólogas trazem novas metodologias e abordagens que enriquecem a prática arqueológica, desafiando paradigmas tradicionais e promovendo uma compreensão mais ampla e profunda da arqueologia.

A pesquisa trouxe à tona a importância das narrativas de escrevivência, que permitem reconhecer e valorizar as histórias e resistências das arqueólogas negras. Essa abordagem proporciona uma visão mais completa das transformações em curso na disciplina, evidenciando como as dinâmicas de diversidade e inclusão impactam a prática arqueológica.

No entanto, o estudo apresentou algumas limitações, principalmente devido ao foco regional no Nordeste, especificamente no Piauí. A realidade dessas arqueólogas pode diferir significativamente em outras regiões do Brasil e do mundo, sugerindo a necessidade de estudos mais abrangentes. Além disso, a interseção entre ser negra e arqueóloga apresenta desafios únicos que merecem um aprofundamento maior.

Para futuras pesquisas, recomenda-se ampliar o escopo geográfico e explorar as experiências de mulheres negras em diferentes contextos regionais e internacionais. Além disso, investigar a implementação de políticas de diversidade e inclusão nas instituições acadêmicas e de pesquisa poderia oferecer contribuições importantes para a promoção de um ambiente mais

equitativo na arqueologia.

Em síntese, concluímos que há fortes evidências que a arqueologia enquanto campo de produção de conhecimento legítima no Brasil está em um processo de descolonização, impulsionado pela inclusão de novas vozes e perspectivas subalternizadas pelo jugo e opressões coloniais. Este estudo contribui para o debate sobre diversidade e inclusão na ciência arqueológica, ressaltando a importância das mulheres negras na redefinição da arqueologia preta feminista.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro, 2018.

ANDREWS, George Reid. **Afro-Latin America: Black Lives, 1600-2000**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2018.

AZEVEDO, Liliane Rodrigues de. **Lélia Gonzáles: um legado para o feminismo e o Movimento Negro Brasileiro**. In: COPENE – CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISADORES NEGROS. (RE) EXISTÊNCIA INTELLECTUAL NEGRA E ANCESTRAL – 18 ANOS DE ENFRENTAMENTO, 2018, Uberlândia. Anais... Uberlândia: UFU, 2018. p. 1-18.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARRETO, C. 1999a **Arqueologia brasileira: uma perspectiva histórica e comparada**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo (no prelo).

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BELL, Martin. 2015. **Experimental Archaeology at the Crossroads: A Contribution to Interpretation or Evidence of “Xeroxing”?** In: CHAPMAN, Robert, WYLIE, Alison. (Eds.). *Material Evidence: Learning from Archaeological Practice*. London: Routledge, 2015, p. 42-58.

BOOZER, Anna L. 2015. **The Tyranny of Typologies. Evidential Reasoning in Romano-Egyptian Domestic Archaeology**. In: Chapman, R. & Wylie, A. (eds). *Material Evidence: Learning from Archaeological Practice*, pp. 92–109. London: Routledge.

BOOZER, Anna L. **Archaeologies of Empire: Local Participants and Imperial Trajectories**. Oxford: Oxbow Books, 2015.

COELHO, Andreza Maria de Sá. GOMES, Sansarah da Silva. **O Movimento Feminista Negro e suas particularidades na sociedade brasileira**. VII Jornada Internacional de Políticas Públicas, Maranhão, 2015.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Intersectionality**. Cambridge: Polity Press, 2016.

CONKEY, M. W. and Spector, J. D. 1984. **Archaeology and the study of gender**. *Advances in Archaeological Method and Theory*, 7: 1–32.

COSTA, Alcebíades. Arquivo Público do Estado do Piauí. **Diário do Povo do Piauí**, 9 jul. 2003.

COSTA, F. R. 2012, “**A carta de Esperança Garcia e os usos da memória da escravidão para a construção da identidade negra piauiense**”, *Anais do III Seminário Internacional História e Historiografia*, X Seminário de Pesquisa do Departamento de História - UFC Fortaleza, 1 a 3 de outubro de 2012.

DÍAZ-ANDREU, M. **Historia del Estudio del Género en Arqueología**. Madrid: Ediciones Akal, 2014.

EVARISTO, Conceição. **A Escrivência e seus subtextos**. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). *Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020a. p. 26-47.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'Água**. São Paulo: Pallas, 2014.

FERREIRA, Ana. **Desenvolvimento e desafios da Arqueologia no Brasil**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2018.

FERREIRA, Luiz O. **A Formação de Arqueólogos no Brasil**. Campinas: Papirus, 2018.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 27. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2014.

FUNARI, P. P. A. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2003.

FUNARI, P. P. A. **História Social da Arqueologia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

FUNARI, Pedro P. G. **Arqueologia e o impacto das mudanças políticas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

FUNARI, Pedro P. G. **Introdução à Arqueologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

GERO, J.; CONKEY, M. 1991. **Tensions, pluralities, and engendering archaeology: an introduction to women and prehistory**. In *Engendering Archaeology: Women and Prehistory* (eds J. M. Gero and M. W. Conkey). Cambridge, MA: Blackwell, pp. 3–30.

GONZALEZ, Lélia. **"Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira."** *Ciência & Cultura*, v. 36, n. 7, p. 992-1003, 1984.

HARAWAY, Donna. **Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature**. New York: Routledge, 1991.

HARDING, Sandra. **Is Science Multicultural? Postcolonialisms, Feminisms, and Epistemologies**. Bloomington: Indiana University Press, 1998.

HODDER, Ian. **Reading the Past: Current Approaches to Interpretation in Archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

LERNER, Gerda. **The Creation of Patriarchy**. Oxford: Oxford University Press, 1990.

LIGHTFOOT, K. G. **"Culture Contact Studies: Redefining the Relationship between Prehistoric and Historical Archaeology"**. In: FUNARI, P. P. A. (Ed.). **Historical Archaeology in Latin America**. São Paulo: Contexto, 1996.

LIMA, Luiz O. **Arqueologia Brasileira Contemporânea: Reflexões Teóricas e Metodológicas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LIMA, Tânia Andrade. **Arqueologia e gênero no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

LIMA, Tânia Andrade. **Arqueologia e gênero: um debate**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

LONGINO, Helen E. **Science as Social Knowledge: Values and Objectivity in Scientific Inquiry**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1990.

MALAFAIA, Evelyn Dias Siqueira. **A importância da representatividade negra na construção de identificação em crianças negras a partir de literatura infantojuvenil negra**. In: COPENE – CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISADORES NEGROS. (RE) EXISTÊNCIA INTELLECTUAL NEGRA E ANCESTRAL – 18 ANOS DE ENFRETAMENTO, 10., 2018, Uberlândia. Anais... Uberlândia: UFU, 2018. p. 1-18.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2000.

MCCLINTOCK, Anne. **Imperial Leather: Race, Gender, and Sexuality in the Colonial Contest**. New York: Routledge, 1995.

MIRANDA, Helena; SILVA, Luciana. **Desigualdade de gênero e luta antirracista: perspectivas contemporâneas**. Revista Brasileira de Políticas Públicas, v. 17, n. 2, p. 90-100, 2019.

MONTEIRO, Simone. **A identidade negra e as políticas públicas em Teresina**. Revista de Ciências Sociais, v. 8, n. 1, p. 75-83, 2008.

NAJJAR, Rosana. **Arqueologia histórica: manual**. Brasília: IPHAN, 2005.

OLIVEIRA, Teresa Cristina de. **A historicidade do conceito de raça**. Estudos Históricos, v. 32, n. 2, p. 63-78, 2019.

ORSER JR., Charles E. **The archaeology of race and class**. New York: Routledge, 1992.

PASSOS, Lara de Paula. (2019). "**Arqueopoesia: uma proposta feminista afrocentrada para o universo arqueológico**." Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Minas Gerais.

PRUDENTE, Eunice. **A tripla discriminação da mulher negra no Brasil**. Estudos de Gênero e Diversidade, v. 22, n. 1, p. 18-26, 2020.

QUADROS, Karla. **Desafios e conquistas das mulheres negras na literatura**. São Paulo:

Editora Unesp, 2017.

REIS, José Carlos. *Metodologia Científica: Filosofia e Prática da Pesquisa*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

RIBEIRO, Djamila. **O que é Lugar de Fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2016.

RIBEIRO, Loredana. (2017). "**Crítica feminista, arqueologia e descolonialidade: Sobre resistir na ciência.**" *Revista de Arqueologia*, 30(1), 210-234.

RIBEIRO, Loredana; DA SILVA, Bruno Sanchez Ranzani; SCHIMIDT, Sarah & PASSOS, Lara. **A saia justa da Arqueologia Brasileira: mulheres e feminismos em apuro bibliográfico**. *Estudos Feministas*, v. 25, n. 3, p. 1093-1110, 2017.

ROCHA, Solange; CARVALHO, Rayssa. **Feminismo negro e o papel das mulheres negras no Brasil**. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNERO, 2016, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: UFRJ, 2016. p. 70-80.

SANTOS, A. **Gênero, Raça e Classe na Arqueologia Brasileira**. São Paulo: Ed. USP, 2019.

SANTOS, L. **Violência de Raça e Gênero na Escravidão Brasileira**. Salvador: Ed. UFBA, 2020.

SANTOS, Maria Beatriz. **A negação da violência de raça e gênero**. *Revista de História Social*, v. 22, n. 1, p. 30-44, 2020.

SENATORE, Laura; ZARANKIN, Ariel. **Arqueologia e capitalismo: uma análise crítica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SHANKS, Michael; TILLEY, Christopher. **Social Theory and Archaeology**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1987.

SILVA, Fabiane. **A Arqueologia e as novas perspectivas de gênero**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

SILVA, Fabiane; RIBEIRO, Paula. **Crítica feminista e ciência: uma revisão**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

SILVA, Vanessa Rodrigues da. **Os ativismos de mulheres negras e suas contribuições**. *Revista de Ciências Sociais*, v. 32, n. 2, p. 4-19, 2018.

SOUSA, Carlos; SILVA, Maria. **Censo Demográfico 2010: Análise da população negra no Piauí**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2017.

SOUZA, Lucas G. **A Expansão dos Cursos de Arqueologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2021.

SOUZA, Luís; SILVA, Maria. **Dossiê Esperança Garcia: Símbolo de Resistência na Luta pelo Direito**. Comissão da Verdade da Escravidão Negra da OAB-PI, 2017.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. **Revisão integrativa: o que é e como fazer**. Revista Einstein, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

SOUZA, Mariana. **O desenvolvimento da Arqueologia no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

THOMASI, C. **A Negação da História dos Grupos Ágrafos**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2010.

TOCCHETTO, César. **Arqueologia e Mundo Moderno: uma nova abordagem**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

TRIGGER, B. G. **A History of Archaeological Thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

TRIGGER, B. G. **A History of Archaeological Thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

WILEY, A. **Cultural transformations and archaeological knowledge**. Tucson: University of Arizona Press, 2017.

WYLIE, Alison. **Doing Archaeology as a Feminist: Introducing the "F" Word in Archaeology**. Journal of Archaeological Method and Theory, v. 14, n. 3, p. 209-216, 2007.

WYLIE, Alison. **Doing Archaeology as a Feminist: Moving from Theory to Practice**. In: WYLIE, Alison; GERO, Joan M. (Eds.). **Gender and Archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 23-50.

ZANETTINI, Joana; WICHERS, Rosana. **História da Arqueologia no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

APÊNDICE

Apêndice A: Entrevistada n° 1

Dia da conversa	11/01/2024 as 14h
Tempo de entrevista	01:27:27
Nome da entrevistada	Lara de Paula Passos
Link do encontro remoto	https://drive.google.com/file/d/1f6CJzHmriApnYISNiPU1_WDylk5Ye-oX/view?usp=sharing
Breve descrição	Lara De Paula Passos é Bacharel e Mestra em Antropologia com habilitação em Arqueologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutoranda em Antropologia com área de concentração em Arqueologia pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGAN-UFMG). Poeta, multiartista, escritora e colagista, integrante do coletivo cultural Cajila Laboratória. Tem interesse nas áreas de Antropologia e Arqueologia, com ênfase em crítica da ciência, descolonialidade, arqueologia feminista, arqueologia histórica, diáspora africana, negritude e escravidão, literatura negra e afro diaspórica. Membro co-fundadora do Coletivo Luzias de mulheres da Arqueologia e da NEGRARqueo - Rede de Arqueologia Negra.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

ADRIELE:

Acho que nesse primeiro momento falar um pouquinho mais de você e sua trajetória profissional.

Lara Passos:

Bom, eu entrei na universidade em dois mil e treze(2013), eu sou oriunda de uma cidade que é próxima da cidade que é a capital do meu estado né, eu sou de Minas Gerais, e nasci em Sete Lagoas que fica setenta e oito quilômetros da capital né de Belo Horizonte, e eu passei a minha vida inteira, estudando em escolas particulares nessa cidade, eu não tinha então portanto, muito do contato, com o que que era a experiência de ser uma pessoa negra com um núcleo negro em torno muito, bem construído né e aí eu tinha um entendimento racial muito precário, os meus pais são brancos, Eu venho de uma família de classe média emergente né tipo assim pessoas que não eram da classe média, mas que mudaram a classe e os filhos né portanto caso eu, conseguiram viver desse lucro de alguma medida, Mas eu ainda tinha essa desconexão com o ambiente né o mundo porque eu sabia que eu sofria coisas mas não conseguia identificar sobre o que essas coisas tratavam, a minha mãe ela sempre foi muito categórica quanto a necessidade de eu ter um bom emprego, de ter uma estabilidade em alguma medida, por quê? a sobrevivência dela agora que já é idosa né, e do meu tio principalmente que não trabalha e é um homem negro com epilepsia, dependia de mim assim então era eu que tinha, a família nós três e eu tinha que ter um emprego pra poder cuidar deles.

Isso implicava passar numa universidade pública porque a gente tinha dinheiro pra poder sustentar e numa universidade pública perto porque caso contrário a gente não ia conseguir me manter muito longe daqui também, então a UFMG ela veio como uma possibilidade porque tinha o curso de antropologia que tinha habilitação de arqueologia, eu queria fazer arqueologia desde então, A minha mãe queria que eu fizesse medicina eu cheguei a tentar fazer processos seletivos assim, mas o que eu queria mesmo desde criança arqueologia, eu sou apaixonada Guedes, eu acho que eles têm uma energia muito singular cada um deles, e eu gosto de perceber o tanto que a densidade das coisas é diferente a partir das histórias que elas carregam né tipo assim, dois objetos exatamente iguais Eles não vão ter a mesma densidade de sentimento de energia eu acredito, com base naquilo que eles que ficam para as pessoas ou a trajetória real deles né tipo, vim pra cá pular pra lá, território, espaços, tudo sempre me fascinou muito.

A graduação de antropologia com habilitação em arqueologia pra mim ela foi um grande presente no caminho porque eu não imaginava que a antropologia fosse ser tão importante tão necessária pra eu conseguir compreender a mim e aos contextos arqueológicos também né, então, foi dentro da universidade que eu tive eu acho que esse essa primavera, perceptiva, onde eu entendi não só, melhor sobre a minha colocação racial mas também a minha colocação de gênero né, eu tinha muita dificuldade de perceber isso em Sete Lagoas, pois é uma cidade de duzentos mil habitantes então assim, a gente tinha o que era muito comum pra intelectualidade ou mesmo pro cotidiano de uma pessoa muito urbana não era a minha realidade chegando aqui, e inclusive se estendendo pra além dessas questões né, questão de sexualidade, eu fui descobrir se podia ser muitas outras formas de gente diferentes das que achava que só podia ser em BH e na universidade, partir do momento que eu entendi que isso era uma questão, que eram essas questões que me atravessavam, isso se tornou Um compromisso político muito, constante, pra minha trajetória onde eu entendia que, não era só isso que eu queria estudar, aliás não era só, com compromisso político que eu tinha que ter enquanto indivíduo pra contribuir com a sociedade pra melhorar as coisas de alguma forma, mas principalmente que essa era uma temática que me interessava e que eu sigo de construção intelectual acadêmica, eu queria contribuir pro debate alguma medida entender melhor o debate, mas eu continuava apaixonada com arqueologia, não via muito como que essas coisas se relacionavam, então, faltava muito repertório, a gente tinha poucas possibilidades, principalmente dentro da universidade de conseguir acessar materiais de referência que diziam respeito a esse assunto específico, principalmente atravessando essa coisa das mulheres negras, eu não tive nenhuma disciplina na graduação que fosse focada nesse tipo de material intelectualidade de mulheres negra, eu tive algumas disciplinas sobre antropologia e gênero, onde, eu fiz quase todas, que eram sempre a mesma professora dava uma antropóloga feminista que tinha o trabalho dela e aí assim, as coisas vão ficando muito bairristas, no sentido de você precisa que exista pessoas para que você tenha acesso ao conhecimento, em tese deveria ser um conhecimento que já deveria ser compartilhado na totalidade, né? se você está estudando racismo no Brasil E você não está pensando, você pode até estar pensando sobre mulheres sobre mulheres negras, mas Essas mulheres elas não estão inclusas nesse debate enquanto produtoras de conhecimento, enquanto fomentadoras de reflexão, enquanto base teórica pra você refletir, o que você está fazendo é só Criando um grande painel de demonstração daquilo que você mesmo faz, porque elas continuam desaparecidas aí você vai na sala e fala "a mulher negra é o mais baixo da cadeia alimentar", beleza mas aí quando você continua não colocando os textos , quando eu continuo não vendo colegas negras em volta isso reafirma que daqui a quatro anos a próxima pessoa que entrar pra poder se formar vai ter a mesma sensação e que a história vai ser a mesma que vai ser contada.

Então isso foi me incomodando muito eu tive muito pouco auxílio dentro da Universidade Federal de Minas Gerais porque ainda que tivesse recurso em muitas medidas pra muitas coisas né principalmente na época que eu entrei, eu entrei na universidade em dois mil e treze, então ainda era governo do PT, a gente tinha uma quantidade de bolsas completamente diferente da que eu fui vendo e aí, eu entrei na arqueologia as pessoas falaram comigo, "olha, Tem como ter", porque eu entrei por causa da paixão mas eu não sabia exatamente como que era o cenário profissional? Trabalhar com o quê? com o que eu posso trabalhar? o que que eu posso ser aqui nesse lugar?

A minha família São pessoas da área de saúde os meus pais, mas nenhum deles seguiu carreira acadêmica ambos trabalham no SUS, então a noção que eles têm de trabalho não é a de pesquisador. Eu não tive um incentivo grande para poder seguir carreira acadêmica por exemplo, que é um negócio que dentro da arqueologia é uma das coisas que te dar mais segurança né, eu fui perceber que isso era uma possibilidade já dentro da universidade sem entender muito bem o que cada uma dessas coisas fazia, o que era tese, o que era mestrado, o que era doutorado, chegando nesse momento de produzir alguma coisa de início eu tinha um interesse muito grande em gênero e arqueologia e em gênero na época pré-história, porque me incomodava muito do fato da gente ter uma limitação de imaginação pro passado, que ela diz cortina, muito descaradamente a forma como a gente pensa no presente, eu construo a imagem do que que é um grupo de pessoas vivendo há doze mil anos atrás, e esse grupo de pessoas que eu construo na minha mente ele é automaticamente ele tem cor, ele tem gênero, ele tem idade, ele não tem nenhum tipo de deficiência física, ele é ele é novo, ele é branco, as mulheres quando elas aparecem na mente das pessoas elas estão com um menino. Isso é um negócio que me incomodava muito porque eu achava que tinha um retorno Muito direto com a forma como a sociedade está hoje, é por isso que as pessoas acham que, a função

delas enquanto mulher De estar casada ou a função das pessoas neles é continuar servindo, é porque elas têm essa memória, que é ao mesmo tempo curta e ao mesmo tempo maquiadamente longa, que faz a gente sentir que o mundo é assim, porque a vida é assim, porque tem que ser assim, porque é assim desde o início. E eu achava que arqueologia tinha um potencial muito grande enquanto ferramenta, de demonstrar que não tem nada que é dado, que viver no mundo não é fatalista, que se você gera um ambiente que permite aos indivíduos ou as coisas existirem da forma que quiserem, você pode ter um resultado que é inimaginável, porque não tem limitações para onde as coisas podem alcançar. Uma planta Você só vai saber até onde que ela vai, realmente, é se você não podar, a caso contrário, sempre vai ter a impressão de que ela chega naquele tamanho né e eu e eu achava que a arqueologia podia contribuir muito fortemente pra isso assim. É isso eu não tinha recurso nenhum assim de auxílio, eu tinha algumas pessoas que estavam dispostas a tanto orientar quanto a ficar ali em volta mas no geral, fazer as coisas sozinha e ser ignorante de fazer, não te leva muito longe né, então mas aí eu tive né a felicidade de encontrar outras pessoas no caminho, que me informaram sobre o trabalho da Loredana e a possibilidade de trabalhar junto com ela no projeto Saia Justa, e assim deu uma revirada considerável na minha carreira, Porque eu tive oportunidade de estar com uma pessoa que é extremamente apaixonada pelo aquilo que faz, que não é só arqueologia que é educar, sabe? que é acreditar nesse poder da educação pra além das coisas, né? assim era fascinante poder ter um tempinho de escutar ela falar, ver ela fazendo as construções de raciocínio dela que são muito rápida, eu ficava as vezes muito insegura, Porque esse universo ele faz a gente sentir que a gente é pequeno né, então eu ficava assim nossa, sou muito burra ainda pra acompanhar que ela está falando, mas ao mesmo tempo muito empolgada e eu acho que essa empolgação era muito importante porque eu via que era uma coisa que estava sendo construída naquele grupo de pessoas ali né, que não era constituído só por nós duas ainda tinha a Sarah Schmidt que também estava na UFMG, fez mestrado em Pelotas E o Bruno Hanzani, que também é um querido e que assim, super dispostos, cada pessoa com temperamento muito diferente sabe? A Loredana ela é muito geniosa ela tem uma firmeza muito firme, e aí às vezes é difícil fazer a leitura da doçura dela então, o Bruno por sua vez é muito muito doce, então a gente conseguiu construir um núcleo de trabalho onde a gente fez a divisão das coisas pra serem feitas, nesse projeto que pra mim foi muito satisfatório e foi uma coisa essencial assim pra eu ter inclusive vontade de terminar a graduação, terminar o trabalho.

É porque é isso, né? os colegas tudo fazem um negócio diferente, todo mundo acha que você era doida, eu entrei com quarenta pessoas tinham duas pessoas negras que foram pra arqueologia, eu e um outro menino negro, que na época ele nem se identificava enquanto negro. Então, eu tinha uma solidão muito grande naquele espaço de interesse das pessoas ao meu entorno daquilo que eu estava falando, Porque ou as pessoas achavam que elas não tinham que falar nada, porque não eram o lugar delas, mas aí elas não liam também não tentavam se informar, não né se engajavam ou as pessoas ficavam desconfiadas, com medo de que o meu trabalho fosse atacar o trabalho delas, no sentido de que, "ah essa a menina está reclamando de tudo que ela está falando de arqueologia brasileira e eu faço arqueologia brasileira então a arqueologia que eu faço não é suficiente" então isso se tornou processo de formação inteiro até agora no doutorado muito solitário, muito povoado de Pares onde eu pudesse conversar, eu conseguir identificar que essas pessoas existiam porque eu não estava inventando a roda eu estava vendo pessoas vivendo a minha pesquisa, mas elas estavam em outros estados, em outras universidades, estavam distantes de mim em muitos sentidos assim e é isso cada uma dessas pessoas estava vivendo todas as coisas que atravessam a esses marcadores, então, essa dificuldade de não poder viajar sempre, essa dificuldade de ter que trabalhar junto com a pesquisa, essa dificuldade de ter que se envolver com vários projetos que não são o projeto que você tem interesse, porque você precisa ser conhecido, porque você precisa arrumar uma bolsa então isso leva tempo, enquanto poderia estar se aquilombando, então foi só no mestrado que eu conseguir encontrar eu consegui me juntar com mais esforço com outras pessoas que foi quando criaram a rede de arqueologia negra, em dois mil e dezoito.

Então a minha monografia ela foi um Levantamento bibliométrico sobre o curso de graduação porque o trabalho do Saia Justa era o que eu queria fazer pra graduação, aí quando eu fui conversar com a Loredana, ela falou assim "olha achei incrível, mas esse é o projeto do saia justa, eu não acho que você só com duas mãozinhas consegue fazer o levantamento de todas as revistas, de todos os eventos e, de todos os programas de graduação sozinha, faça o seguinte entre no projeto usa esses dados como referência no seu trabalho também e aplica essa mesma técnica em um estudo de caso

específico", e foi isso que eu fiz, eu analisei os eventos, que não estavam sendo analisados no Saia Justa e analisei o curso de graduação da própria UFMG, pra poder olhar principalmente gênero e não foi incluso a questão racial e não foi desintencional mas foi porque justamente por uma inaptidão da minha parte de conseguir imaginar uma possibilidade de aplicar esse tipo de estudo sem ter o dado primário que é de autoidentificação. Então assim, a CAPES Você não precisa colocar qual que é a sua cor quando você entra na universidade, eu não eu não tinha condição de ter acesso por exemplo a identificação racial de todas as pessoas que estavam na lista de pessoas de referência dos cursos, dos programas das disciplinas obrigatórias dos cursos. O que eu consegui fazer na tese foi abandonar esse medo e fazer uma heteroidentificação, e aí o que eu consegui fazer foi, eu peguei a lista dos programas, das disciplinas, textos, separei e coloquei o nome de todos os autores, fui em autor por autor jogando o nome no google tentando achar a imagem da pessoa, as pessoas que eu já conhecia eu já consegui identificar, e aí fui hétero identificando com base nisso, mas não só com base nisso, com base também no contexto, pois é muito delicado, no trabalho da tese eu conseguir ver por exemplo: tinha um autor da África do Sul, mas ele era branco, então assim se eu fosse olhar só que era um autor da África do Sul, eu Poderia ter dado confusão entendeu? Então, esse processo todo eu acho que da graduação e do mestrado eles foram muito marcados por isso, por uma dificuldade, uma ausência de referência. No entanto, eu acho que um direcionamento Muito generoso de todas as pessoas que se predispuseram a estar nessa jornada comigo né, principalmente a Loredana Ribeiro mas também a Mariana Cabral que me orientou na graduação e que me orienta agora na tese, e que ainda que não seja a área de pesquisa, né de dominância dela ela é uma pessoa muito disposta em relação a essas questões, eu considero ela como uma boa aliada assim sabe uma pessoa que ela me permite pelo menos nesse espaço algo que eu não sentir autorização de todos os ambientes ou de todas as pessoas né, que é fazer o que eu quiser porque ela confia que eu dou conta e porque ela entende também que é bom pra todo mundo né? O meu sucesso é ótimo sucesso para ela, então eu acho que ter isso em mente e ter sido rodeada de pessoas que tinham isso em mente foi muito bom, mas no tempo foi uma trajetória onde durante muito tempo nem eu fiz uso com a qualidade ou o tamanho, a projeção, que eu sinto que eu poderia ter feito as coisas porque eu só não sabia fazer sozinha, fazer junto sabe tipo eu não tinha colegas negros da arqueologia no meu rol de proximidade ali pra poder interagir desse jeito, conversar sobre essas coisas, as pessoas negras elas evadiam ou elas iam embora elas mudavam de curso ou elas iam pra habilitação de antropologia e aí a gente tinha uma distância muito grande em termos de interesse e visões de mundo daquilo que era importante, sabe? Quando tinha um professor que era arqueólogo e era machista, eu precisava fazer aula com ele, a pessoa podia simplesmente pegar outra disciplina, entende? isso gerava em mim também uma dificuldade até de pensar em articular as coisas, eu fiz meu percurso todo dentro da UFMG a graduação, o mestrado e agora o doutorado também eu estou lá. E no mestrado eu tentei estender a pesquisa que era semelhante à bibliometria feita na saia justa e na monografia pra pros cursos de pós-graduação, que o meu interesse tem sido bom, essas pessoas estão entrando dentro da universidade, existem pessoas negras na arqueologia, existem mulheres na arqueologia. Você está me falando que você está ensinando a disciplina. Eu topo no curso porque esse curso vai me capacitar a fazer, a exercer essa profissão. O curso diz para mim o que que é mais importante de se saber nessa profissão. Se o curso já exclui o trabalho de mulheres e de pessoas negras? O que o curso está me dizendo nas entrelinhas é que o trabalho dessas pessoas não é importante o suficiente ou que essas pessoas não estão produzindo trabalho suficiente. Então, o meu trabalho pessoal ele tem o meu engajamento, de pessoa dentro da arqueologia, tem sido muito voltado em atender as pessoas pra importância da gente se posicionar conscientemente quando a gente está construindo o que é que vai ser educação de arqueologia no Brasil. Porque eu só consigo imaginar aquilo que eu tenho rol de referência pra produzir. Eu só consigo imaginar uma sereia porque eu já vi uma pessoa e eu já vi um peixe. Se eu não vejo peixe dentro da sala de aula e eu sou um peixe como que eu posso imaginar que peixes podem existir, né?

Que peixes podem existir na arqueologia, que as coisas podem ocorrer dessa maneira. Então, é isso eu só consigo ter gana de continuar nesse lugar porque eu sei que tem outras pessoas semelhantes a mim com essas mesmas preocupações nesse mesmo lugar, porque isso é uma questão que tange diretamente a nossa capacidade, a nossa possibilidade de executar bem o nosso trabalho. Eu não consigo executar bem um trabalho em campo se eu estou sendo violentada, Isso não vai me permitir trazer o melhor de mim no campo, seja ele de contrato seja ele acadêmico, eu não vou conseguir pensar o máximo

o que eu posso pensar se eu estou preocupada com a minha sobrevivência dentro da universidade porque eu sou entendida enquanto um ser de menor escalão porque eu sou cotista e porque tem políticas de entrada e não tem políticas de permanência, isso tudo vai influenciar na ciência que a gente vai fazer e na ciência que vai existir, Porque quando eu só vejo o que que os brancos estão fazendo eles vão ficar girando no mesmo rol imaginativa que a ideia deles consegue alcançar né? Então foram todas essas questões que me fizeram continuar dentro da universidade mesmo sentido que é meio horrível lá dentro as vezes, eu sinto que mostrando esses números para própria arqueologia, eu tiro isso um pouco também das minhas costas e das costas dos nossos, de que é só a gente que tem que se preocupar com isso, não é o programa de todo mundo eu não sou professora da UFPEL então porque eu tenho que pensar no programa da UFPEL sozinha? pensa vocês!

porque para vocês não tem mulher, não se era ignorância ou se era falta de percepção "aí nem vi, estava assim nem reparei", ah agora você reparou, agora você está sabendo, o que que é que você vai fazer sobre isso? Você vai manter o mesmo programa? tem coisas que dá pra mudar agora, isso é um negócio que tipo, você bate o olho e se tem cinquenta textos e dois textos de mulher tem um trem errado, se tem cinquenta textos e nenhum texto de pessoa negra, nenhum texto de pessoa indígena, se o nome do negócio é teoria arqueológica, se o nome do negócio é história de pensamento arqueológico, você está falando comigo que arqueologia só é feita por essas pessoas, e não é, tipo assim, não é há muito tempo, é claro que tem uma dificuldade de acesso, tem dificuldade de um monte de coisas, tem uma contingência populacional menor mesmo, tem muito menos pessoas negras do que pessoas brancas na arqueologia brasileira pelo menos, mas a gente está lá uai a gente está aqui. Então é preciso que a gente construa um ambiente que seja apto para essas pessoas estarem né? E para essas pessoas tentarem. Principalmente porque eu por exemplo sou cria da pós-graduação, eu não usei ações afirmativas na graduação, mas eu sou resultado das ações afirmativas uma política pública de inserção dessas pessoas dentro desse espaço. Então, o espaço profissional, assim como o espaço acadêmico, ele precisa se preparar e se munir de ferramenta pra comportar essas pessoas porque elas estão chegando.

ADRIELE:

Você Poderia compartilhar alguma experiência específica que destaque os desafios ou barreiras que você enfrentou como arqueóloga negra feminista em sua carreira?

LARA PASSOS:

Gostaria de responder de novo com o relato de experiência, porque realmente essas coisas gelados elas tocam muitas as pessoas né? elas fazem as pessoas terem uma dimensão prática do que significa. Eu estava dando uma disciplina, enquanto estágio docente do doutorado na UFMG, no ano retrasado.

Então nós estamos falando de dois mil e vinte e dois onde, eu estava administrando uma disciplina que chamava arqueologia combativas outras formas de fazer e falar sobre arqueologia. Eu estava muito orgulhosa porque foi a primeira vez que eu tive a experiência de docência, eu estava vivendo, colhendo louros num negócio que eu estava quase dez anos fazendo, foi muito emocionante assim, eu não tive adesão na disciplina, colocaram duas disciplinas obrigatórias e uma disciplina de arqueologia e Gênero, sendo ministrada por uma pessoa que não era especialista em arqueologia e gênero, mas era branca, no mesmo horário que é a minha disciplina então eu tive três pessoas matriculadas e só duas pessoas fizeram, eu fui a primeira arqueóloga negra da aula na UFMG então, e não tinha adesão, não tinha aluno. Mas essa nem a parte da experiência que mais me machucou, a parte da experiência que mais me machucou infelizmente veio no episódio seguinte porque, acabou que a experiência foi maravilhosa, eu aprendi com as minhas mais velhas mais uma vez, bell hooks fala que a galera dormia na aula dela quem que é Lara de Paula? então aprender também é do nosso processo de todas nós vai ser puxado, vai ser doloroso, mas isso não é o suficiente pra gente querer parar. E assim foi um grande presente porque, sendo duas pessoas, a gente conseguia conversar sobre tudo, então a gente conseguia escolher tudo junto, fazer tudo junto, pensar tudo nas medidas de possibilidade que cada um tinha né?

A bell fala sobre essa diferença dessa educação libertadora e da possibilidade de uma educação libertadora né no ensinando a transgredir, quando ela fala sobre a diferença de quando o professor ele consegue se conectar com as pessoas que estão na aula junto com ele, tínhamos na aula então, um homem hétero cis branco, e uma menina negra bissexual. A conexão que a gente estabeleceu foi a primeira professora negra que ela teve na universidade também, então assim, eu fico

muito emocionada falando mesmo, e ela é brilhante, ela é brilhante, eu lembro da Loredana falando comigo na minha defesa de monografia que ela tinha muita inveja do meu percurso porque ela teve que fazer um monte de coisa que ela não queria fazer mas que ela achava que precisava pra ter nome, durante muito tempo e eu já pude já na monografia fazer o negócio que eu queria, e eu eu olho pra Luana, eu sinto que ela vai fazer coisas muito maiores do que as coisas que eu dou conta de fazer e isso é lindo porque é muito diferente do que eu aprendi na universidade também, que é essa lógica branca colonial competitiva, só tem pra um.

Então você tem que arregaçar todo mundo em volta, todo mundo em volta está esperando para te arregaçar. Nós que somos uma ponta mais fraca, é o mais fácil das pessoas arregaçarem. Eu passei por situações vexatórias, humilhantes em campo, coisas que eu ainda fico muito impressionada e que eu só consegui falar sobre através da poesia, que foi Esse recurso, que é um recurso ancestral, que eu entendo enquanto a soralidade, esse Paló, esse oriqui, o conhecimento criótico mesmo daquilo que vem de onde eu aprendi e onde meu corpo está a vir versar também. Mas que é isso foram violências imensas que me colocaram numa redoma às vezes até de silêncio, de ter dificuldade de identificar, de ter dificuldade de contar para outras pessoas, de ficar envergonhada porque humilhado é você e a pessoa depois ainda age de como se você tivesse dado show.

Eu tive que ouvir piadinha depois, já tive em campo onde pessoas fizeram chacota de uma situação de humilhação que eu tinha passado no campo anterior, isso tudo cria na gente uma sensação de desterro, de despertencimento muito grande. Está com uma pessoa que só não era parecida comigo como também me esperanças de que a arqueologia ela está caminhando pra algum lugar diferente, de experiência diferente, porque ela já estava tendo uma experiência diferente da que eu estava tendo, então podia ser que, na hora que ela fosse dar essa experiência pra outras pessoas, essa realidade estivesse ainda mais, acolhedora, mais diversa, menos violenta, isso foi muito rico. No entanto quando teve a festa de encerramento do evento da semana de antropologia e arqueologia, durante a semana eu liberei de aulas as pessoas pra poderem ir ao evento, eu estava ali no evento também todos os dias pra ver as apresentações, eu tinha apresentações no evento e no último dia ia ter a conferência final, a confraternização, uma festinha e encerramento. Eu chamei dois amigos negros que são graduados, são estudantes também, enfim, um deles homem negro trans, pra poder ir à junto comigo. A gente chegou atrasado na universidade e os portões da universidade fecham às dez e meia, era dez e vinte e cinco e não deixaram a gente entrar, a gente foi vendo as pessoas brancas entrando, e a gente ficou parado na porta. Eu expliquei que eu era professora, que estava tendo um evento e que eles eram convidados e que tínhamos a autorização para entrar, mas mesmo assim eles não permitiram que a gente entrasse e eu precisei que o meu aluno branco fosse até a porta com uma documentação pra liberar a entrada, eu me senti tão humilhada, e o meu aluno ficou sem entender por que ele mostrou o documento para o guardinha e ele nem olhou o documento, simplesmente liberou entendeu? Aí a gente entrou no carro dele, e ele falou assim, "eu não entendi o que aconteceu", eu falei com ele assim, "olha, deixa eu te explicar o que aconteceu (passei a mão nele) isso aqui vale mais que oito anos meus aqui dentro, é isso que aconteceu, entendeu?".

Não importa quem que eu sou, não importa se eu já fui pra fora, se eu tenho artigo publicado, porque gente não vai ser tratado igual ao escopo, não importa tanto que a gente é brilhante, enfim essa experiência pra mim ela foi muito impactante, porque ela é muito demonstrativa ela é exemplificativa demais. Eu falei dela inclusive no encerramento da semana de antropologia e arqueologia da UFMG do ano passado eles me convidaram pra falar, a pergunta que fizeram pra mim foi uma pergunta muito bonita, foi um estudante negro também, falando assim, "olha quando eu te vejo falar, até onde eu consigo sonhar é até onde você está, então a sensação que eu tenho é como se você tivesse conquistado o sonho. Como é se sentir Odara?".

E a resposta que eu dei pra ele foi assim "olha, é gostoso e eu ainda estou aprendendo porque eu sei muito mais sofrer do que ser feliz então quando eu estou sendo feliz eu ainda acho que não é suficiente que eu ainda posso fazer mais que ainda está tudo atrasado, é isso a colonialidade me tira todas as coisas até a alegria ser feliz com as coisas que a gente mesmo conquistou, mas pra além disso, eu não me sinto tão Odara quando acontece esse tipo de coisa, pois quando acontece esse tipo de coisa eu sinto que eu nunca vou ter segurança plena, porque o meu valor ele nunca vai estar dado pela pessoa que eu sou, ele sempre vai ter que ser dado por um papel na mão do branco, que o branco me deu, entende? E isso é revoltante,

porque muitas das vezes o branco que está te dando no papel não tem nem a mesma qualificação que você tem, pra poder fornecer o papel para você, às vezes você é mais qualificado do que o branco pra fazer aquilo, mas isso não importa, porque o que importa é a cor dele e isso é avassalador, conviver com essa consciência constante, é adoecedor.

ADRIELE:

De que maneira a perspectiva feminista negra molda sua abordagem metodológica ao conduzir pesquisas arqueológicas?

LARA PASSOS:

É uma ótima pergunta eu gostei de todas as perguntas.

Eu sinto que a perspectiva feminista negra ela basilar pra eu conseguir pensar o meu trabalho e pra eu conseguir construir linguagem pra me comunicar com as pessoas que não fazem parte desse universo, tem um monte de coisa que eu sentia mas eu não sabia nomear, e você ter outras pessoas preocupadas com essa linguagem com essa compreensão também junto com você, ensinando pra você e falando melhor para você algumas coisas é bom demais, eu comecei a me aproximar da literatura negra por conta da poesia, dentro da universidade eu tive o conhecimento de um projeto chamado Preta Poeta, idealizado por uma pessoa que estava na graduação de Ciências Sociais e que era basicamente um tal de mulher preta e a gente discutir sobre aquilo que a gente tinha escrito. E aí depois a gente começou a declamar apresentar, foi assim que eu entrei de fato na carreira artística, as temáticas que elas falavam, as coisas que elas diziam, a forma como a poética afetava elas era muito semelhante a mim, e me fazia pensar e me dava gás pra produzir também, ir nas reuniões fazia com que eu sáisse das reuniões com mais poesias que eu tinha trago, era muito energizante, me instalou a importância dessa possibilidade de se produzir esse mesmo efeito também na esfera acadêmica.

Eu fui procurando outras autoras negras e fui tendo né o auxílio de referência, a Loredana foi muito importante nesse aspecto porque ela também já tinha uma bagagem muito grande, ainda que miúda em relação à quantidade de autores brancos que a gente conhece, mas é muito maior do que eu tive. E aí assim entrei em contato com o trabalho da bell hooks que fizeram um giro de ter ciente na forma como eu observava o mundo e como eu observava a ciência também, e a ciência que eu podia fazer. A partir disso, Eu comecei a ficar muito preocupada com também onde que estavam os trabalhos das mulheres negras dentro da arqueologia, o trabalho da Patrícia Marinho ele foi essencial pra que eu tivesse dimensão do quão majestoso pode ser um trabalho realizado a partir dessa empreitada, de não esquecer quem que você é em casa quando você é um pesquisador, porque você nunca faz isso, né? pois quando você aparecer na pesquisa você só está falando que a pesquisa foi feita pela pessoa o mais padrão possível porque caso contrário você vai respingar na pesquisa de todo jeito e Perceber as nuances, ver ela fazendo, me deu a sensação de que era possível fazer outras coisas também. E depois disso eu fui procurando cada vez mais pessoas, principalmente fora da arqueologia e mulheres negras de fora da arqueologia, porque eu percebi que sem uma literatura que a arqueologia ainda não domina, se a gente tem o domínio correto a gente vai ter o embate mais justo quando alguém for nos avaliar, se a gente ficar vidrado só em criticar o que que os brancos estão fazendo, os próprios brancos eles regurgitam a si próprios o tempo inteiro. Então eles sabem de cabo a rabo o que cada um deles fez, né? Se eu for ficar aqui falando o tanto que das coisas de boas ou ruins que ai sei lá, os problemas que tem o trabalho do Hamilakis, alguém vai vim aparecer especialista em Hamilakis falar sobre um milhão de outras coisas que ele tenha feito também, pode ter sido maravilhoso e que pode ter contribuído na disciplina, mas que veja só, já contribui em fazer disciplina, porque já tem outras pessoas usando, falando, pensando, a gente usa pessoas de outras áreas o tempo todo, a gente usa pessoas da filosofia, a gente usa pessoas das ciências sociais, pessoas da antropologia, a gente usa Foucault, a gente usa um monte de gente que não é arqueólogo. Mas essas pessoas elas já tão consolidadas nesse espaço a um nível de aceitabilidade, onde esperasse quase que a gente vá citá-las né?

Porque o sistema de sobrevivência na disciplina ele é um sistema de sobrevivência familiar, né você vai seguindo as indicações das pessoas, e essas indicações têm a ver com a herança acadêmica dessa pessoa, quem que orientou, quem que é a escola teórica, e eu sou de desterro, pessoas negras em diáspora, não tem casa, então por que que eu tenho que me filiar a qualquer coisa? Sabe? o mundo está aí e eu preciso aprender a coabitar nele, nós todos então, quem do mundo que está vindo junto comigo caminhar com a mesma direção? é uma questão muito mais de rumo, do que de lugar, porque se

for só de lugar, eu fico preocupada só com o meu, e aí eu quero saber só daquilo que é exatamente igual a mim. E eu preciso que esteja bom pra todo mundo, Porque não está bom para muita gente, muita gente que é completamente diferente da gente, e que vai contribuir enormemente, então assim, pra além das escritas de mulheres negras feministas que me permitiram ver isso, ter tão pessoas, é um grupo de pessoas que já está muito articulado em comunicar umas às outras a importância dessa preocupação, dessa preocupação que se estende pra além de só das mulheres negras mas de todas as coisas desse grande ecossistema, elas também ao me contaminar com essa vontade de querer respeitar tudo e trazer todo mundo junto, elas me fizeram ter um interesse muito grande de observar os trabalhos de pessoas indígenas e foi a junção desses dois trabalhos, desses dois núcleos de origem desse tipo de trabalho, tanto os trabalhos de pessoas negras quanto o trabalho de pessoas indígenas, que me fez perceber que é onde estão as maiores revoluções das coisas né? é onde a galera está, falando a mesma coisa há trezentos anos, então tem que falar diferente, mas é onde a gente acha, o maior rol de possibilidade de coisas diferentes pra você juntar e dar uma contribuição de algo, né? porque tem essa lógica que ela é muito mais de fartura do que de escassez. Ela não está funcionando nessa ansiedade capitalista de tipo só tem é monocultor, é diverso vai ter para todo mundo se todo mundo se comprometer conter para todo mundo. Não só com as próprias palavras as mulheres negras elas contribuíram para minha pesquisa né e as pesquisas de mulheres negras feministas contribuíram pra minha pesquisa, mas principalmente com essa noção, de comunhão, que me permitiu ter interesse também e perceber a importância de se ter interesse em olhar pra outras pessoas além delas, né? E trazer isso não só para a arqueologia, mas para minha vida, para a minha prática cotidiana de sobrevivência.

ADRIELE:

Você poderia compartilhar alguma pesquisa específica em que tenha incorporado uma abordagem feminista negra, e como isso influenciou as descobertas ou interpretações?

LARA PASSOS:

Tem um trabalho que eu tenho muito orgulho de ter feito, que foi sobre a Marielle Franco, foi sobre as expressões gráficas, publicas, as produções de discursos, envolvendo a figura da Marielle Franco após o assassinato dela em dois mil e catorze. em catorze de março de dois mil e dezoito, foi um negócio que para mim mexeu muito porque, eu via nela um espelhamento muito grande assim, de desejo de onde eu queria alcançar de impacto daquilo que eu queria fazer, de crença dominante daquilo que a gente acreditava juntos sabe, tipo sonhava, então, eu senti medo, raiva, tristeza, incompreensão, eu fiquei muito puta com a forma como as pessoas estavam falando dela, eu sempre fui, é isso Né? Já muito solitária dentro da universidade, aprendi muito as coisas vendo o que fazer e o que não fazer, mas não tanto, sendo instruída a o que fazer e o que não fazer. Eu sempre participei de campos, de projetos em laboratórios, mas eu sempre participei muito orbitando, porque todo mundo sempre soube qual que era o meu tema de pesquisa e o meu tema de pesquisa nunca era o tema de pesquisa de interesse em nenhum dos projetos. Então, Todos os projetos sempre me trataram como uma mão de obra mesmo, sabe? Tipo, “ah, tem mais uma pessoa aqui pra escavar, tem mais uma pessoa aqui pra lavar cabo”, mas nunca me sentia apropriada desses trabalhos pra produzir por exemplo artigos sobre eles também, não era nem convidada, então assim, ainda que eu executasse um bom trabalho técnico, tendo uma capacidade cognitiva aceitável, ainda assim não era convidada e eu sentia que você para fazer um artigo, você tem que ter um trabalho e esse trabalho tem que estar relacionado com alguma coisa, ou com o núcleo de pesquisa, com a sua monografia, isso não era nem a minha monografia, nem o meu trabalho principal, eu não tinha nenhum financiamento de nenhum órgão pra poder falar, eu não tinha nada, mas eu tinha vontade de fazer, vontade de escrever e eu tinha uma preocupação muito grande com o lastro temporal do termo arqueopoesia dentro da arqueologia brasileira. Por quê? quando eu comecei a pensar sobre Isso, eu comecei a declamar em evento, eu comecei a fazer um negócio que ouvia que as pessoas não estavam fazendo, era uma coisa muito diferente e me era relatado, tanto que isso era surpreendente, diferente, até hoje gera um impacto muito grande, mas eu também fui percebendo que rapidamente as pessoas brancas ao entorno foram se interessando muito sobre o assunto, mas não tanto sobre citar, fui ficando com medo de ter o meu trabalho roubado, essa preocupação me fez submeter o trabalho que era uma apresentação oral, pra semana de discentes do MAE\USP, onde eu fazia uma análise tanto da procura que se teve do nome da Marielle depois do assassinato dela, quanto de expressões públicas de reverberações materiais envolvendo a figura dela, com isso

pichações, a questão de lógica de apropriação no mercado com a produção de camiseta, Tipo assim, materiais de venda, ao mesmo tempo como que você tem uma diferença entre a identificação pela resistência, do tipo assim uma pessoa de esquerda usando em um desfile de moda que colocaram o rosto dela no sapato, eu fiz isso meio que pra mim e pra ela. Apresentei no evento, e no evento da revista do MAE, onde chamaram para artigo e aí foi aí que eu transformei o trabalho num artigo. E pra mim foi essencial o trabalho das mulheres negras né, e das mulheres negras ser visto, porque o trabalho da Grada Quilombo foi uma grande referência o trabalho da Conceição Evaristo foi muito muito importante pra mim, essa coisa da escrevivência, e desse pensar, poder falar sobre coisas acadêmicas, são muito caras pra nossa individualidade, pra nossa sensibilidade, sempre ter a noção do impacto de relevância que isso tem né, porque falando de um contexto político macro né e daquilo que envolvia também, o que a gente já vê do esperado de figuras como ela, né? Tipo como que uma morte como a dela impacta nesse ecossistema material. E é esse trabalho que eu tenho de exemplo, eu sou muito orgulhosa Ele até hoje eu tenho pouco retornos dele sabe?

As pessoas são muito generosas com ele também, pessoas de outra área já me pediram falar sobre ele em evento e eu acho legal porque várias pessoas, viraram para mim e falaram “tipo nossa, eu não sabia que na arqueologia podia falar sobre isso” ou “nossa eu nem achava que isso tinha a ver com arqueologia”. Me deixou super empolgada de pensar que assim “está vendo a arqueologia pode ir pra lugar que a gente quiser, se a gente estiver realmente compenetrado né, esforçado pra aquela parte, se a gente acredita que ela pode mudar o mundo, a gente precisa ver onde é que é que a gente pode contribuir para isso”.

ADRIELE:

Qual é a importância de incluir vozes e perspectivas diversas, especialmente de mulheres negras, nos debates e pesquisas arqueológicas?

LARA PASSOS:

Eu acho que essa também foi um pouco respondido anteriormente, mas eu gosto dela também então.

Eu penso que o que nos conecta quando a gente é cientista, que é o que faz com que a gente esteja, todo mundo por exemplo dentro de um mesmo campus, mesmo sendo as pessoas das mais diferentes áreas. Mas o que o que qualifica um cientista, uma pessoa cientista categoria do cientista, seria a habilidade de gerar conexões reflexivas sobre de algo e a partir dessas conexões produzir outra coisa. É isso que um engenheiro faz, é isso que um linguista faz é isso que um arqueólogo faz, né? Quando você tem poucas variabilidades que você usa de matéria-prima para fazer as conexões, você vai produzir resultados, limitados e limitantes. Porque tem pessoas que vão trazer ou outros elementos, outras ferramentas, outros ingredientes para construir esse bolo, mas que elas vão achar que não pode fazer, que não pode botar na receita do bolo porque você falou que a receita do bolo é não é do jeito desse outro jeito de se fazer.

As vozes diversas, dentro de não só a universidade, mas de todos os ambientes onde elas puderam estar, o que elas apresentam, é uma possibilidade de ampliação de mundos, pra todos, pra elas próprias, mas também pra essas outras pessoas que já estão aqui, porque a partir do momento que elas contam pra gente que tem outros ingredientes, a gente começa a pensar na possibilidade de misturar esses ingredientes com os ingredientes que a gente tem também, né? Então eu acredito que, a universidade só está melhor do que ela estava há anos atrás, porque a gente tem dez anos de ações afirmativas, que essas pessoas estão entrando dentro da universidade.

Não é uma coincidência, é que essas pessoas estão trazendo no corpo delas, na experiência de vida delas, na escrevivência delas, na forma de pensar delas, nesses elementos constitutivos, o caldo necessário para você seguir adiante porque a natureza faz isso, né? a natureza só consegue gerar outras coisas a partir de combinar coisas de uma forma diferente para isso tem que ter coisas diferentes pra combinar, também. E aí com isso são produzidas coisas incríveis e coisas terríveis. tsunamis e árvores gigantescas, mas pra fazer isso ela precisa ter essa liberdade de ação, ela precisa poder existir, ela precisa poder estar, criar, um recurso de conforto pra poder ser, essas pessoas elas não têm esse conforto, e é por isso que elas não estão contribuindo tanto quanto elas poderiam é por isso que elas não estão nesse espaço, elas foram cerceadas nesse lugar, mas não é que elas não têm nada a contribuir, é que é impossível que não haja nenhuma contribuição apenas com a existência delas nesse lugar, porque coexistir delas impacta o lugar, impacta como que o professor vai dar aula, porque se ele estava

muito confortável de fazer uma piadinha racista antes com quarenta alunos brancos, com vinte alunos brancos e vinte alunos negros ele já não quer tanto mais. Porque se ele achava divertidíssimo fazer uma piada capacitista, com aluno cadeirante em sala ele já não vai achar tão bom. E eu não preciso só que as pessoas melhorem no coração delas porque eu sou sonhadora, mas eu não sou ingênua. Mas eu preciso que as pessoas, tenham a conduta delas ajustada o suficiente para poder fazer a escolha certa. Eu preciso que votem certo, eu preciso que tenham ações afirmativas certas é isso que eu preciso.

A pessoa seja boa ou seja ruim, ela vai decidir pro lado dela e eu vou decidir de quem que eu vou me cercar no núcleo pessoal mas no meu núcleo profissional eu preciso garantir que essas pessoas estejam, que elas tenham o direito e que elas possam estar junto né, e essas outras pessoas que não estão afim da mudança, eu não vou conseguir tirar elas, elas têm mais poder que a gente elas têm mais poder que a gente em todas as esferas, elas são mais brancas, elas são mais homens, elas são mais hétero, elas mais ricas. Então elas não podem ser só minhas inimigas, eu não posso esquecer que elas não são minhas iguais, mas eu preciso tratá-las como aliadas no potencial, como pessoas que têm que estar, de alguma forma, ou contribuindo ou não atrapalhando para essa mudança, isso só pode ser percebido essa necessidade de conviver com a diversidade a gente só vai aprender na prática, que é executando a diversidade. Na diversidade vão acontecer coisas e a gente não tem controle algum do que pode ser, pode ser que entrem pessoas diversas e horríveis. Conviver com essas coisas também faz parte, mas a gente não tem repertório nem pra que que a gente faz, se a gente tiver uma pessoa racializada na dissidência e ruim, porque a gente não tem nem experiência de ter tido pessoa no ambiente, essa pessoa tem que ter o direito de pelo menos estar lá, senão a gente nunca vai construir repertório, senão a ciência nunca vai fazer um negócio diferente, ela vai chegar num teto, ela vai bater na parede e voltar, porque ela está só refratando espelhando ela mesma, e isso daí, na minha opinião, não é boa ciência, a gente só vai combater ciência com muito boa ciência, só dá pra fazer ciência com muita gente, muita coisa e muita diferença.

ADRIELE:

De que maneira você vê a arqueologia contribuindo para a compreensão das histórias das mulheres negras ao longo do tempo e para a desconstrução de estereótipos?

LARA PASSOS:

A arqueologia ela tem esse suporte da materialidade que as disciplinas às vezes até negligenciam, até acham que não é tão importante, “Ah o importante é só a mente não tanto o corpo, não tanto a matéria”, mas a arqueologia atrai disso enquanto ferramenta, que sustenta pra pessoas, âncoras de pontos de memória, pontos de retorno pontos de significado. Você ir ao museu, você vê uma urna funerária indígena, faz com que você pense assim, “nossa, não é só em caixão que as pessoas são enterradas”, “nossa, não é só planta que tinha aqui antes de mil e quinhentos”.

Existir no mundo é muito mas muito mais possível e diverso do que a minha experiência pessoal no meu cotidiano, existir enquanto pessoa, e portanto enquanto mulher negra, tem sido cada vez mais um negócio muito condicionado pelas configurações sociais da colonialidade hegemonia, as pessoas elas não elas não acessam aquilo que elas podem ser, elas não conseguem nem imaginar coisas diferentes do que poder ser, porque elas estão sempre sendo bombardeadas com imagens e materialidades daquilo que elas devem ser e daquilo que as pessoas esperem que elas sejam. Então, antes de eu abrir a boca, eu já causo um impacto numa sala que só tem pessoas brancas, porque o que se espera de mulher negra é que, ou ela não seja tão inteligente quanto as pessoas brancas, ou que ela seja extremamente raivosa. Então, calada eu já preciso ter um semblante que vá ser mais doce, adorado, para tentar para ver se essas pessoas vão ter a disposição, né, de “por favor me dar meia grama de ouvido”.

A arqueologia principalmente, ela se engaja em produzir material, pra entrar nessa conversa também, ela está dando subsídio para as outras disciplinas, que estão falando sobre a contemporaneidade. A arqueologia, Ela está atravessada não só pela materialidade mas pelo tempo, e aí ela pode escolher, bagunçar esse tempo, de uma forma diferente que as outras disciplinas conseguem, então eu acho que o mundo arqueológico ele é muito fascinante para as pessoas de fora da arqueologia, ele causa curiosidade, ele gera essa aura de mistério, de aventura, isso tudo é uma coisa que fascina e esse fascínio está dentro do rol de sentimentos positivos que pessoas sentem e muitas vezes podem levar elas a produzir coisas, isso pode me inspirar, ver um filme, mas isso também pode me inspirar a escrever um livro, mas isso também pode me inspirar a imaginar, eu

acho que enquanto arqueólogos a gente tem muito esse aspecto de contador de histórias, e eu acho que, é desse ponto pra mim é pedagogia, já não chega nem a ser mais só arqueologia. Se nós somos contadores de histórias, a forma como a humanidade aprendeu a crescer é contando histórias, a gente consegue produzir educação, eu acho que educação e segurança é quase a mesma coisa, porque eu acho que medo e violência estão muito atrelados à ignorância, né? intolerância e ignorância, mas a intolerância ela vai vir também com esses desconhecimentos. Quando a arqueologia ela chega, ela chega fornecendo para as pessoas, elementos para mudar as histórias constituintes daquilo que a gente aprende desde quando a gente é criança, que a gente consiga pensar que é isso sabe tipo assim deu história e essa história ela é protagonizada por uma guerreira negra, uma guerreira indígena. Isso produz até nas pessoas que não fazem parte desse ambiente essa capacidade de pensar assim, “nossa, então não precisa ser só um cara, então não precisa ser só uma pessoa branca”, e aí com isso a gente vai ter, uma amplitude de pessoas engajadas, recurso humano mesmo numérico, população de gente conseguindo alcançar outros mundos, eu acho que as mulheres negras dentro da arqueologia, se elas fossem mais proeminentes, elas teriam tido sido mais evocativas, de outras mulheres negras estarem na arqueologia, eu vi muita gente evadindo, eu muitas pessoas que não quiseram ficar, “eu nem tenho certeza se eu estou tão afim ficar aqui até o final, só estou porque eu estou há muito tempo também, e sou muito apaixonada se me botar pra ver grama crescer eu vou me divertir. Então eu vou me divertir aqui também nem que seja de teimosia”, mas eu fico pensando, pra Luana, que foi minha aluna foi tão importante ter me visto, e para mim foi tão importante ver ela, e eu esperei oito anos por ela, sabe? Tipo, o que que é que uma pessoa pode fazer quando ela é munida desde o início de todas as ferramentas que ela quiser usar para poder existir e pensar, né? Isso com certeza vai melhorar a experiência de vida de todas as pessoas, a experiência de vida das mulheres negras, porque aí elas vão poder ver que elas eram guerreiras, elas já foram um milhão de outras coisas que não só domésticas, ou que as que foram domésticas, elas não foram só domésticas elas foram o pilar de sustentação desse país desde o início, isso é importante também, isso é foda. E aí elas podem ter a autoestima necessária para querer ser, ou isso ou outra coisa, e a Influenciar as outras, mulheres negras em volta dela, suas filhas, suas avós, isso pode gerar uma conexão que o ambiente machista, que é competitivo também, ensina a gente a competir até entre a gente, ele torna nocivo entendeu? ele pode fazer com que a gente faça as pazes com nossas mães, ele possa fazer com que a gente se redima nas nossas filhas, ele pode fazer com que a gente, vá pra lugares que a minha mente foi tão colonizada que eu não consigo nem imaginar ainda.

ADRIELE:

A oitava e última no caso se teria alguma questão que você acha interessante abordar nessa temática que não foi abordada.

LARA PASSOS: Eu talvez tenha uma sugestão, que é eu fiquei pensando no meu enquanto eu ouvia as pessoas falando, eu tinha muita vontade de compartilhar muitas coisas também. E aí, eu fiquei pensando em fazer entrevista comigo, aí eu acho que talvez seja interessante de você fazer isso também sabe, que no meu caso como o meu texto ele é muito carregado dessa presença da minha pessoa, acaba que eu vou aparecer mesmo não feito a entrevista sabe? Mas, é a nível de registro, é como você está registrando das mulheres negras e você é uma mulher negra, eu acho que faz parte dessa generosidade de documentação também, se incluir nessa história. Então acho que questão de pergunta, eu sugiro as perguntas voltadas para você.

Assim eu acho que seria legal também porque a Pati, tem vinte e quatro anos de arqueologia, eu debutei dez anos agora. Se você tiver no seu curso né, souber de alguém que entrou agora, eu acho que seria interessante também porque mesmo que a pessoa não tivesse nada para te dizer, ela pode te dizer por exemplo, de um ambiente da universidade, pois eu acredito que vai ser diferente porque as pessoas que eu entrevistei que estão na graduação, elas têm uma experiência muito diferente da minha, elas têm colegas de turma que são negros e que também querem arqueologia. Mesmo que as pessoas não, estejam tão formulados né algumas respostas como por exemplo “ah o que você já produziu?” talvez você tenha que adequar um pouco algumas perguntas, em compensação essas pessoas também podem dar aquele vislumbre de esperança né, dito tipo assim, desde a época da Pati até essa última entrada pode não ter melhorado tudo, mas alguma coisa está diferente já né.

Apêndice B: Entrevistada n° 2

Dia da conversa	Dia 13/01/2024.
Tempo da entrevista	00:08:00
Entrevistada	Sharon Sarah Costa Silva É Discente Do Curso De Arqueologia Na Universidade Federal Do Piaui-UFPI, Ingressou No Ano De 2023.
Link do encontro remoto	https://drive.google.com/file/d/1lj9bx6cjquIYc3fzKC1LytEjH2waHnAy/view?usp=drive_link
Breve descrição	Meu nome é Sharon, eu tenho 23 anos e a minha trajetória acadêmica, ela iniciou assim que eu estava saindo do ensino médio. No ensino médio eu gostava muito de história, eu gostava muito de filosofia, muito das áreas das humanas, e eu tinha um interesse muito grande por história, mas principalmente pela cultura, para entender essa cultura. E eu também não tinha muito interesse em dar aula. Foi aí que eu conheci o curso de Antropologia e de Arqueologia. Primeiro, eu passei em Antropologia, mas eu não consegui concluir o curso. E alguns dois anos depois, eu iniciei agora essa trajetória no curso de Arqueologia, já com essa experiência em Antropologia. Então, eu já aposto mais para uma etno-arqueologia, para uma arqueologia do presente, com a materialidade, mas também tentando entender a comunidade, entender as pessoas.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

ADRIELE:

Boa tarde, inicialmente, me fala um pouco sobre você, sua trajetória acadêmica, sobre como foi sua decisão de estudar arqueologia.

SHARON SARAH:

Meu nome é Sharon, eu tenho 23 anos e a minha trajetória acadêmica, ela iniciou assim que eu estava saindo do ensino médio. No ensino médio eu gostava muito de história, eu gostava muito de filosofia, muito das áreas das humanas, e eu tinha um interesse muito grande por história, mas principalmente pela cultura, para entender essa cultura. E eu também não tinha muito interesse em dar aula. Foi aí que eu conheci o curso de Antropologia e de Arqueologia. Primeiro, eu passei em Antropologia, mas eu não consegui concluir o curso. E alguns dois anos depois, eu iniciei agora essa trajetória no curso de Arqueologia, já com essa experiência em Antropologia. Então, eu já aposto mais para uma etno-arqueologia, para uma arqueologia do presente, com a materialidade, mas também tentando entender a comunidade, entender as pessoas.

ADRIELE:

Quais foram os principais desafios que você enfrentou ao ingressar nessa área?

SHARON SARA:

Atualmente, a gente tem vários desafios ainda para enfrentar na academia. Eu, como uma mulher negra, nordestina, tem uma visão totalmente diferente de algumas pessoas que já estão na academia há muito tempo. E a academia é um lugar ainda com pouca participação social, pouca participação de grupos minoritários. Então, a gente vê poucos professores, poucas professoras negras inseridas de fato nesse local. Então, a gente também vê poucas literaturas que foram feitas a partir dessa visão, a partir de uma visão distinta daquela visão mais acadêmica, uma visão mais centrada em uma região do país que a gente sabe qual.

ADRIELE:

Como a sua identidade como mulher negra influencia a sua abordagem na arqueologia?

SHARON SARAH:

Uma pessoa que já nasci nos anos 2000, me considero uma pessoa muito jovem, ainda com uma visão muito jovem, totalmente distinta, das quais a gente estuda, a gente estuda, a gente se forma a partir dessa visão que na sua maioria foram inscritos por homens brancos, por homens privilegiados, É muito complicado, porque entra muito em divergência de como que eu vejo o mundo e como que eles viam o mundo e como que eles interpretam esse mundo que eles viam a partir da perspectiva deles. Então, através da minha visão, eu tenho uma visão mais... Tento ter uma visão mais pluralista e mais participativa do que eu tô estudando. Então, não posso ver um... até uma materialidade, ver uma comunidade como uma coisa, como objeto. Não. Então, eu sempre tento entender as particularidades daquela comunidade, daquela materialidade, daquela maneira de viver, daquela maneira de existir. Então, não é simplesmente objetificar coisas que eu vejo muito em uma literatura mais antiga.

ADRIELE:

Como tem sido a sua experiência como estudante de arqueologia na universidade?

SHARON SARAH:

Essa experiência não tem sido muito satisfatória, não tem sido muito boa para mim. Eu ainda sinto que falta estar falando sobre esse assunto na prática com os professores. Eu não vejo, a gente não possui nenhum professor que é negro e nem mulher, então falta essa visão, essa ótica a partir dos professores e eu acho que falta uma um assunto maior em palestra, em seminários, em eventos, em relação a isso. Então, a gente vê vários eventos em outros assuntos e não tem essa inclusão racial, não tem essa inclusão nesses assuntos acadêmicos. A gente parte em outra premissa, a gente fala muito mais sobre outras áreas do que isso.

ADRIELE:

Quais são os seus principais interesses de pesquisa dentro da arqueologia?

SHARON SARA:

Através da minha identidade racial, eu consigo ter uma nova visão, uma outra visão também dessa pesquisa que está sendo feita. Através dessas outras visões, uma visão mais plural, a gente consegue abrir, ter novas perguntas e ter novas respostas em relação ao que está sendo pesquisado, o que está sendo relacionada à pesquisa. Tendo olhares que antes não eram vistos, então, através de visões mais plurais, por exemplo, a minha, eu consigo entender algumas vivências que a gente só entende na prática. Uma visão, por exemplo, do preconceito racial que é visto na universidade. Então, eu estar vivendo esse preconceito é diferente de eu estar apenas pesquisando e eu ter mais interesse. A gente acaba tendo mais interesse porque está vivendo, porque está tendo essa vivência. Então, são várias coisas que acabam se encaixando na nossa pesquisa.

ADRIELE:

Que conselhos você daria a outras estudantes de arqueologia negra que estão começando?

SHARON SARAH:

Eu, como uma mulher negra na arqueologia, daria o conselho para novas estudantes estudarem cada vez mais, principalmente uma literatura afrocentrada, uma literatura feita por mulheres, porque constantemente a gente é bombardeado por uma literatura, por pessoas que têm um discurso voltados a elas mesmas. Tem mulheres que têm um pensamento militante, militância feminista, mas elas não entendem, por exemplo, qual é a situação, qual é o peso que uma mulher negra tem, em qualquer lugar que ela esteja, inclusive na academia. Como a gente estuda, como a gente entende o nosso lugar de fala, a gente pode, talvez, ampliar essa visão, compartilhar essa visão com nossos colegas, mas para isso precisa estudar, precisa se licenciar nos nossos conhecimentos.

Fonte: Produzidos pela autora com o auxílio do aplicativo Celeste de transcrição

Apêndice C: Entrevistada n° 3

Dia da conversa	Dia 19/01/2024 as 15:40h
Tempo de entrevista	00:41:34
Entrevistada	Géssika Sousa Macêdo
Link do encontro remoto	https://drive.google.com/file/d/1pk9ctQ6y7JnJnzvMaumEYY7cmbL5kOQV/view?usp=drivesdk
Breve descrição	Géssika Sousa Macêdo é doutoranda em Arqueologia - Programa de pós-graduação em Arqueologia (PPGARqueologia), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestra em Arqueologia - Programa de Pós-graduação em Arqueologia (PPArque), Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Bacharela em Arqueologia e Preservação Patrimonial (UNIVASF). Tem experiência em trabalhos com Comunidades, com ênfase em Arqueologia, Patrimônio e Comunidades, atuando principalmente nos seguintes temas: Arqueologia do Presente, Arqueologia Pública, Arqueologias decoloniais e Estudos de Cultura Material.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

ADRIELE:

inicialmente, eu queria que você falasse um pouquinho sobre você, sobre a tua trajetória profissional, acadêmica, como é que foi, como é que está sendo.

Géssika Macêdo:

Já tem um bom tempinho que ela está acontecendo, mas vamos lá, bem eu sou Géssika, sou piauiense, ali da região da Serra da Capivara, fiz a graduação, e o meu mestrado lá no campus da UNIVASF, na Serra da Capivara. Desde a graduação, eu desenvolvo um trabalho com a comunidade, especificamente a minha, que é São Braz, e ali na linha da arqueologia Pública, arqueologia colaborativa, tentando pensar na relação das pessoas com os sítios, os sítios próximos das comunidades.

E, isso, dali da graduação, vem o projeto do PIBIC, que eu entrei no meio do curso, e aí eu só estou recuando, recuando, porque a minha história com a arqueologia, ela vem bem antes de eu entrar no curso. Então, ali na cidade da Capivara, a gente acaba tendo contato, com esse pessoal que faz arqueologia, a gente sempre, sempre, sempre ouve falar do parque, ou de escavação, o que é um sítio e assim foi comigo também, junto com meus colegas, que também vêm desse contexto, desde criança, adolescente, eu presenciei algumas escavações lá na minha cidade, principalmente na praça pública, foi quando eu comecei a me interessar. No meu PIBIC, um projeto que eu desenvolvi com o professor Leandro Mageste, a gente trabalhou, justamente, a relação, da comunidade de São Brás com as escavações que aconteciam lá, que era do pessoal que encontrava as urnas funerárias lá, contato com as instituições de pesquisas, enfim, tem todo aquele processo de escavação de algumas urnas funerárias que estão lá no museu do homem americano, a gente abordou, mais ou menos, essa questão sobre, o que a galera que fazia, ou que participava desses momentos achava ou entendia, sobre o que era aquelas dúvidas. Então, a partir daí, a gente foi se envolvendo, eu conversei com muitas pessoas que eu já conhecia, que já faziam parte do meu ciclo familiar, de amizade ou de vizinhança, e a partir dali, fiz o meu TCC, fiz minha conclusão de curso, e entrei no mestrado. O mestrado foi bem, o desenvolvimento desse trabalho

que já havia sido desenvolvido desde 2017. E, enfim, continuei com essa linha, desse trabalho colaborativo. E acho que, as coisas vieram formar mais um rumo para uma leitura, das coisas feministas, negras e trazer, na verdade, autoras feministas negras para a leitura do meu contexto já na escrita, e foi algo que aconteceu no meio do caminho, ali na confecção, do trabalho mesmo.

ADRIELE:

Como suas experiências pessoais como mulher negra influenciaram sua decisão de se tornar arqueóloga e sua abordagem à pesquisa arqueológica?

GÉSSIKA MACÊDO:

Ai, nossa, muitos, as minhas experiências, isso é uma coisa que eu até trago bastante na minha escrita, especificamente na minha dissertação, que é trazer essas experiências pessoais, e essas histórias acabam sendo um reflexo, do que a gente é, por exemplo, quando eu estava já tratando, na verdade, na época do campo, eu ouvi, falar sobre muitas histórias indígenas, que foi ali o que eu fui focando, para construir a minha dissertação, foi saber sobre a memória indígena, entender como essa memória indígena se configurava ali dentro daquele contexto, visto, tanto especificamente de São Braz, quanto uma parcela mais regional. E aí, toda a gente foi conversando com o pessoal, então fui sabendo ali muitas histórias que normalmente eu não sabia, eu não escutava.

Então, acho que esse processo de se fazer pesquisa dentro desse lugar que a gente, principalmente, a gente tem essas vivências, fora ali daquele contexto, de pesquisa, onde a gente se propõe a pesquisar algo, não somente aquele objeto de pesquisa, mas outras coisas acabam se misturando ali no meio do caminho. Quando eu escutei essas histórias, por exemplo, sobre os caboclos, sobre quem são esses indígenas, sobre os encantamentos, isso para mim, foi novidade, porque, por mais que a gente escuta, como uma criança, a gente ouve muitas histórias, sobre espíritos, mas de uma forma sistematizada, e no sentido de dizer, a origem ou de onde vem, o que está relacionado, era a primeira vez. Então, isso, para mim, foi novo. Então, quando eu comecei a pensar sobre o que isso representava, tratar sobre o tema, por exemplo, falar sobre indígenas, às vezes não era um assunto que era, tipo, ok, a gente vai falar, e é tudo certo, às vezes era um assunto decorrente de muita coisa, hoje em dia é muita coisa, mas às vezes não era algo que o assunto fluía, sabe? porque existia muita repulsa, de se falar sobre, principalmente sobre as urnas funerárias, relacionado à morte, e aí, relacionando essas histórias dos caboclos, que era algo amaldiçoado, que não se deve falar muito, sabe? e apresentava-se a existência, de se envolver com essas coisas. Então, quando eu parava para pensar sobre, por exemplo, “o que que isso tem a ver comigo, o que que isso tem a ver com a minha história?”. Então, investigar, falar sobre essas questões também, por esse processo de questionamento, qual é, o que eu sou? Eu sou indígena? Eu sou negra? Eu sou parda? O que eu sou, né? nesse momento que a gente se pergunta o que que a gente é, e a gente se depara com muitas respostas, principalmente quando a gente vai para as redes sociais, existe um discurso, existe muitas pessoas que estão falando, estudando. E esses discursos, muitas vezes, eles mais nos confundem, eu acho, acho que esse momento de conclusão, ele é normal, mas ele às vezes, é um momento, de agonia.

Nesses meus questionamentos, se apresentaram o que que eu sou, eu sou indígena, eu sou negra, eu sou parda, eu fui tentando buscar essas respostas, a partir desse assunto abordados, que eu vi aqui na arqueologia por mais que tinha trabalhos totalmente inspiradores, como da própria Lara, que eu fui pegar depois, mas foi uma pessoa, que se apresentou depois que eu já tinha inscrito o trabalho, depois eu vi que a gente estava ali conversando

muito. E o trabalho da Irislane_de Morais, por exemplo, foi, assim norteador, onde ela traz essa abordagem da afrocentrada.

E aí, ali dava aquele conforto na arqueologia, só que, assim, né, tratar na memória social, especificamente, assim, de uma forma mais profunda, né, foi esse momento em que eu passei a me aproximar da Lélia Gonzalez, do Nêgo Bispo, foram que me deram esse plano de fundo pra mim também olhar, por exemplo, pra essas narrativas que falavam sobre caboclos, não só sobre uma memória indígena, mas também sobre uma memória onde esses afrodescendentes que estavam em aquele contexto também faziam parte, né, pensando na constituição do termo, e aí onde eu acabo entrando também nas manifestações culturais, como a Latina e as outras que foram lançadas, eu sempre gosto de falar, assim, que o meu projeto de pesquisa e o resultado dela foi totalmente diferente, justamente por conta dessas outras coisas que foram aparecendo e que eu decidi, eu quero colocar isso aqui, eu acho que isso é importante, mas também relacionado ao que era importante ali pra mim naquele momento, sabe, eu acho que tem muito esse lugar de querer procurar respostas pra mim.

ADRIELE:

Como você vê a interseccionalidade moldando sua jornada na arqueologia, considerando as complexidades de ser uma mulher negra no campo?

GÉSSIKA MACÊDO:

É um lugar necessário, um lugar complexo, mas necessário, dentro desse contexto. E se ver, né, e se fazer, porque sendo uma mulher, eu acho que já tem um lugar aí que estar dentro da universidade pública e escolher fazer, percorrer essa carreira, por exemplo de graduação, mestrado, doutorado, já é uma parada que te coloca num lugar diferente do que normalmente te espera.

Normalmente te espera que você passe mais um ano em graduação ou que você, em algum momento, mas em algum momento você vai ter que parar para se dedicar a um casamento a um filho. Então, assim, dentro do meu contexto familiar ali é totalmente estranho, que eu me dedique, por exemplo, a uma carreira acadêmica, Então, toda essa diferença e essas cobranças, da vida social sendo mulher e fazendo pesquisa, por exemplo, foi algo que sempre me afetou, assim. Até hoje, é uma coisa que eu olho, mas ainda é algo que eu me vejo constantemente lutando, ou querendo de alguma forma resolver isso na minha cabeça. E dentro, né, desse lugar, sendo uma mulher negra, eu acho que, foi um lugar que eu também fui descobrindo. É já me lembrando do que eu falei antes, dentro desse questionamento de “ah, eu não sei o que eu sou, se eu sou indígena, se eu sou negra, se eu sou parda”, dentro desse letramento racial, porque é algo que vem com essa leitura, que vem com esse processo de escrita e descoberta e perceber que, existem coisas, que estão distantes, de mim, mas ao mesmo tempo, é... não sei se privilégio, privilégio é uma palavra meio, assim, pra gente utilizar, mas é dentro do meu contexto social, às vezes, é...está, escolher, eu acho que a escolha, escolher tem sido esse lugar. Eu não sei se eu respondi ou se eu fugi da sua pergunta.

ADRIELE:

Você pode compartilhar alguma experiência específica que destaque os desafios ou barreiras que você enfrentou como arqueóloga negra feminista em sua carreira?

GÉSSIKA MACÊDO:

Nossa... Muitos, mas tem um, que eu recentemente eu venho enfrentando-o, que até me veio na cabeça na hora que eu estava pensando sobre a nossa conversa, que é essa necessidade de reafirmar o tempo inteiro as nossas referências.

Tem um tweet aí, que eu não sei quem foi que publicou, mas ele sempre aparece, que é de uma menina, uma estudante de psicologia, por exemplo, que ela fala que no dia que ela tirou 10 numa avaliação, porque ela citou, acho que bell hooks, alguma autora negra, e aí ela citou o conteúdo e colocou a citação de Lacan e de Freud e aí ela tirou 10 por conta disso, porque nas outras vezes que ela citava as autoras, as referências não eram consideradas como referências de se citar e de peso. Então, eu tenho visto algo parecido, por exemplo, quando eu falo que eu estou entendendo, que eu quero entender uma situação social onde considera-se contribuições indígenas e negras, e aí eu estou utilizando o conceito de amefricanidade da Lélia Gonzalez ou de afropindorâmicas do Nêgo Bispo. As pessoas olham para mim e falam, “ah, mas você já leu Darcy Ribeiro? Você já leu Roberto DaMatta?” Sabe, tem uma cobrança por você citar essas referências hegemônicas e uma dificuldade de aceitar essas referências que as vezes as pessoas nem leram, ou não se interessaram e duvidam do seu argumento, duvidam do que você está ali colocando, sendo que você fez uma pesquisa inteira. E assim, isso tem me incomodado bastante e tem me feito pensar, em como se posicionar nesse momento.

A gente sabe que a universidade é um lugar de disputa, querendo ou não, ela é. Mesmo que você tenha uma consciência ali de que você está fazendo o seu, muitas vezes essas situações sempre aparecem e quando situações assim acontecem, as pessoas terem dúvidas das suas referências, você cite as referências hegemônicas e tem uma escolha, ou você vai preservar pela sua saúde mental, esse é o primordial dentro desse processo, ou você vai se colocar ali, você vai fazer, afrontar, não é nem afrontar, mas responder à altura. Então, nesses momentos que eu paro para pensar qual é a escolha que eu vou fazer, logicamente, se eu puder calar e priorizar minha saúde mental, é o que eu vou fazer. E me preparar para algum momento fazer isso de uma forma que seja tranquila para mim. Então, assim, eu acho que num momento, acho que isso já acontecia antes, só que eu acho que agora eu me incomodo mais com isso e quero responder mais. Então, isso é uma daquelas maiores situações que me incomoda bastante. A outra é falar sobre racismo, por exemplo, e se tornar entendível, não sei se você consegue me entender, mas sair de uma elaboração teórica da escrita, partir para a fala e falar de uma forma que você se torne entendível, com as pessoas. Eu não estou falando só do ambiente acadêmico, mas eu falo da minha área, que é que eu atuo, é de uma de diversidade pública, então nessa coisa da gente debater e querer de alguma forma construir uma outra realidade, além desses espaços, além dessa realidade de violência, eu acho que é um processo que, para mim, é muito trabalhoso, para mim, ele exige muito e eu me exijo muito nesse processo também. Eu acho que, além de entender como isso é uma responsabilidade, de estar debatendo sobre e ter uma responsabilidade mesmo, de estar debatendo sobre esse lugar, não só na academia, mas em outros casos, é... se torna algo que às vezes carrega um estigma, de quem está trazendo esse termo o próprio debate.

ADRIELE:

De que maneira a perspectiva feminista negra molda sua abordagem metodológica ao conduzir pesquisas arqueológicas?

GÉSSIKA MACÊDO:

É... Eu acho que quando eu penso, por exemplo, na Lélia, eu vejo que ela traz um olhar que eu acredito que só uma mulher na condição dela poderia ter, sabe. No sentido de só uma mulher. No sentido de ela precisaria ser uma mulher para ela ter esse olhar. No sentido desse compartilhamento, de confecção, de aliança, dessa coisa de não-separatista, nesse sentido. Então, eu acho que ela me inspira muito, em entender as coisas. Muitas vezes, é... em tentar na verdade, não separar as coisas, independente da luta. Porque é uma mulher que teve muita representatividade no movimento negro, num momento crucial, inclusive para a constituição de políticas

públicas. E que, quando ela fala, assim, de amefricanidade, ela não está falando somente daqui do Brasil, mas ela tá se comunicando com outras mulheres, ela traz de outros lugares, né. Então traz esse olhar específico para aqui que é algo que acaba se encaixando em muitas perspectivas, pensamentos. Eu acho que por conta dessa abordagem, mas eu vou entender essa constituição da memória social brasileira, e a luta, o racismo, desses diferentes povos.

ADRIELE:

Você poderia compartilhar alguma pesquisa específica em quem tenha incorporado uma abordagem feminista negra e como isso influenciou as descobertas e as interpretações?

GÉSSIKA MACÊDO:

A pesquisa da Irislane de Morais, que foi uma das que me inspiraram bastante. A de Gabby Hartmann, também, me inspiraram se utilizar essas abordagens afrocentradas. E foi algo que eu lembro que no início para mim era algo estranho. Entender essa abordagem afrocentrada, totalmente fora da curva, de alguém que não tinha essas referências, acaba entrando nesse mundo dessas referências e entender, por exemplo, qual a necessidade disso? Por que estamos direcionando essa pesquisa nesse sentido? Então, eu acho que foi as pesquisas que me abriram portas, principalmente em perceber esses detalhes das narrativas e fazer uma leitura em que a gente não está falando só sobre sofrimento e dor, sabe? A gente está falando sobre estratégias de sobrevivência, a gente está falando sobre celebrar o que nos fazemos melhor, celebrar as nossas características, celebrar a nossa cultura. Então, o que nos fortalece? eu acho que essa virada de chave de se esforçar mesmo e utilizar a pesquisa como uma ferramenta nesse sentido de construir narrativas que dão esperança e não que nos diminua, eu acho que foram e auxiliaram muito nesse processo de escrita, em todo o processo mesmo.

ADRIELE:

E tem alguma sua? Alguma pesquisa específica que você queira compartilhar também abordando sobre esse tema?

GÉSSIKA MACÊDO:

Tem, sim. Tem um artigo que saiu recentemente na revista LEPAARQ onde eu falo especificamente sobre os caboclos e como eu estou entendendo-os ali dentro dessa configuração, na verdade é parte da minha dissertação, já é mais falando sobre as narrativas, então é além da minha dissertação, tem ele, tem outros que estão pra sair, mas, por enquanto, temos ele disponível.

ADRIELE:

Qual a importância de incluir vozes e perspectivas diversas, especialmente de mulheres negras nos debates de pesquisas arqueológicas?

GÉSSIKA MACÊDO:

A importância no sentido de saber que existe uma lacuna, né? Grande, principalmente pensando nessa interseccionalidade. Retornando, assim, ao contexto que eu trago, mulheres que se dedicam à pesquisa e escolhem a carreira, a carreira acadêmica, essa produção intelectual como uma forma de vida, como uma forma de trabalho, meio que isso nem é considerado trabalho, né? De começar por aí. É algo que a nossa sociedade nos coloca, não foi uma opção, é uma opção recentemente. Então existe uma lacuna muito grande. Além de que a gente sabe que muitas produções intelectuais de mulheres foram apropriadas por homens, enfim. Então, eu acho que a importância, principalmente, dar prioridade a essas referências, a escolher as referências ela tá muito nesse movimento, de dar visibilidade a essas referências, mas principalmente, de trazer outras leituras pra esses

contextos arqueológicos, então não adianta querer fazer leituras diferentes se eu utilizo sempre o mesmo referencial. Você vê que muita coisa mudou, eu acho, desde quando eu estava começando a ler sobre isso e escrever sobre isso até hoje. Eu fico muito feliz em ver muitos trabalhos que estão cada vez mais sendo desenvolvidos de alguma forma, também sendo utilizado como referência. Já tive várias fases de gostar do que eu escrevo, de não gostar do que eu escrevo. Hoje eu fico feliz com tudo que eu já fiz. Então, quando eu olho, por exemplo, para as minhas referências, eu vejo que em algum momento eu tive essa preocupação de escolher não só por serem mulheres, mas para saber se elas estão localizadas se elas são do Brasil ou da América Latina, sabe? eu lembro que teve algum momento que eu falei, eu fui totalmente intencional, minha escolha foi totalmente política, abertamente política, porque acho que quando a gente tá fazendo ciência, querendo ou não, ainda que a gente não admita, a gente tá fazendo política também, eu corri o risco de não superar as expectativas, eu corri o risco de fazer uma leitura totalmente diferente do que se normalmente faz e eu acho que quando eu estava fazendo isso, escolhendo essas referências, eu já tinha noção que em algum momento eu ia ter o incômodo que eu tô tendo hoje, sabe? porque essa coisa já é mais verbal, não é eu que tô lá escrevendo o meu argumento e resolvendo aquilo lá no artigo, enfim, uma coisa mais padrão. Agora eu tenho que falar, agora eu tenho que me defender de uma outra forma, a gente vê o quanto que essa necessidade de utilizar essas referências é urgente e a gente vê o quanto isso é complexo, né? o quanto ainda assim, ainda hoje, quando a gente já tem tanta discussão sobre, ainda é diferente quando você chega e fala num grupo ali, numa disciplina, numa pesquisa, sabe? é como se você estivesse falando uma coisa de outro mundo, se perguntando será que eu tô muito isolada? Será que eu tô sozinha? Será que eu tô falando besteira? Ou é porque... não sei, tem várias coisas.

ADRIELE:

De que maneira você vê a arqueologia contribuindo para a compreensão das histórias das mulheres negras ao longo do tempo para a desconstrução de estereótipos?

GÉSSIKA MACÊDO:

Eu sempre gosto de pensar a arqueologia como uma importante ferramenta, assim, nessas lutas políticas, sabe? ou ela pode ser colocada para favorecer ou desfavorecer, né? então, quando ela é intencionalmente utilizada para exaltar essas trajetórias de mulheres negras para entender essas realidades, eu acho que ela tem um potencial incrível, sabe? tanto de leitura, de contexto, todas as ferramentas que a gente tem para documentar, para fazer análise micro quanto macro. Então, a gente não está só no laboratório, a gente está em campo, a gente está fazendo, a gente está escrevendo, a gente está elaborando intelectualmente e eu acho que enquanto uma ferramenta para evidenciar essas realidades, eu acho que tem uma potencialidade muito grande, eu acho que tem coisas, assim, por exemplo, é algo que eu fico pensando muito, sobre esse espaço doméstico, que a gente sempre acaba ou associando as mulheres especialmente as mulheres negras, sei lá, se a gente pensa em fazendas, se a gente pensa em todos os contextos coloniais, a literatura ela sempre fala um pouco sobre isso quando se fala no sentido de como se fosse algo dado, né? por exemplo, eu trago o que eu estou fazendo agora, eu estou estudando as cerâmicas contemporâneas, que são essas panelas de barro, pote de água que a gente já vai com o século XIX para cá. Então, quem começou a produzir, quem está produzindo esses potes são as mulheres negras, indígenas, né? são essas descendentes, né? Então, assim, por que que elas estão produzindo? Por que que elas estão nesses espaços domésticos? não só porque elas são mulheres, existem várias situações que colocam elas naquele espaço e principalmente o objeto que é produzido, os vasilhames, as panelas, não necessariamente eles não são apenas os utensílios domésticos, apenas para compor aquele espaço

doméstico, mas ele pode ser um instrumento de emancipação daquela mulher, sabe? Uma emancipação econômica dela, das artesãs que eu já conversei, as histórias elas são muito parecidas nesse sentido, de “ah meu marido faleceu quando eu estava com oito filhos e a opção que eu tive foi fazer panela, sabe? Fazer panela e fazer loiça”. Entende? então, acho que a partir de entender principalmente a trajetória dessas mulheres, entender quais eram as estratégias que elas estavam ali elaborando e aderindo para sair de uma realidade de dependência ou de uma realidade de miséria, assim, a gente entende ali uma movimentação social, não somente presa e restrita a um espaço doméstico, que alguém que sai e que sustenta uma família e que bota muita coisa para frente ali a partir de uma produção de uma panela de barro. Então, assim, e até hoje mesmo, dentro de um novo contexto em que eu estou me dedicando agora, as panelas de barro não são mais vendidas, não existe mais um comércio como existia há 50 anos atrás, quando se produz hoje é mais uma questão de reafirmação, sabe? ou de querer matar a saudade de produzir a panela de barro ou querer fazer para dar alguém um presente, então vem dessa história de querer manter, aquela tradição que representa mesmo a construção de uma família. E, assim, não dá para me olhar, por exemplo, para essas panelas que são produzidas, e olhar para essas artesãs e não pensar ela enquanto uma mulher negra e como ela está se vendo, né? não sei como ela se vê, sei como é que ela está. Mas é louco nesse processo de pesquisa porque quantas pessoas, quando a gente olha para as pessoas e faz uma leitura, e às vezes elas ficam ali contando a história delas e as histórias que elas contam sobre as avós, as mães, elas são totalmente distantes de toda essa leitura de uma mulher negra, sabe? as vezes as pessoas não querem se ver como mulher negra justamente por todos aqueles estigmas que a gente já sabe e aí é onde eu resolvo também essa minha dificuldade, de como não ficar dessa discussão somente na escrita, mas trazer isso para o diálogo também porque da mesma forma que eu sei que o meu letramento racial vem dessa minha pesquisa, eu sei que existe a realidade que esse letramento racial nem chegou, sabe? e é justamente com essas pessoas que eu estou, que eu me interesse em estar dentro desse contexto e conversar sobre, está ali de alguma forma, pensar nessa colaboração. Então, é isso.

ADRIELE:

Você alguma questão que acha interessante abordar para essa temática que não foi abordada durante a entrevista.

GÉSSIKA MACÊDO:

Então, eu acho que eu acabei falando dela, que é justamente essas mulheres, pensar essa perspectiva de gênero, sabe? porque também pensando muito nessas relações étnicas, como por exemplo, essas panelas, elas têm sido desenvolvidas em diferentes contextos, seja dentro do quilombo ali fortemente associada a uma memória negra, ou fora dos quilombos, onde estão mais relacionadas a uma memória indígena, mas isso não significa que elas não estejam juntas, porque se a gente pensar as histórias do quilombo, a gente está falando de ambos. Enfim, eu tenho pensado muito nessa perspectiva étnica, mas muito pouco sobre essa perspectiva de gênero, sabe? e é algo que tem sempre surgido nas entrevistas que eu tenho feito e que tem me provocado bastante, eu pretendo, inclusive, mergulhar.

Fonte: Produzidos pela autora com o auxílio do aplicativo Celeste de transcrição

Apêndice D: Entrevistada n° 4

Dia da conversa	19/01/2024 as 14:30.
Tempo de entrevista	00:38:56
Nome da entrevistada	Patrícia Marinho de Carvalho
Link do encontro remoto	https://drive.google.com/file/d/1EFgBuq9kvubmRUD2NH9sp0g95JIO8dti/view?usp=drivesdk
Breve descrição	Patrícia Marinho de Carvalho é arqueóloga, com mestrado e doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), tendo obtido os títulos em 2012 e 2018, respectivamente, tendo mestrado financiado por Ford Foundation International Fellowships Program (IFP), e doutorado financiado pela CAPES. Tendo Especialização em Arqueologia pela Universidade de Santo Amaro - UNISA (2008), e graduação Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP (2004).

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

ADRIELE:

Eu acho que inicialmente, em primeiro momento, você falar um pouco mais sobre você, sobre a tua trajetória profissional.

PATRÍCIA MARINHO:

Minha trajetória profissional é a partir do momento que eu entro na arqueologia, né? porque eu só vim me tornar arqueóloga mais velha, eu entrei na universidade com 24 anos para cursar ciências sociais, e não vou saber te dizer, assim, com quantos anos eu fiz isso, com quantos anos eu fiz aquilo, mas o ano que eu ingressei no mestrado e doutorado, isso sim, o mestrado em 2008, né? foi aprovado no processo seletivo da Ford Foundation International Fellowships Program (IFP) em 2007 e em 2008 foi aprovada no processo seletivo de ingresso na pós-graduação do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP). Eu concluí em 2012, defendi o meu mestrado, minha dissertação e aí, em 2014, ingressei no doutorado e em 2018 concluí o doutorado. Quando 2004, mais ou menos é, 2003, quando eu estou concluindo a minha graduação eu me interessei pela arqueologia, porque eu fui fazer umas disciplinas pra concluir a minha graduação, porque eu já estava lá estudando fazia 9 anos, eu precisava me formar, 9 anos pra fazer ciências sociais, se não ia ser jubilada, então eu fui procurar todas aquelas disciplinas que a Universidade de São Paulo oferecia e retratavam a partir do olhar das suas áreas a cultura, a materialidade, o ato diaspórico, né? e foi assim que eu fui fazer uma disciplina no Museu de Arqueologia, uma disciplina que era estudos de arte africana da professora Marta Eloísa, a Lise, e foi a partir dessa disciplina que eu comecei a me interessar pela arqueologia, estudar arqueologia, trabalhar com arqueologia e nos anos seguintes, logo na sequência que eu decidi que eu queria estudar arqueologia na pós-graduação, um pouco antes de eu me formar eu fui trabalhar com arqueologia de contrato, eu recebi um convite da Lúcia Juliani para participar como estagiária num projeto de arqueologia em Minas Gerais, então eu entrei na arqueologia estudando, me interessando pela materialidade africana e afro diaspórica decidindo que era a minha área de pesquisa e como trabalho foi no contrato.

ADRIELE:

Como suas experiências pessoais como mulher negra influenciaram sua decisão de se tornar arqueóloga e sua abordagem à pesquisa arqueológica?

PATRÍCIA MARINHO:

Ah, então eu sou uma mulher negra que foi criada por uma família não negra, depois da separação dos meus pais eu fui criada pela minha avó paterna, que era branca e a família branca, né? parte da família branca, mas eu sou descendente de portugueses e a minha avó era do interior de São Paulo, ela trabalhou na roça durante muito tempo, desde criança, né? ela trabalhou na roça e quando já maior de idade os pais dela, mandaram ela para São Paulo pra trabalhar de empregada doméstica pra poder ajudar a sustentar as outras irmãs os irmãos menores. Então, eu lembro da minha avó que sempre trabalhou fora de casa, né? E eu ficava mais tempo da minha vida com meu avô, os dois, né? Mas o meu avô ali no cotidiano, a gente mexeu muito com planta, né? tinha muitas plantas na minha casa, tanto planta paisagísticas, porque a minha avó gostava de flores, então tinha muita planta de flor, assim, mas também tinha muita planta para a alimentação, tinha tomate, abóbora, salsinha essas coisas de horta, e até cabaça, sabe? cabaça, coité, a gente plantou em casa quando eu era criança e eu voltei a plantar depois de adulta, porque depois de adulta eu fui fazer xequerê instrumento e aí eu tentei fazer um plantio de cabaças em casa, não deu muito certo por causa do espaço já não era mais o mesmo, eu acabei tendo que comprar as cabaças, então eu sempre tive uma relação muito próxima com plantas, as plantas elas tiveram sempre presente no meu cotidiano e isso é uma coisa que eu remeto à minha origem, né? que me remete aos meus ancestrais, ainda criança morei mais um tempo com a minha mãe e depois voltei a morar com a minha avó paterna e tal, mas nos períodos que eu estive com a minha mãe, eu também me recordo das vezes que a mãe levava a gente em algum terreiro de umbanda, algum terreiro de candomblé, então eu tinha esse outro referencial também afro religioso, então quando eu entrei na universidade em 1996 quando ainda a gente não tinha sistemas de ações afirmativas, porque a USP, que é uma universidade elitista, era além de elitista e racista, realmente a gente não tinha muitos estudantes negros na USP, eu numa turma, quando eu entrei numa aula inaugural com 100 alunos eu contei duas pessoas negras na sala de aula então eram outros tempos, assim, então eu me sentia, era muito deslocamento, eu sofri toda a minha trajetória acadêmica, ela foi muito truncada, com questões de autoestima, de poder acreditar realmente, além da dificuldade, óbvio, porque eu já era mãe quando eu comecei a estudar na graduação trabalhava oito horas por dia, e filho, e creche, e saúde de filho, todas essas dificuldades, e eu também me sentia muito solitária na minha vida acadêmica, me aproximando das pessoas conheci o núcleo de consciência negra, eu fui fazer dança afro e tudo, mas mesmo assim, academicamente, um diálogo sobre a diáspora africana ele foi sempre muito solitário, então, dentro da universidade eu procurei dialogar com as minhas raízes da onde eu vim, da onde eu me sentia pertencente e por isso que eu fui para os assuntos da diáspora africana, porque no primeiro momento quando eu resolvi fazer ciências sociais eu me interessava pela sociologia, pela ciência política e depois, quando eu fui estudando e vivenciando a própria universidade, o sindicato pois, nesses primeiros anos, eu era sindicalista também então, todas essas experiências me levaram para estudar a problemática que envolve as relações étnico-raciais, a cultura africana, as questões da religiosidade africana, da intolerância religiosa, enfim, eu juntei essas duas coisas no mestrado que era a questão das plantas essa coisa ancestral que fazia parte da minha família e da minha espiritualidade, porque eu sou filha de Iansã com Oxóssi e na umbanda, Oxóssi é o senhor das matas, é o conhecedor das plantas, é o detentor desse conhecimento então, foi um ingresso na arqueologia uma busca por mim mesma, pela minha ancestralidade.

ADRIELE:

Como você vê a interseccionalidade moldando sua jornada na arqueologia considerando as complexidades de ser uma mulher negra no campo?

PATRÍCIA MARINHO:

Me entendendo enquanto mulher negra, tantas e tantas coisas que eu tive que fazer para me manter na academia e fazer para me manter viva, né? Então eu já fiz muitas coisas nessa vida mesmo, desde que eu comecei a trabalhar com arqueologia, eu me foquei mais o trabalho mesmo, eu direcionei todo o meu trabalho pra arqueologia, eu trabalhei durante anos no serviço público, logo que eu engravei do meu filho, eu recorria ao serviço público para ter uma estabilidade e conseguir minimamente criar meu filho com um pouco mais de segurança, quando ele já estava maior, eu fui começar a minha pós-graduação, então eu investi nos meus trabalhos em arqueologia e logo de cara assim eu conseguir entrar num mestrado com bolsa da Fundação Ford, Isso abriu muitos horizontes também, ser bolsista da Fundação Ford me deu outras possibilidades durante um tempo, porque o mestrado era 3 anos na época, o meu durou 4 anos pois pedi prorrogação, eu trabalhava com

música, eu cantava numa banda isso surgiu no circuito universitário, então, de algum modo eu levei isso para dentro da minha pesquisa, no sentido da educação, porque eu trabalhei com projetos de musicalização, construção de instrumentos a partir de materiais reciclados, então, essa questão do projeto de inventividade entrou na minha pesquisa.

O fato de ser mãe por exemplo, isso me fez ter um reflexo, atravessa a minha pesquisa de alguma maneira, porque quando eu fui morar em Vila Bela da Santíssima Trindade o meu filho também foi pra lá, para mesma região que eu morava, não exatamente foi morar comigo, mas foi tentar a vida que eu tive também onde eu estava então, isso tem um reflexo na minha vida, a vida de arqueóloga te leva pra muitos lugares e isso foi muito conhecimento que eu adquirir e muitos contatos do que eu fiz através do meu trabalho com arqueologia, porque eu acabei me tornando uma referência de estudo de quilombo, pois eu trouxe isso pra pesquisa, então as pessoas me chamavam, as pessoas me deram aquela uma recolhimentação ali, as pessoas me chamavam pro trabalho nos quilombos, eu estudando quilombos e vivenciando quilombos em vários sentidos, fui morar em uma comunidade remanescente de quilombos, na qual eu desenvolvi a pesquisa durante o doutorado, então as minhas lutas pessoais enquanto mulher negra elas refletem na minha pesquisa, eu tô sempre preocupada com quem vai trabalhar comigo, quais são as pessoas, que mulheres eu levo pra trabalhar comigo, pois eu gosto muito de trabalhar com mulheres e sempre que possível na minha pesquisa eu incorporo mulheres, mas se eu tô levando homens, que homens são esses que vão trabalhar comigo.

A minha atuação na arqueologia, o meu ser feminista passa também em todas as dimensões da minha vida, mas na arqueologia ainda que eu não desenvolva uma teoria de gênero, uma teoria feminista negra, dentro da arqueologia não é minha área de estudo, mas sempre que necessário que o tema que eu tô trabalhando pede, eu dialogo, porque eu leio as autoras, eu me interessar pela arqueologia feminista negra, é um tema de interesse, então tá presente no meu trabalho, esses atravessamentos todos, é muito visceral, a minha carreira acadêmica ela é muito visceral com a minha vida, então é puro atravessamento do começo até o fim.

ADRIELE:

Você pode compartilhar alguma experiência específica que destaque os desafios ou barreiras que você enfrentou como arqueóloga negra em sua carreira?

PATRÍCIA MARINHO:

Acho que um grande desafio foi ter largado tudo aqui em São Paulo e ter me mudado para o Mato Grosso, eu fiz isso pela pesquisa e por mim, né? porque desde sempre, como eu te falei lá no começo, é por mim que eu faço, é pela minha ancestralidade, obvio vou estar sempre na frente, obviamente, mas foi pela pesquisa, eu fui morar lá porque era um projeto de arqueologia colaborativa que eu achei que carecia realmente precisava estar lá com as pessoas para entender aquela cotidianidade deles, vivenciar isso e para que eles me conhecessem também, para ser uma pesquisa mais simétrica, uma pesquisa realmente colaborativa então, estar ali no cotidiano do quilombo como eu mesma, como Patrícia, uma mulher que chegou lá solteira, mãe de filho adulto, com os meus gostos musicais, os meus gostos sexuais, eu mesma, isso é uma coisa muito importante na pesquisa, porque quando a gente pega uma metodologia, uma teoria colonialista, eurocentrada, a gente tem essa perspectiva do pesquisador como neutro, essa neutralidade da pesquisa acadêmica como alguém de fora, como alguém que tem que ter determinadas posturas então, não tem que ter postura dentro de uma sociedade, principalmente você tem que ter muito respeito quando o seu trabalho é de interação com pessoas, em qualquer âmbito, da vida, seu trabalho acadêmico, se você trabalha num hospital, se você é um condutor de um transporte público, enquanto você tem que ter muito respeito pelo outro que está trabalhando com a vida de outras pessoas então, isso não entra em questionamento, eu não vejo questionamento nesse sentido, eu vejo no sentido daquela orientação de que o pesquisador ele tem que estar totalmente distante daquele objeto de pesquisa para ver com clareza, inclusive, essa é a melhor palavra para se usar nesse caso, porque eu acho que um pensamento afrocentrado quando você está trabalhando a partir de um ponto de vista de uma filosofia sankofa você está procurando dialogar com a sua ancestralidade com os seus iguais e para que esse distanciamento? não pode existir esse distanciamento nesse sentido, você está entendendo? mas esse tipo de afastamento irreal criado isso para mim não funciona, hoje eu falo assim para você com amadurecimento teórico, né? mas mesmo quando eu comecei a minha

pesquisa eu acredito que a minha própria vivência afrodiáspórica não ia me permitir esse distanciamento todo, muito pelo contrário, eu sou amiga das pessoas que eu trabalhei com elas nessas comunidades, fiz contato com muitas delas.

ADRIELE:

De que maneira a perspectiva feminista negra molda sua abordagem metodológica ao conduzir pesquisas arqueológicas?

PATRÍCIA MARINHO:

Ah, isso que eu falei um pouco me antecipei falando para você, né? ainda que eu não trabalho com gênero e tudo eu sou da teoria da minha amiga Rosinalda Simoni, eu sou uma amiga feminista de terreiro, religioso também porque eu sou umbandista, mas nos terreiros onde eu atuo, eu atuo em vários terreiros, atuo no terreiro acadêmico, atuo no terreiro familiar, atuo no terreiro cultural, em vários terreiros, então uma vez feminista sempre feminista, uma vez que você abre o seu olhar, você direciona o seu olhar para essa questão de entender o que são feminismos, porque eu também estou pensando no feminismo negro, eu também estou pensando no mulherismo africano, eu também estou pensando em muitas formas, estou juntando tudo e dizendo feminismo, então quando você abre o seu olhar você vê enquanto você se enxerga enquanto essa mulher que é oprimida por uma sociedade, por uma mulher que não consegue ver essa opressão e não é possível que ela não se revolte, porque tem umas que vê a opressão e quer justificar através da religiosidade, dizendo que Deus quer ou seja assim tá escrito e tal, mas uma mulher com um senso crítico que leva a se revoltar com opressões, todo o meu fazer arqueológico ele é um fazer feminista partindo desse ponto de vista, porque não dá para dissociar uma coisa então eu vou estar sempre prestando atenção com os públicos que eu trabalho, a maneira com que eu trabalho, a maneira com que eu recebo as respostas do meu público, tem situações de extremo machismo que a gente é colocado no nosso campo de trabalho, no cotidiano, em nossas pesquisas, nas comunidades onde nós trabalhamos, pois nós somos muitas vezes atacadas por questões machistas opressoras mesmo, então eu não penso duas vezes se eu tiver que cortar, eliminar determinado ator da pesquisa, redirecionar o rumo da pesquisa por conta de opressões machistas ou ter que lutar contra aquele machismo mesmo para construir um outro nível de diálogo, ele vai estar sempre presente porque eu acho que é uma coisa intrínseca não dá para separar e por isso que eu falo ainda que eu não tenha esse lugar especial a questão feminista não tem esse lugar especialmente escrito no meu trabalho, ele está presente no meu fazer arqueológico.

ADRIELE:

Você poderia compartilhar alguma pesquisa específica em que tenha incorporado uma abordagem feminista negra e como isso influenciou descobertas ou interpretações?

PATRÍCIA MARINHO:

Assim, especificamente eu construí de forma colaborativa coletiva com umas colegas da arqueologia onde eu sou a única mulher negra um manual de campo, um zine feminista, esse zine feminista eu fiz de forma colaborativa com algumas mulheres, nós éramos amigas da arqueologia e nós já estávamos preocupadas com essas questões do machismo na arqueologia então, cotidianamente a gente se encontrava e uma falava isso, aconteceu aquilo, então a gente tinha muitas ideias parecidas sobre esse tema, acabou que a gente montou um grupo de amigas no WhatsApp que não era para discutir feminismo ou coisas do tipo mas, inevitavelmente a gente começou, e de repente chegava uma denúncia “uma mina falou que tem uma mina que está sofrendo uma opressão de um cara machistão lá na universidade dela”, e aí a gente atuava de forma individual, forma conjunta e nessas atuações que a gente fez, acabou produzindo um zine que era como um manual de proteção da mulher arqueóloga em campo e isso é uma produção legal vale a pena citar, alguns anos que a gente escreveu e o lançamento foi na SAB, inclusive numa SAB acho que Floripa 2013, onde a Loredana tinha um simpósio sobre arqueologia de gênero, então a gente fez uma associação com ela ali e fizemos um lançamento do zine no simpósio dela e esse fanzine fez história, agente aplicou, leu, levou pra campo falando muito sobre, tá na hora de reativar ele inclusive.

ADRIELE:

Eu gosto muito de zine, acho muito interessante!

PATRÍCIA MARINHO:

É muito, uma linguagem que chega né.

ADRIELE:

Qual a importância de incluir vozes e perspectivas diversas especialmente de mulheres negras em pesquisas arqueológicas?

PATRÍCIA MARINHO:

Olha, a gente vive num país estruturalmente racista, a gente não tem como romper o racismo se pessoas negras não assumirem lugares de destaque na produção do conhecimento científico desse país, a gente precisa construir, elaborar epistemologias negras, porque a gente não pode ficar esperando que o branco racista mude de ideia, mas a gente tem que desenvolver nossas epistemologias negras para ver como a gente sobrevive e extrapola, supera essa estrutura racista onde a gente vive. O mesmo para a arqueologia, arqueologia é uma ciência, mulher negra produzindo conhecimento científico na arqueologia o que a gente espera? uma arqueologia machista, o que a gente vê? a gente vê uma arqueologia que ainda insiste em negar nossas vozes, dizer que as nossas reivindicações elas não são verdadeiras, o que a gente ouve em congresso? a gente está ouvindo que o que a gente faz não é arqueologia, que falar das nossas dores não é arqueologia, então é isso, mostra que a gente está incomodando porque quando as pessoas se adoram pra dizer que o que a gente está fazendo não é arqueologia.

ADRIELE:

De que maneira você vê a arqueologia contribuindo para a compreensão das histórias das mulheres negras ao longo do tempo e para a desconstrução de estereótipos?

PATRÍCIA MARINHO:

Olha arqueologia para mulheres negras, para pessoas negras, para os povos negros, ela tem um papel fundamental, porque a arqueologia propõe trabalhar com a materialidade, então quando você está trabalhando com a materialidade mulheres negras, quando pessoas negras estão trabalhando com a materialidade negra que é diferente de uma pessoa branca trabalhar com a materialidade negra e tem que ser, tem que ser porque essa sociedade ela conduz o nosso olhar, ela conduz a questão do racismo ser estrutural, que não é só uma prática ali dos postos de trabalho sabe? onde você vê o racismo, tem um campo sensível do racismo que ele opera nessas relações, então uma pessoa branca produzindo conteúdo arqueológico afro-diaspórico tem um olhar, uma pessoa negra produzindo conteúdo afro-diaspórico ela tem um olhar, eles podem olhar para a mesma coisa e eles podem ver coisas diferentes sim, porque a gente está sob a mesma estrutura, mas ocupando papéis diferentes, então pessoas negras produzindo conhecimento, é o que é necessário para mudar essa visão. Finalizando é muito importante para a mulher, porque a mulher negra fazedora de arqueologia também é diferente de uma mulher branca fazedora de arqueologia, eu me lembro que quando eu me juntei com uma colega minha branca para a gente fazer uma empresa de arqueologia que trabalhava com questões de educação patrimonial, esse tipo de projeto e muitas vezes que eu ia fazer levantamento de patrimônio material nos interiores do Brasil, muitas vezes eu coordenei um projeto não só com essa colega, com outros colegas também e me lembro muito bem quando eu estava fazendo uns trabalhos em Pernambuco, eu estava fazendo levantamento de patrimônio material e eu levei então os arqueólogos nesse processo para ir junto comigo para campo e esses os arqueólogos brancos que eu levei comigo e arqueólogos homens e pessoas brancas elas tinham um tratamento diferenciado, as vezes eu chegava em uma prefeitura de um desses interiores eu me apresentava, a pessoa se apresentava e eu apresentava o motivo da pesquisa “olha, estamos aqui por isso, por aquilo, fazemos isso e aquilo vamos fazer aquilo, gostaria muito de saber isso e isso”, aí muitas vezes, incontáveis vezes a pessoa nem respondia para mim olhando para mim, a pessoa respondia olhando para a pessoa branca que estava comigo, como se “essa aí que deve ser a chefe dela, deixa eu responder para ela” então, a pessoa branca que estava comigo nem se ligava porque é o privilégio da branquitude, então é muito difícil achar o próprio privilégio mas eu sempre falava, eu sempre ensinei, eu sempre fui uma educadora antirracista, então também ensinei as pessoas que trabalham comigo, ensino a enxergar o racismo onde ele existe.

ADRIELE:

Você teria alguma questão que você acha interessante abordar para essa temática que não foi abordada no decorrer das perguntas?

Não é uma questão, mas eu gostaria de dizer que em outros tempos eu não me sinto mais tão solitária na arqueologia, eu tenho dialogado com muitos estudantes mais jovens que estão entrando agora no seu mestrado, no seu doutorado, muitos estudantes da graduação também produzindo conhecimento Afrocentrado ou afrodiaspórico, eu tenho tido contato com muita gente, muito jovem, muita produção de novas epistemologias negras que estão me deixando feliz e menos solitária, isso é uma coisa importante a gente está num outro momento, a solidão não tem volta atrás, nem um passo atrás é tudo nosso.

Fonte: Produzidos pela autora com o auxílio do aplicativo Celeste de transcrição

Apêndice E: Questionário aplicado

Questionário

Perguntas direcionadas para três arqueólogas:

- 1- Como suas experiências pessoais, como mulher negra, influenciaram sua decisão de se tornar uma arqueóloga e sua abordagem à pesquisa arqueológica?
- 2- Como você vê a interseccionalidade moldando sua jornada na arqueologia, considerando as complexidades de ser uma mulher negra no campo?
- 3- Pode compartilhar alguma experiência específica que destaque os desafios ou barreiras que você enfrentou como arqueóloga negra feminista em sua carreira?
- 4- De que maneira a perspectiva feminista negra molda sua abordagem metodológica ao conduzir pesquisas arqueológicas?
- 5- Você poderia compartilhar alguma pesquisa específica em que tenha incorporado uma abordagem feminista negra, e como isso influenciou as descobertas ou interpretações?
- 6- Qual é a importância de incluir vozes e perspectivas diversas, especialmente de mulheres negras, nos debates e pesquisas arqueológicas?
- 7- De que maneira você vê a arqueologia contribuindo para a compreensão das histórias das mulheres negras ao longo do tempo e para a desconstrução de estereótipos?
- 8- Alguma questão que você acha interessante abordar para essa temática que não foi abordada?

Perguntas direcionadas a estudante de arqueologia:

- 1- Quais foram os principais desafios que você enfrentou ao ingressar nessa área?
- 2- Como a sua identidade como mulher negra influencia a sua abordagem na arqueologia?
- 3- Como tem sido a sua experiência como estudante de arqueologia na universidade?
- 4- Quais são os seus principais interesses de pesquisa dentro da arqueologia?
- 5- Que conselhos você daria a outras estudantes de arqueologia negra que estão começando?

Fonte: Produzido pela autora